

CULTURA E EXPERIÊNCIAS NIPO-BRASILEIRAS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Laís Miki Inoue Nagano

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Veiga de Castro

**São Paulo
2020**



**Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo**

Laís Miki Inoue Nagano | 8556186
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Veiga de Castro

**CULTURA E EXPERIÊNCIAS NIPO-BRASILEIRAS
NA CIDADE DE SÃO PAULO**

São Paulo
2º semestre | 2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Nagano, Laís Miki Inoue

Cultura e experiências nipo-brasileiras na cidade de São Paulo / Laís Miki Inoue Nagano; orientadora Ana Claudia Veiga de Castro. - São Paulo, 2020.

151 p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

1. Associações Nipo-brasileiras. 2. Memória Coletiva. 3. Imigração Japonesa. I. Castro, Ana Claudia Veiga de, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer imensamente à minha família. Como descendente de imigrantes, esse trabalho consiste também em uma forma de homenagem a todo o suporte incondicional.

Agradeço ao Lucas, pelo companheirismo em todos os âmbitos da minha vida.

Agradeço aos meus amigos, desde aquelas amizades mais antigas até as mais recentes. Em especial um obrigada à Alice, Luísa e Milena, presentes nos momentos mais desafiadores da graduação e ao Caio, pela ajuda nessa etapa final.

Agradeço às convidadas da banca por aceitarem o convite para eu poder compartilhar um pouco desse meu trabalho. Um agradecimento a mais à minha orientadora Ana não somente nessa pesquisa mas também pelo apoio nesse período importante de finalização de um ciclo.

Agradeço à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, incluindo alunos, professores e funcionários que contribuíram para minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

Por fim, agradeço às pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a construção desse trabalho, por meio de indicações, entrevistas ou conversas.

SUMÁRIO

Glossário.....	09
Resumo.....	11
Abstract.....	11
1. Introdução.....	12
2. Metodologia.....	15
3. Síntese bibliográfica.....	16
3.1. Antecedentes da imigração no Brasil e no Japão.....	17
3.2. Primórdios da imigração no Brasil.....	18
3.3. Desenvolvimento da imigração no Brasil.....	20
3.4. Os imigrantes japoneses na cidade de São Paulo.....	25
3.5. A comunidade nipo-brasileira e a sociedade brasileira.....	27
3.6. As associações nipo-brasileiras.....	29
3.7. As associações de província (Kenjinkais).....	34
3.8. Cenário atual da comunidade nipo-brasileira.....	38
3.9. Reflexões sobre memória e identidade.....	44
4. Lugares relacionados com a comunidade nipo-brasileira em São Paulo.....	46
4.1. Instituições culturais de grande porte.....	46
4.2. 47 associações de província (Kenjinkais).....	50
4.3. Outras associações (Kaikans).....	51
4.4. Outros locais relacionados com a comunidade nipo-brasileira.....	51
4.5. Mapa síntese.....	52
5. As associações visitadas.....	60
5.1. Associação Toyama Kenjin do Brasil.....	61
5.2. Gifu Kenjinkai do Brasil.....	63
5.3. Associação dos Shizuoka Kenjin do Brasil.....	65
5.4. Associação Cultural Fukui Ken do Brasil.....	68
5.5. Associação Cultural e Assistencial Kanagawa.....	70

5.6. Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil.....	72
5.7. Associação Ishikawa Ken do Brasil.....	75
6. Proposta de material gráfico.....	78
6.1. Referências.....	78
6.2. Eventos típicos.....	84
6.3. Atividades e cursos.....	85
6.4. Espaços e elementos representativos.....	85
6.5. O guia.....	86
6.6. Possibilidades além do guia.....	91
7. Considerações finais.....	92
8. Referências bibliográficas.....	94
 ANEXO: Guia de cultura e experiências nipo-brasileiras na cidade de São Paulo	 98

LISTA DE FIGURAS

1. Passaporte da família do meu avô materno utilizado na imigração para o Brasil.....	13
2. Foto do passaporte da família do meu avô materno.....	13
3. Metodologia da pesquisa.....	15
4. Navio Kasato Maru.....	19
5. Hospedaria dos Imigrantes no ano de 1887.....	19
6. Colônias japonesas no estado de São Paulo (1926).....	22
7. Trabalhadores podando chá em Registro - SP.....	23
8. A região da Rua Conde de Sarzedas (1910-1940).....	26
9. Unidades administrativas (províncias) do Japão.....	35
10. Edifício da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social.....	47
11. Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.....	47
12. Casa de Cultura Japonesa da USP.....	48
13. Japan House.....	49
14. Pavilhão Japonês no Parque do Ibirapuera.....	50
15. Mapa dos locais associados à cultura nipo-brasileira na cidade de São Paulo.....	53
16. Mapa das associações de província sobreposto ao Mapa Racial do Brasil com foco na cidade de São Paulo.....	55
17. Mapa das associações de província distribuídas por localização e tipologia.....	57
18 e 19. Fotos da exposição “Japão 47 artesãos”.....	79
20 e 21. Fotos dos objetos representativos de cada província na exposição “Japão 47 artesãos”..	79
22 e 23. Páginas do caderno da Jornada do Patrimônio de 2019.....	81
24 e 25. Páginas introdutórias de “Memórias Resistentes, Memórias Residentes”.....	82
26 e 27. Páginas dos locais de “Memórias Resistentes, Memórias Residentes”.....	83
28 e 29. Fotos do palco (à esquerda) e artefatos típicos das províncias originais (à direita).....	86
30. Material gráfico preliminar do guia elaborado pela autora (informações sobre a associação)...	87
31. Material gráfico preliminar do guia elaborado pela autora (inserção da associação na cidade)...	88
32. Elementos gráficos do guia.....	90
33. Mapeamento coletivo dos lugares de memória nipo-brasileiros.....	91

LISTA DE TABELAS

1. Distribuição dos imigrantes oriundos do Japão, naturais e brasileiros, segundo as unidades da Federação (1940/1950).....	24
2. Total de imigrantes japoneses no Brasil por províncias (1904-1984).....	36
3. População brasileira e nikkei segundo Unidades da Federação (1960 e 2000).....	39
4. Quadro comparativo da utilização dos espaços das associações no passado e utilização no presente e reflexões para o futuro.....	45

LISTA DE GRÁFICOS

1. Questionário e respostas da pesquisa com a comunidade de descendentes e não-descendentes frequentadores de eventos.....	40
2. Questionário e respostas da pesquisa com a comunidade de descendentes e não-descendentes não frequentadores de eventos.....	41
3, 4 e 5. Questionário e respostas da pesquisa com as associações de província.....	43
6. Associações de província distribuídas por localização.....	56
7. Associações de província distribuídas por tipologia.....	56
8. Associações de província distribuídas por ano de fundação.....	58
9. Associações de província distribuídas por número de associados.....	59

GLOSSÁRIO

Bonenkai: confraternização de comemoração de fim de ano;

Bunka-sai: festival da cultura japonesa;

Dekassegui: emigrante que deixa temporariamente o seu país para trabalhar em um outro, com a finalidade de ganhar dinheiro e retornar para o país original;

Etegami: pintura com mensagem;

Fujinkai: associação feminina;

Gujo Odori: dança típica da região de Gifu no Japão;

Haiku-kai: poema curto de origem japonesa;

Ikebana: arranjos florais;

Issei: imigrantes japoneses ou japoneses de primeira geração;

Kachigumi: imigrantes japoneses que acreditavam na vitória do Japão na guerra;

Kaikan: entidades de apoio e divulgação da cultura oriental, sendo um salão de reunião e sede das associações culturais e/ou esportivas mantidas por japoneses e seus descendentes;

Karaokê: prática em que cantores amadores performam músicas instrumentais;

Karatê: arte marcial japonesa;

Kassa Odori: dança típica com a utilização de sombrinhas coloridas;

Keirokai: confraternização de homenagem aos idosos;

Kenjinkai: expressão comumente utilizada para referir-se genericamente a qualquer “associação de província”. “Ken” se refere à província de onde os imigrantes vieram no Japão;

Kenren: Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil;

Makegumi: imigrantes japoneses que acreditavam na derrota do Japão na guerra;

Mangá: história em quadrinhos no estilo japonês;

Matsuri: festival tradicional;

Mochitsuki: evento para se fazer mochi, um tipo tradicional de bolinho de arroz;

Nihonjinkai: associações culturais e/ou esportivas de japoneses;

Nikkei: denominação em língua japonesa para os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou para japoneses que vivem regularmente no exterior. Também inclui pessoas de descendência racial mista ou sem descendência racial que se identificam como “nikkei”;

Nissei: segunda geração dos imigrantes japoneses, sendo os filhos de japoneses (“issei”) e nascidos no país em questão;

Rojinkai: associação de idosos;

Sansei: terceira geração dos imigrantes japoneses, sendo os netos e japoneses (“issei”) e nascidos no país em questão;

Seinenkai ou seinen-bu: associação dos jovens;

Shinnenkai: confraternização para comemoração de ano novo;

Shodô: arte japonesa da escrita. “Sho” significa caligrafia e “Do” caminho;

Soroban: instrumento de cálculo japonês;

Taissô: exercícios de ginástica acompanhados de música e instruções;

Udon: tipo de macarrão grosso feito à base de farinha;

Undokai: gincana poliesportiva;

Zenidaiko: performance em que são usados bastões de bambu com moedas no interior.

RESUMO

TÍTULO: Cultura e experiências nipo-brasileiras na cidade de São Paulo

PALAVRAS-CHAVE: associações nipo-brasileiras; memória coletiva; imigração japonesa.

O trabalho aborda a imigração japonesa tendo como objeto de estudo os espaços relacionados à memória coletiva desse grupo, mais especificamente as associações nipo-brasileiras e a comunidade que frequenta esses espaços. Busca-se compreender as motivações para o surgimento e os usos dos espaços das associações no passado, verificando como isso vem ocorrendo atualmente e o que se espera em um cenário futuro. Pelo fato de haver pouca documentação e discussão sobre as associações existentes na cidade de São Paulo, pretende-se contribuir para a discussão da cultura nipo-brasileira por meio do registro e da divulgação desses espaços elaborando um material gráfico estruturado na forma de guia.

ABSTRACT

TITLE: Japanese Brazilian culture and experiences in the city of São Paulo

KEYWORDS Japanese Brazilian associations; collective memory; Japanese immigration

The research discusses about Japanese immigration studying the spaces related to the collective memory of this group, more specifically the Japanese Brazilian associations and the community that frequents these spaces. It seeks to understand the motivations for the emergence and uses of the association spaces in the past, verifying how this has been occurring today and what is expected in a future scenario. Based in the existence of few documentation and discussion about the associations in the city of São Paulo, it is intended to contribute to the discussion of Japanese Brazilian culture through the registration and dissemination of these spaces by creating a structured graphic material in the form of a guide.

1. INTRODUÇÃO

Por meio dessa introdução busco compartilhar um pouco do processo que me levou à escolha do tema apresentado nesse trabalho. Dessa forma, acredito ser necessário expor esse tema de forma direta e posteriormente explicar os caminhos e motivações que me trouxeram até ele. De modo geral, a pesquisa abrange a imigração japonesa e a proposta consiste em elaborar um estudo sobre espaços relacionados a ela e à memória coletiva do grupo, focalizando as associações nipo-brasileiras e a comunidade que frequenta esses espaços. O objeto de estudo mais específico relaciona-se com as entidades e associações das províncias do Japão na cidade de São Paulo.

Dois pontos foram fundamentais para o envolvimento com esse tema. O primeiro deles é que a temática da memória e como ela se manifesta nos espaços por meio da arquitetura, usos e inserção na cidade sempre foi um assunto do meu interesse ao longo dos anos cursados na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Entendo que o tema possibilitou a mobilização dos conhecimentos da minha graduação, reunindo áreas de interesse como história do urbanismo, planejamento urbano, projeto e linguagem visual gráfica. O segundo está relacionado diretamente com a busca por um tema que proporcionasse uma identificação pessoal para fechar uma etapa importante e de muitos aprendizados que é a graduação. Como descendente de imigrantes japoneses da terceira geração, sempre estive envolvida com tradições e costumes relacionados à cultura japonesa, seja dentro da minha própria família como em espaços e eventos da comunidade nipo-brasileira. Meus avós maternos vieram da província de Kochi e os paternos da província de Fukuoka, chegando ao Brasil entre as décadas de 1930 e 1940. Tanto a família por parte da minha mãe como por parte do meu pai estabeleceu-se primeiramente na cidade de São Paulo. No entanto, meus avós maternos mudaram-se para a cidade de Bragança Paulista, interior de São Paulo, onde morei até o início da faculdade, na qual essa conexão com a cultura sempre esteve presente. Com a mudança para a cidade de São Paulo para cursar a faculdade acabei me distanciando um pouco da cultura inicialmente, mas descobrindo novas formas de conexão com o passar do tempo. O próprio conhecimento adquirido da existência dos espaços de memória nipo-brasileiros e como há a manifestação de diversos nichos pela cidade já foi um aprendizado que foi moldado ao longo desses anos e aprofundado com esse trabalho.



FIGURA 1. Passaporte da família do meu avô materno utilizado na imigração para o Brasil. FONTE: Acervo da autora.



FIGURA 2. Foto do passaporte da família do meu avô materno (ao centro). FONTE: Acervo da autora.

Assim, posso afirmar que o objeto de pesquisa está atrelado a uma memória afetiva e o decorrente interesse pela busca das minhas origens, juntamente ao meu maior envolvimento com os movimentos atuais de manutenção da cultura nipônica.

Com os dois pontos de partida pré-definidos, houve o entendimento de que a questão que me interessava relacionava-se com as causas de utilização dos espaços das associações no passado, quais são suas funções atualmente e as reflexões para o futuro. Assim, busquei entender a discussão sobre o conflito existente entre a criação de uma nova identidade ao mesmo tempo em que também há a importância de se manter uma tradição. A atualidade da questão está no fato das associações se encontrarem em uma situação de transição de gerações, dificuldades de manutenção de espaço físico, bem como uma imagem de falta de abertura para a sociedade em geral.

Do ponto de vista do avanço do conhecimento, a justificativa está relacionada com a lacuna de uma documentação e discussões acerca da situação das associações de província na cidade de São Paulo hoje e como estas se relacionam com a memória de uma comunidade. Além disso, entendeu-se haver a possibilidade de levar essa discussão adiante por meio de um projeto de registro e divulgação desses espaços bem como da própria cultura nipo-brasileira.

Partindo do reconhecimento da presença e da importância nipônica na cidade de São Paulo, o objetivo deste trabalho foi a elaboração de um inventário sobre as associações buscando elementos para realizar o mapeamento e registro da história desses espaços. Com isso, pretende-se ampliar as práticas e as experiências da cultura japonesa para além da própria comunidade por meio da divulgação desses espaços através do material gráfico estruturado na forma de um guia, englobando inventário dos espaços, roteiros e calendário de eventos, bem como um breve levantamento histórico. Entende-se que o guia consiste em um material base, que pode ser explorado futuramente em aplicações como sites, redes sociais, mapeamento virtual coletivo etc. permitindo que o material seja acessado não apenas pela comunidade nipo-brasileira, mas também pela sociedade brasileira em geral.

2. METODOLOGIA

Entendendo esse caderno como uma forma de documentação dos processos de pesquisa, apresento a seguir o caminho que segui não somente para os resultados apresentados, mas também para a consolidação do guia como produto final.

Um ponto importante a se ressaltar é que a proposta mostrou-se viável do ponto de vista teórico, já que foi consultada uma bibliografia relacionada ao assunto e pesquisas sobre o cenário atual. Da mesma forma, mostrou-se viável do ponto de vista prático, já que as visitas às associações foram possíveis mediante agendamento, visto que comecei meu Trabalho Final de Graduação no 2º semestre de 2019, período anterior ao isolamento social praticado durante a pandemia (com início em março de 2020). Além disso, mostrou-se praticável também em relação à realização de um projeto de material gráfico, sendo este pensado em formato virtual, dado o caráter de vigência do isolamento social.

A seguir será apresentada de forma esquemática e sintética a metodologia seguida na pesquisa, de forma cronologicamente estruturada:

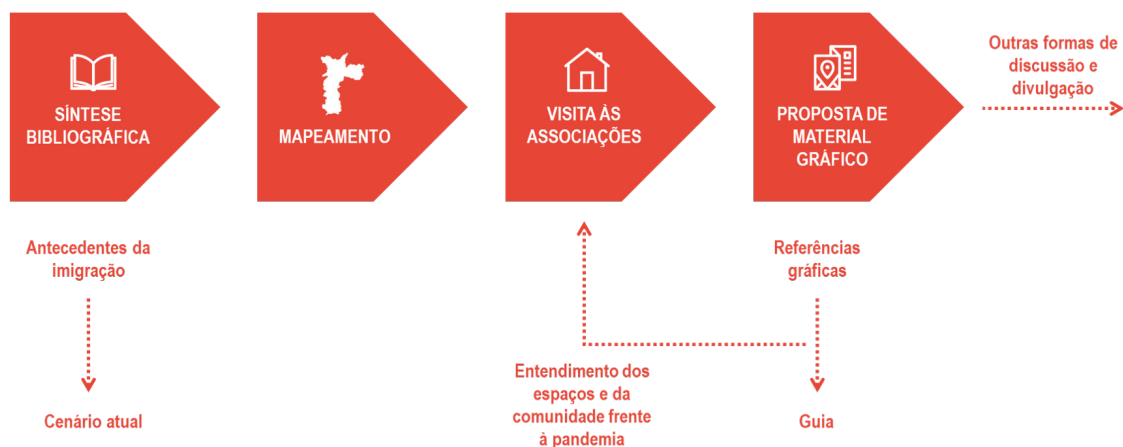


FIGURA 3. Metodologia da pesquisa.
FONTE: Esquema elaborado pela autora.

3. SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA

Primeiramente, foi realizado um levantamento histórico por meio de bibliografia e iconografia sobre a imigração japonesa para o Brasil, estado e município de São Paulo, buscando compreender como a comunidade se instalou pela região. De forma complementar, houve a necessidade de estudo de uma bibliografia auxiliar no que se refere à temática da memória, buscando pensá-la em relação à comunidade nipo-brasileira.

Além de livros e artigos em bancos virtuais existem pesquisas atuais relacionadas à cultura, memória e identidade da comunidade nipo-brasileira, como o levantamento de associações em cidades do interior espalhadas pelo Brasil, realizada pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, bem como o projeto “110+10 – Encontro para a formulação de uma visão: presente e futuro da comunidade nikkei” que faz a reflexão do futuro da comunidade de nipo-brasileira e que foi subsidiada pelo Bunkyo (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social), instituição que centraliza administrativamente entidades e associações nipo-brasileiras. Outros elementos que complementam essa pesquisa foram os dados relacionados aos números de imigrantes que chegaram no Brasil ao longo do século 20 para entendimento da dimensão da comunidade existente no Brasil. Além disso, para um melhor entendimento das leituras, também foi elaborado uma espécie de glossário com termos relativos à imigração, já apresentado anteriormente.

Os procedimentos de pesquisa, ou seja, os métodos, consistiram em leituras e fichamentos a fim de elaborar textos de síntese sobre o tema, construção de gráficos com organização de dados sobre a imigração japonesa e o cenário atual da comunidade, bem como seleção de imagens históricas representativas.

Para o entendimento da criação dos espaços das associações até seu estado atual, entendeu-se que seria necessário traçar o panorama histórico que envolvesse os antecedentes da imigração no Brasil e no Japão até a o cenário atual da inserção da comunidade nipo-brasileira na sociedade, sempre relacionando a comunidade com os espaços de convívio. Dessa forma, serão apresentados os tópicos a seguir respeitando-se uma cronologia.

3.1. Antecedentes da imigração no Brasil e no Japão

Na segunda metade do século XIX o cenário da economia do Brasil era o de substituição da cana-de-açúcar e mineração pelo café. Além disso, a abolição da escravidão havia ocorrido em 1888, surgindo em seu lugar o serviço assalariado, e o sistema monárquico havia dado lugar ao estabelecimento da república federativa em 1889. De forma geral, tais modificações refletiam o processo de implantação do capitalismo industrial e moderno com origem na Inglaterra e a difusão dos ideais da Revolução Francesa, com tais transformações sob o comando da emergente burguesia paulista.

Com a ausência do regime escravocrata, as tarefas nas fazendas de café passaram a ser realizadas por trabalhadores contratados, majoritariamente europeus. Durante a segunda metade do século XIX havia grande oferta de trabalhadores, já que um grande contingente de europeus chegou ao continente na condição de imigrante para se tornar mão de obra para a lavoura do café, pois seus países de origem (Itália, Espanha, Portugal e outros) passavam por momentos de instabilidade econômica e social. No entanto, na virada do século, por conta das más condições de trabalho nas fazendas, a emigração para o Brasil começou a ser dificultada por parte dos países europeus. Dessa forma, houve a demanda por japoneses e chineses pela burguesia paulista, apesar de antes não serem considerados por não se enquadrarem no “branqueamento” pretendido por parte da elite brasileira. Entretanto, as diferenças étnicas, ou seja, físicas e culturais eram enfatizadas nos debates sobre sua entrada no país, argumentando-se que se constituíam como um povo impossível de se integrar à cultura local.

Já no Japão, o cenário também era de grandes transformações. Depois da queda do xogunato de Tokugawa em 1868, o governo Meiji levava adiante seu propósito de modernização e transformação do Japão em uma potência mundial para poder defender sua soberania. Para isso, os objetivos envolviam a industrialização, absorção da ciência e da tecnologia ocidental, introdução de uma estrutura política e governamental semelhante à europeia, bem como resolução de questões internas tais como a falta de recursos públicos e desemprego. Assim, em 1889 houve a aprovação da Constituição do Grande Império do Japão e no ano seguinte estabeleceu-se o primeiro Congresso Nacional. Na virada do século, a revolução industrial do país mostrava-se bem-sucedida, sobretudo no setor têxtil.

Entretanto, o Japão enfrentava problemas estruturais, sobretudo no espaço rural, com o empobrecimento dos lavradores, já que em um primeiro momento o governo Meiji, sem outros meios para conseguir recursos, aplicou altas taxas sobre os agricultores. Como grande parcela não conseguia pagar impostos, acabavam vendendo suas terras e tornando-se meeiros ou operários das indústrias nas cidades. Contudo, estas não tinham capacidade de absorver todo o contingente, o que aumentava a miséria do campo. Dessa forma, uma das saídas encontradas pelo governo nipônico consistia na emigração, sendo grande parte do contingente enviada para os Estados Unidos. Mas, à medida que o século XIX se aproximava do fim, muitos obstáculos foram impostos aos nipônicos para emigrarem para o país norte-americano, buscando-se assim outros países de destino (HARADA, 2013, p. 5 a 8; IBGE, 2008, p. 17 e 18).

3.2. Primórdios da imigração no Brasil

Nessa conjuntura da dificuldade do Brasil em conseguir imigrantes europeus para mão de obra e o Japão enviar emigrantes para os Estados Unidos e outras regiões, os dois países iniciaram os primeiros passos de aproximação. O Brasil possuía a visão do Japão, também, como eventual mercado para o seu café, que atravessava um período de crise por causa da superprodução. Assim, em 1892, aprovou-se o projeto do senador Monteiro de Barros que permitia a imigração de japoneses e chineses. Posteriormente, foi assinado pelos dois países o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, em 1895, na cidade de Paris, firmado por Arasuke Sone e Gabriel de Toledo Piza e Almeida, representando, respectivamente, o Japão e o Brasil. A partir disso, algumas tentativas foram feitas por companhias de imigração, porém, não obtiveram sucesso. Uma das razões era a oposição feita à imigração por parte dos representantes diplomáticos do governo nipônico no Brasil. Assim, a imigração japonesa só veio a se concretizar em 1908, com Ryo Mizuno, diretor da Companhia Imperial de Emigração. Para viabilizá-la este realizou, em 1906, uma viagem de estudos e observações no território brasileiro. O contrato de imigração entre os dois países foi firmado em 06 de novembro de 1907, em São Paulo, e assinado por Ryo Mizuno e por Carlos Botelho, Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo. Em seguida, fundou-se a Companhia Imperial de Colonização, que enviou os primeiros 781 imigrantes ao Brasil, a bordo do Kasato Maru. Este primeiro navio chegou ao porto de

Santos no dia 18 de junho de 1908, considerada hoje a data oficial da imigração japonesa para o Brasil.



FIGURA 4. Navio Kasato Maru. FONTE: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.

Antes de serem enviados para os locais de trabalho, em geral no interior do estado, os imigrantes eram acomodados na Hospedaria de Imigrantes, situada no bairro do Brás da capital paulista. Inaugurada em 1887, a Hospedaria dos Imigrantes foi a primeira morada dos imigrantes japoneses, assim como outros imigrantes e brasileiros que se mudavam para a cidade de São Paulo. Além do acolhimento dos imigrantes, tinha função também de encaminhamento destes para novos empregos (HANDA, 1987, p. 3 a 18; HARADA, 2013, p. 8 a 11; IBGE, 2008, p. 18 e 19).



FIGURA 5. Hospedaria dos Imigrantes no ano de 1887. FONTE: Museu da Imigração.

Segundo KODAMA e SAKURAI na publicação “Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil” do IBGE, 2008, a vinda dos trabalhadores japoneses nessa primeira etapa direcionou-se marcadamente para São Paulo. Para esses primeiros imigrantes era firmado o contrato entre as companhias de imigração japonesas e os cafeicultores paulistas, responsáveis pelo pagamento do custeio do estabelecimento das famílias nas fazendas. Para essas últimas, o contrato previa um mínimo de três trabalhadores para cada família por um período de pelo menos dois anos.

3.3. Desenvolvimento da imigração no Brasil

Para os imigrantes japoneses a vinda para o Brasil representava a possibilidade de conseguir melhores condições de vida e, no futuro, retornar à terra natal. Esse projeto, entretanto, ia se mostrando de difícil realização ao longo do tempo. Entre os motivos estava o fato de as próprias companhias de imigração procurarem fixar os imigrantes na terra, afastando deles o projeto de conseguir um montante de renda para voltarem ao Japão. Além disso, os imigrantes começaram a perceber também que o Estado japonês não tinha intenções de promover a sua volta ao mesmo tempo em que adaptavam de certa maneira seu estilo de vida ao Brasil. Desse modo, após um primeiro momento de fuga das fazendas e dispersão, esse cenário foi se modificando até encontrarem a necessidade de obter outros caminhos para uma ascensão econômica.

De modo geral, no estado de São Paulo é possível acompanhar a fixação dos imigrantes trazidos pelas companhias de imigração em núcleos criados ao longo dos trilhos ferroviários, os quais se direcionavam para terras pouco exploradas na forma de novas fronteiras agrícolas. Assim, grande parte dos imigrantes foi para a região noroeste de São Paulo, onde foram abertos trechos da estrada de ferro. Cultivavam, principalmente, os produtos de interesse da economia japonesa, como o algodão, fundamental para a indústria têxtil japonesa que então surgia. Essa era uma maneira de tornar rentável o investimento das companhias estatais de imigração, sendo a principal delas a Companhia Ultramarina de Desenvolvimento S.A - Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (KKKK).

Outros tipos de colônias, além daquelas organizadas pelas companhias, também surgiram. Esses núcleos nasciam da iniciativa dos imigrantes, que juntavam familiares e companheiros, organizando escolas e associações. A permanência nesse tipo de colônia também não era sempre duradoura, ocorrendo mudanças conforme as oportunidades e investimentos das famílias. Em busca de melhores condições, os imigrantes também seguiram em direção às regiões e cercanias do estado de São Paulo, Santa Catarina e Mato Grosso, bem como para as regiões Norte e Nordeste do país (HANDA, 1987, p. 19 a 54; HARADA, 2013, p. 11 a 17; IBGE, 2008, p. 19 a 21).

Analizando o estado de São Paulo, em muitos casos, com o fim do contrato como colonos das fazendas de café, os imigrantes decidiam arrendar terras para iniciar cultivo próprio. Segundo dados do acervo do Museu Histórico de Imigração Japonesa no Brasil, em 1915, já eram mais de 400 famílias autônomas nas regiões de Itu e Bauru. Algumas colônias são listadas a seguir de acordo com a localização e ano de fundação:

- » 1911: Colônia Monções (SP) e Colônia Juqueri (Franco da Rocha-SP);
- » 1913 Colônia Iguape (SP) e Colônia Katsura (Jipovura-SP);
- » 1915: Colônia Tokyo (Motuca, próximo a Guataporá-SP) e Colônia Hirano (Cafelândia-SP);
- » 1916: Colônia Barbosa (Lins-SP);
- » 1917: Colônia Registro (SP) e Colônia Vaivém (Presidente Prudente-SP);
- » 1918: Colônia Brejão (Álvares Machado, região de Presidente Prudente-SP) e Colônia Itacolomy ou 1ª Colônia Uetsuka (Promissão-SP);
- » 1920: Colônia Sete Barras (Iguape-SP) e Colônia Mogi das Cruzes (SP);
- » 1922: Colônia Uetsuka 2 (Promissão-SP) e Colônia Nipônica de Itaquera (São Paulo-SP);
- » 1924: Colônia União (Lins-SP) e Colônia Aliança 1 (Mirandópolis-SP);
- » 1926: Colônia Aliança 2 (Mirandópolis-SP) e Colônia Getulina (São Paulo-SP);
- » 1927: Colônia Aliança 3 (Mirandópolis-SP);
- » 1928: Colônia Tietê (Pereira Barreto-SP) e Colônia Servão (Cafelândia-SP);
- » 1929: Colônia Acará (Tomé Açú-PA), Colônia Bastos (SP) e Colônia Coqueiro (SP).



FIGURA 6. Colônias japonesas no estado de São Paulo (1926). FONTE: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil. Editado por: Companhia de Desenvolvimento Ultramarina (KKKK).

Até a década de 1930, os imigrantes nipônicos se ocupavam do cultivo do café. Mas, com a crise internacional decorrente da quebra da bolsa de Nova York em 1929, os japoneses diversificaram as suas atividades para contornar a queda do preço deste produto. Assim, dedicaram-se à uma produção que se diversificava entre produtos para o auto abastecimento e o abastecimento das regiões onde viviam, sendo eles a cultura do algodão, arroz, batata, tomate, hortaliças, ovos, bananas e outras, além do café. Também desenvolveram de modo pioneiro culturas como chá, rami e bicho-da-seda. Ao mesmo tempo, transformaram industrialmente os seus produtos para melhorar o preço. Em geral, isso era feito em parceria com empresas japonesas (algodão), com técnicas e aparelhos nipônicos (chá e seda).



FIGURA 7. Trabalhadores podando chá em Registro - SP. FONTE: Acervo da Memória Institucional do IBGE.

Analisando-se o aspecto social, os imigrantes que vieram para o Brasil estavam dispersos em um país com costumes diferentes. Em tal conjuntura, a atuação da embaixada e dos consulados japoneses foi fundamental para organizar e orientar os imigrantes. Sobretudo nos anos 30 suas presenças se fizeram notar por conta do ambiente conturbado tanto brasileiro quanto nipônico. Ademais, o Consulado Geral do Japão em São Paulo teve papel importante na formação e desenvolvimento de cooperativas paulistas, principalmente a de Cotia (HANDA, 1987, p. 19 a 54; HARADA, 2013, p. 11 a 17; IBGE, 2008, p. 21 a 23).

Segundo dados do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, nesse período a maioria dos imigrantes encontrava-se na categoria de proprietário que se associava a uma cooperativa para vender seus produtos e se defender das intempéries. Assim, as cooperativas de Cotia e Juqueri (futura Cooperativa Sul-Brasil) cresceram grandemente. Em 1927 criava-se a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), com 83 participantes. Eles se inspiraram no cooperativismo então em voga no Japão e com a orientação do Consulado Geral em São Paulo e a legislação brasileira favorável ao cooperativismo, a CAC cresceu devido às suas atividades pioneiras em fruticultura, horticultura e avicultura. No final dos anos 50, com 5.846 cooperados, ela havia crescido a ponto de ser considerada uma das maiores empresas do Brasil. Por sua vez, em 1929, surgia em Juqueri (Mairiporã) uma cooperativa com 49 famílias de imigrantes cultivando batatas. Baseada na produção de hortaliças, frutos e ovos, a entidade se espalhou pelos estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais e se tornou Cooperativa Agrícola Sul-Brasil. Nos anos 50, já era também uma das maiores cooperativas brasileiras.

De acordo com SAITO, 1980, em “A presença japonesa no Brasil”, a imigração japonesa ao Brasil continuou até 1941, com a intensificação da Segunda Guerra Mundial. Com o início da guerra a situação dos imigrantes piorou, já que o Japão tinha um partido oposto ao do Brasil. Foram proibidas as reuniões em grupos, falar japonês em público e a locomoção sem salvo conduto. Assim como no período da inicial barreira à imigração, a visão dos trabalhadores japoneses como não-assimiláveis e que necessitavam de vigilância permanente estabeleceu-se no Estado Novo. Nesse período, as desconfianças e os preconceitos em relação à comunidade de descendentes de japoneses podem ser identificados nos discursos oficiais e mesmo após o término guerra, o clima de desconfiança em relação aos imigrantes e descendentes ainda perdurou. Ao mesmo tempo, evidenciaram-se tensões no interior das próprias comunidades, aprofundadas pelo isolamento e discriminação, sendo base para a divisão entre os que acreditavam na vitória do Japão na guerra (kachigumi) e os que acreditavam na derrota (makegumi). Entende-se que o episódio é complexo e merece ser tratado com mais atenção que o escopo deste trabalho permite, mas remeto às obras de Jeffrey Lesser, “A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil” (2001) e Fernando Moraes em “Corações sujos: a história da Shindo Renmei” (2001).

Sendo retomado o processo de imigração somente em 1952, este estendeu-se por 10 anos, período em que vieram cerca de 50.000 imigrantes agricultores segundo dados do IBGE. A seguir, é possível entender em termos quantitativos a distribuição de imigrantes pelas unidades da Federação nesse período.

Unidade da Federação	Dados absolutos (1940)	Dados absolutos (1950)	Porcentagem (1940)	Porcentagem (1950)
Amazonas	305	201	0,2%	0,2%
Pará	467	421	0,3%	0,3%
Minas Gerais	893	917	0,6%	0,7%
Rio de Janeiro	380	1.086	0,3%	0,8%
Distrito Federal	538	392	0,4%	0,3%
São Paulo	132.216	108.912	91,5%	84,3%
Paraná	8.064	15.393	5,6%	11,9%
Mato Grosso	1.128	1.172	0,8%	0,9%
Demais localidades	532	698	0,4%	0,5%
Brasil	144.523	129.192	100%	100%

TABELA 1. Distribuição dos imigrantes oriundos do Japão, naturais e brasileiros, segundo as unidades da Federação (1940/1950). FONTE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ainda segundo SAITO, 1980, no início da década de 1960 o Japão entrava em uma fase de grande prosperidade e de rápido crescimento econômico, e, como a economia brasileira também estava em ascensão o Brasil não mais necessitava de trabalhadores agrícolas estrangeiros. Essa época marcou certa transformação nas relações nipo-brasileiras, pois de uma fase de predomínio da imigração, passou-se a uma outra, baseada no intercâmbio econômico. Assim, no decorrer dos anos, o comércio entre os dois países cresceu, aumentando o número de investimentos e intensificando-se as cooperações econômica e técnica entre os dois países. No período que se seguiu, o Brasil adotou a política de receber somente imigrantes que dispunham de capacidade financeira e que aplicassem em empreendimentos agrícolas ou profissionais qualificados no setor industrial. Nessas condições aportaram nas terras brasileiras alguns milhares de japoneses.

3.4. Os imigrantes japoneses na cidade de São Paulo

Nos anos 1930 os imigrantes já se encontravam instalados em diversos estados brasileiros, entre eles Amazonas, Pará, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Entretanto, o estado de São Paulo concentrava o maior contingente de imigrantes e, nesse contexto, a cidade de São Paulo e arredores ocupava uma posição singular, sendo o local onde eram fundadas entidades econômicas, culturais, educativas e esportivas, cujas histórias demonstram os posteriores passos da comunidade nikkei.

Como mencionado, no início do processo os imigrantes japoneses foram direcionados para o interior do estado de São Paulo para trabalhar nas fazendas de café, mas alguns acabavam ficando na capital. Isso aconteceu com os próprios imigrantes do Kasato Maru, em 1908, quando dez pessoas ficaram em São Paulo. Aos poucos, outros imigrantes chegavam, mas não eram numerosos nem se concentravam em um determinado local. A partir de 1912, eles passam a morar preferencialmente na Rua Conde de Sarzedas e arredores. Um dos motivos para os imigrantes procurarem essa rua é que quase todas as casas tinham porões e os aluguéis dos quartos no subsolo eram mais baratos. “Como a Rua Conde é uma ladeira, os tetos e porões eram relativamente altos. Assim, eram muitos

os chamados porões habitáveis, cujos aluguéis saíam por menos da metade dos da moradia superior. [...] O maior atrativo de se residir nessa região consistia em poder ir para o centro sem precisar desembolsar o dinheiro do bonde” (HANDA, 1987, p. 159). No entanto, essa configuração era comum em demais regiões da cidade, entendendo-se que a região também era vantajosa por ser um bairro central com maior possibilidade de negócios e empregos, como as atividades comerciais como hospedarias e lojas comerciais.

Segundo LEME, 2015, em 1933, mais de 300 japoneses habitavam a rua Conde de Sarzedas no total aproximado de 2.000 imigrantes em toda a cidade e 130.000 pessoas no estado segundo dados do Consulado Geral do Japão. Além disso, imigrantes se concentravam em outras ruas próximas: Irmã Simpliciana, Tabatinguera, Conselheiro Furtado, Conde de Pinhal, Bonita (Tomás de Lima), Estudantes e São Paulo.

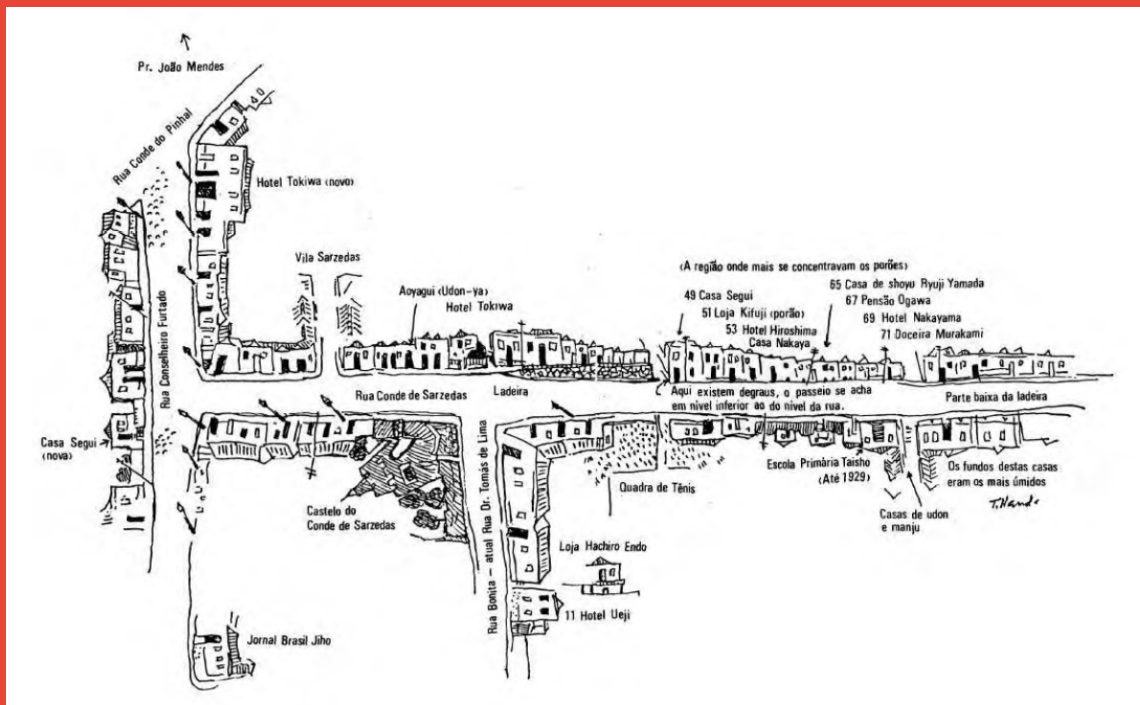


FIGURA 8. A região da Rua Conde de Sarzedas (1910-1940). FONTE: HANDA, 1987, p.170.

Como a maioria dos imigrantes esperava voltar ao seu país natal quando acumulassem uma quantidade de dinheiro e para que seus filhos não se sentissem estranhos no solo nipônico, procurava-se fornecer uma educação aos moldes tradicionais japoneses, sobretudo com o ensino do idioma. Para isso, formaram escolas específicas nas quais se ministrasse o japonês, a cultura e o espírito nipônico. A primeira escola de japonês conhecida é a Escola Taisho de Shinzo Miyazaki que foi fundada em 1914, na Rua Conde de Sarzedas. Ela cresceu e nos anos 30 se transformou em uma referência para todo o Brasil. Nesse período havia no país mais de 400 escolas japonesas, em geral, associadas com associações de imigrantes. Entretanto, no final da década elas acabaram fechando por determinação do governo brasileiro.

Como se sabe, em 1930 foi publicado em São Paulo o estudo do Plano de Avenidas e, até a década de 1960, no bairro da Liberdade, foram abertas avenidas e ruas foram alargadas e retificadas. No traçado da primeira linha de metrô (Norte e Sul) na década de 70 a estação Liberdade foi outro fator de transformação na acessibilidade do bairro que abandonava o aspecto de moradia principal da comunidade de japoneses, mantendo-se apenas seus estabelecimentos comerciais.

Como forma de centralização social, ocorre a fundação da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (atual Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social - Bunkyo) no próprio bairro da Liberdade, associada ao Cinquentenário da Imigração Japonesa no ano de 1955 e colaborando para a construção do Pavilhão Japonês no Parque do Ibirapuera e promovendo a união da comunidade nikkei. Atualmente, a população de japoneses e seus descendentes na cidade de São Paulo está estimada em mais de 326.000 pessoas segundo dados do acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (HANDA, 1987, p. 151 a 180; LEME, 2015, p. 85 a 99).

3.5. A comunidade nipo-brasileira e a sociedade brasileira

Com base nos estudos de MOTOYAMA, 2016 em “Do conflito à integração: uma história da imigração japonesa no Brasil”, o fato que inicialmente marcou a presença do imigrante japonês no Brasil foram as diferenças de traços físicos e culturais, especialmente quando comparados aos imigrantes

européus. Nesse contexto de conflito, os imigrantes buscavam preservar suas tradições e costumes como podiam. Nas escolas que formavam, as crianças eram ensinadas em japonês, e, até a Segunda Guerra Mundial, as crianças aprendiam apenas a história e geografia do Japão. Nas moradias havia a reinvenção dos alimentos nipônicos com os produtos que encontravam no Brasil. Tais fatos refletem a reflexão trazida pelo historiador Eric Hobsbawm (1984):

A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. (HOBBSAWN, 1984, p.10)

Posteriormente, as trocas culturais e sociais entre a comunidade de imigrantes e a sociedade geral tornaram-se mais frequentes. Atualmente, as gerações sucessivas de descendentes dos primeiros imigrantes, sanseis (terceira geração) e yonseis (quarta geração), mais do que os nisseis (segunda geração), menos imersos nas tradições mantidas pelas colônias, mostram-se mais integrados à cultura brasileira que as gerações precedentes.

Outro fator social é de que, nos últimos anos, o movimento migratório de nisseis e sanseis (intitulados de kasseguis) para o Japão reflete essa vivência cultural dos japoneses e seus descendentes no Brasil, assim como as contradições e questões identitárias dos nikkeis. Essa migração reversa teve início na década de 80, como resultado da conjuntura econômica de ambos os países. Do lado do Japão, relaciona-se com a sua nova inserção na economia mundial, já que, em fase de crescimento econômico, o governo japonês passou a chamar trabalhadores do Brasil que tivessem ascendência japonesa para trabalhos de caráter temporário e pouco especializados não preenchidos pelos trabalhadores do país, sendo a consanguinidade um argumento utilizado para dar caráter oficial

para a seleção de trabalhadores fora do Japão. Já do lado do Brasil, havia a crise econômica e, sendo assim, muitos setores da classe média viam na emigração para outros países uma forma de recuperação ou melhoria de seu padrão de vida.

Concluindo, é possível afirmar que, embora recente, a imigração japonesa é bem-sucedida quando se verifica a mobilidade social de seus descendentes e sua presença em setores variados, principalmente no meio urbano. Muitos dos imigrantes japoneses encontraram no comércio uma fonte de renda, mas a maioria foi direcionada para a produção agrícola. Atualmente, a comunidade nipo-brasileira continua contribuindo para a área agrícola brasileira, assim como seus descendentes estão inseridos em diversas áreas, havendo uma imensa presença das segunda e terceira gerações nas universidades.

3.6. As associações nipo-brasileiras

Para os imigrantes japoneses, as associações foram importantes referências de atuação, já que estavam ligadas às atividades econômicas, educação, eventos sociais, campanhas preventivas de saúde, relacionamento com órgãos governamentais e com o Japão.

De acordo com SAKURAI, 2010, suas histórias têm início com o fato de as famílias de imigrantes optarem pela instalação de suas moradias na forma de vizinhança pela possibilidade de viver perto de pessoas com as quais tinham afinidades como o idioma e costumes. Dessa forma, era possível realizarem reuniões aos finais de semana em alguma das casas da vizinhança para confraternizar, mas também para atividades relacionadas com construção e educação.

A vida comunitária entre japoneses foi se estabelecendo e, das reuniões informais, passou-se para a prática de esportes e organização de festas. Assim, começavam a se organizar os nihonjinkais (associações japonesas) originados entre as colônias próximas e deixavam o caráter informal para se transformar em organizações com cargos e hierarquia. Inicialmente, os homens formavam as diretorias, mas dentro dos nihonjinkai, se organizavam departamentos como o das mulheres e de jovens, como havia no Japão.

Dessa forma, criaram-se redes locais e regionais que se expandiram rapidamente. Nos nihonjinkai os imigrantes tinham a possibilidade de ter notícias sobre o Japão por meio da circulação de jornais e revistas, mandar e receber recados de conhecidos distantes e, até arranjar casamentos fora da comunidade local. Pode-se afirmar que assim criaram-se identidades locais que reforçaram o fortalecimento da identidade geral dos nipo-brasileiros, ao mesmo tempo em que surgia uma nova linguagem cultural com raízes japonesas adaptada à realidade brasileira.

No final dos anos 1930 a política do Estado Novo criou uma quebra na vida comunitária dos grupos de japoneses no que se refere à proibição de reuniões e, portanto, de competições esportivas e de ensino da língua, afetando diretamente a existência das associações. O fim da guerra marcou o início de uma nova etapa na história das associações e na maneira de se entender o espírito e memória coletivos. No início dos anos 1950 houve a recriação de agremiações e os antigos nihonjinkai foram renomeados de associações nipo-brasileiras, acrescentando-se muitas vezes a denominação de cultural e esportiva ao nome.

Ademais, no período pós-guerra, segundo CARDOSO, 1959, em “O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses”, havia uma consolidação da representatividade da colônia japonesa no Brasil. Sua distribuição refletia a da população, já que a imigração possuía um caráter familiar e, dessa forma, a questão da educação dos descendentes tornou-se uma problemática, já que os jovens passaram a viver em dois ambientes distintos: a família japonesa e a sociedade brasileira, criando-se a questão do nissei (segunda geração) tentando racionalizar o retrocesso do issei (primeira geração). A partir disso possibilitou-se o aparecimento de associações juvenis independentes, reunindo um grupo com os mesmos problemas e necessidades, caracterizando uma tradição da sociedade japonesa em se organizar por agrupamentos por idade e com funções definidas. Nesse período, não havia um levantamento das associações existentes e a premissa adotada era de que existiam dois tipos de associação: o “clube” recreativo-cultural ou esportivo, com sede central e número grande de sócios, em geral bastante conhecido na colônia e os pequenos grêmios em grande parte suburbanos que congregam um grupo de vizinhos, sendo em geral controlados pelos issei. Esses pequenos grupos eram representativos de áreas de população japonesa, enquanto os “clubes” maiores, reunindo

jovens de toda a cidade de São Paulo e recém-vindos do interior, tinham um quadro social bastante diversificado e não se ligavam a uma área delimitada.

Analisando-se o texto, percebe-se que a questão da identidade e conflito geracional foi uma situação que surge no período estudado, mas que permanece em discussão até os dias atuais, somado ao fato de mudança no conceito de espaço e sua utilização pela comunidade. Apesar disso, percebe-se que a problemática da época estava muito mais enfocada na preocupação de criar condições para a ascensão social do nissei, fornecendo comportamentos e atitudes que permitissem o êxito esperado pela família, ao passo que a situação atual mostra uma grande inserção da comunidade na sociedade brasileira, expandindo assim as questões a serem debatidas.

De forma geral, as associações do interior também mudavam seu perfil com a adição de novas atividades ao seu calendário. Com a elevação do padrão de vida da maioria das famílias foi possível a aquisição de terrenos para as sedes das associações na cidade e no campo, onde havia a construção de campos de beisebol. Na cidade é possível notar o padrão da sede de um kaikan, sempre acompanhado de um salão com palco para ser usado para cerimônias, apresentações artísticas ou bailes, espaço destinado para a escola de japonês, escritório para o presidente, sala de reunião e o escritório de funcionários.

O fato dos kaikans ocuparem um espaço na cidade pode ser interpretado de diferentes maneiras. “Em primeiro lugar, a expansão das associações, que deixam de ter um caráter estritamente local. As associações de antes da guerra eram organizadas nos bairros rurais pelo acesso esporádico ao centro urbano. As associações do pós-guerra reuniram as associações locais e houve a centralização tanto das atividades como das lideranças. Ao mesmo tempo, vêm à luz - ou seja, seguem a tendência que ocorria na capital, dos japoneses buscarem visibilidade através de instituições de caráter indiscutivelmente étnico buscando um espaço marcando sua identidade. A fundação do Bunkyo, de São Paulo, da Aliança Cultural Brasil Japão e do Pavilhão Japonês no Ibirapuera aconteceram na mesma época das fundações dos novos kaikans no interior. De um lado, fatores sociais que vinham manifestando-se desde antes da guerra, como o abandono de atividades rurais de parte

das famílias e sua urbanização; a melhoria do padrão econômico das famílias que permaneciam no campo; e o ingresso de descendentes nas universidades. De outro lado, a necessidade de criar uma nova identidade para os japoneses e seus descendentes, depois da derrota do Japão na guerra e os acontecimentos internos posteriores à guerra. As organizações centralizadas foram ferramentas para criar a ideia de união. E, para a sociedade, a possibilidade de poder mostrar quem eram os japoneses e o Japão: não eram mais imigrantes pobres - mas proprietários de terras, de estabelecimentos comerciais, de pequenas indústrias, bacharéis e até políticos, que estavam despontando. Dentro desse processo de inserção, as antigas práticas de solidariedade não deixaram de existir. Outro aspecto que é comum a todas as instituições, sejam elas de caráter cultural ou social, é a presença, há muito existente, do trabalho voluntário” (SAKURAI, 2010, p. 114).

Nas décadas de 50 e 60, alguns conflitos vão sendo gerados, tal como a da permanência dos isseis na direção das entidades. Desde a reestruturação no pós-guerra eram reconhecidos como representantes legítimos da tradição cultural japonesa, além de possuírem uma idade mais avançada, fator de respeito dentro da comunidade. Ao mesmo tempo, nas cidades do interior ocorria o esvaziamento de adolescentes e jovens adultos, que se mudavam para estudar na capital, sendo um movimento geral que permitia o acionamento das redes de parentes ou conhecidos que viviam na capital e que tinham a possibilidade de abrigar tais jovens. Como já mencionado, outro processo de esvaziamento das cidades do interior e, por conseqüentemente, dos kaikans ocorreu com o movimento de kassegi a partir da segunda metade da década de 1980, já que muitos dos jovens dessas cidades viajavam para o Japão, reforçando a continuidade dos mais velhos na direção das associações.

Para a manutenção do espírito comunitário, mantinham-se as práticas do passado com as atividades esportivas e as comemorações de Ano Novo, por exemplo. Os salões dos kaikans passaram a ser alugados para festas de fora da comunidade nipo-brasileira a fim de se arrecadar fundos para a entidade se manter. Tal cenário ainda ocorre no momento atual das associações. Algumas mudanças espelhadas no Japão passaram a ocorrer nas associações como o karaokê e o gateball, que permitiram aos kaikans uma retomada das reuniões, já que tais atividades são adequadas aos mais velhos e despertavam interesse dos que não participavam das atividades mais tradicionais. Dentro

desse processo, aos poucos os mais jovens começaram a participar mais ativamente e introduzir uma renovação de lideranças e de atividades, cenário mais otimista que é possível de se encontrar nas associações existentes atualmente.

Sobre a estrutura étnico-social da comunidade nipo-brasileira, SAITO, 1980, pontua que a colônia, como uma entidade étnica, mantinha uma estrutura intergruparal própria, distinta da estrutura administrativa e política da sociedade global. Dessa forma, entende-se que após as décadas de 50 e 60 os núcleos no interior possuíam suas associações japonesas (nipponjinkai) e eram congregadas em federações em níveis regionais (rengo-nipponjinkai). Estas, por sua vez, se filiavam a algum órgão centralizador sediado em São Paulo. Essa rede de associações, estruturada tanto em termos horizontais (no espaço) como em termos verticais (hierarquizados), assegurava ao grupo étnico os canais de comunicação. A crescente dispersão do grupo étnico com a inserção na sociedade brasileira e consequente enfraquecimento da ligação do grupo fazem com que a estrutura da entidade étnica perca muitas das funções que anteriormente eram consideradas essenciais. Algumas dessas funções foram substituídas por órgão específicos criados com essa finalidade ou incorporados nas entidades existentes. Ademais, as associações de províncias atuam como órgão de ligação junto às províncias de origem e possuem sua federação como órgão centralizador.

Assim, no centro de todas essas atividades associativas está uma entidade que congrega a coletividade junto à sociedade nacional bem como à sociedade japonesa: a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social. Esta, possui a capacidade de acionar as associações japonesas espalhadas no interior e na cidade de São Paulo para participarem de eventos importantes para a comunidade. Localizado no bairro da Liberdade, o Bunkyo (abreviatura do nome japonês) realiza uma centralização administrativa, sendo mantido em função das mensalidades pagas pelos associados (pessoas físicas e jurídicas), doações e aluguéis dos auditórios, salas e salões.

As atividades do Bunkyo são mantidas por 32 comissões temáticas formadas por associados-voluntários, focadas em variadas frentes: organização dos eventos anuais e especiais, recepção a autoridades e administração das instalações culturais (Museu Histórico da Imigração Japonesa no

Brasil, Pavilhão Japonês, Biblioteca e Centro Esportivo Kokushikan Daigaku). Além das comissões, a estrutura da entidade também conta com a participação de 30 regionais, em geral representadas pelos presidentes das entidades locais.

Em suma, em torno de alguns órgãos centralizadores, atuam diferentes associações com finalidades específicas, tanto na área sociocultural quanto no setor assistencial no que se refere ao apoio aos japoneses e descendentes em seu processo de adaptação e integração na sociedade geral, assim como na preservação da tradição e memória coletiva (CARDOSO, 1959, p. 101 a 122; SAITO, 1980; SAKURAI, 2010, p. 109 a 116).

3.7. As associações de província (Kenjinkais)

Para o entendimento das associações de província, faz-se necessário explicitar a configuração territorial do Japão. De forma geral, o Estado Japonês é formado pelos To-Dô-Fu-Ken, totalizando 47 unidades administrativas: 1 To (capital metropolitana); 1 Dô: território; 2 Fu: (prefeituras urbanas) e 43 Ken (prefeituras/províncias). Essa atual configuração do estado Japonês surgiu somente na era Meiji, já próximo do final do século XIX. A seguir, é possível verificar a divisão das unidades administrativas, que também são agrupadas em blocos.

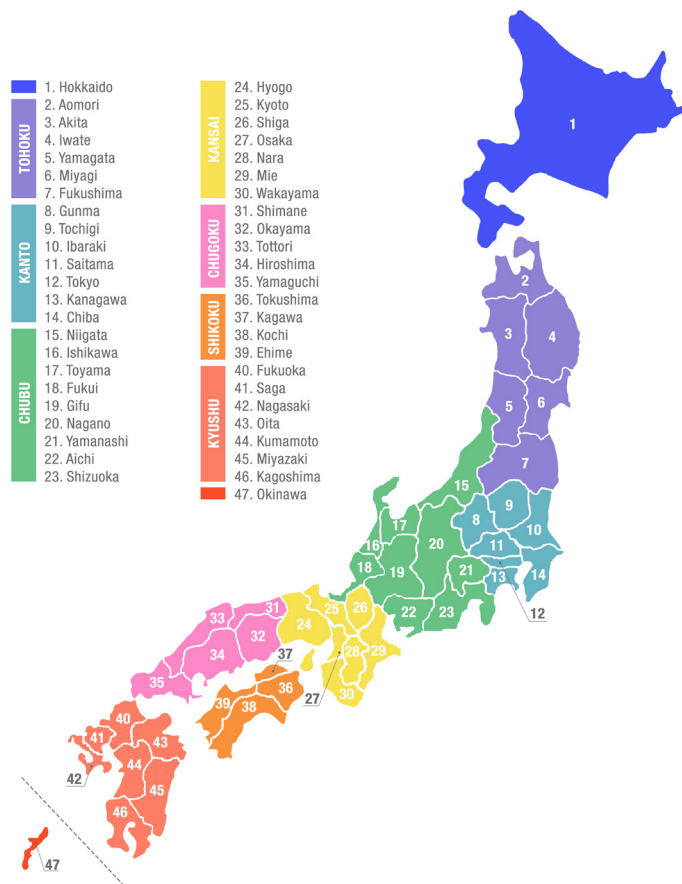


FIGURA 9. Unidades administrativas (províncias) do Japão. FONTE: Mapa elaborado pela autora.

A conformação geográfica do Japão explica sua diversidade apesar de ser um país de dimensões reduzidas em comparação ao Brasil. Assim, entre as províncias existem diferenças acentuadas de clima e de calendário de eventos e, consequentemente, diferenças econômicas e climáticas que se refletem significativamente nos valores culturais, fator que explica a criação de associações das respectivas províncias tendo em vista o número significativo de imigrantes de cada uma delas.

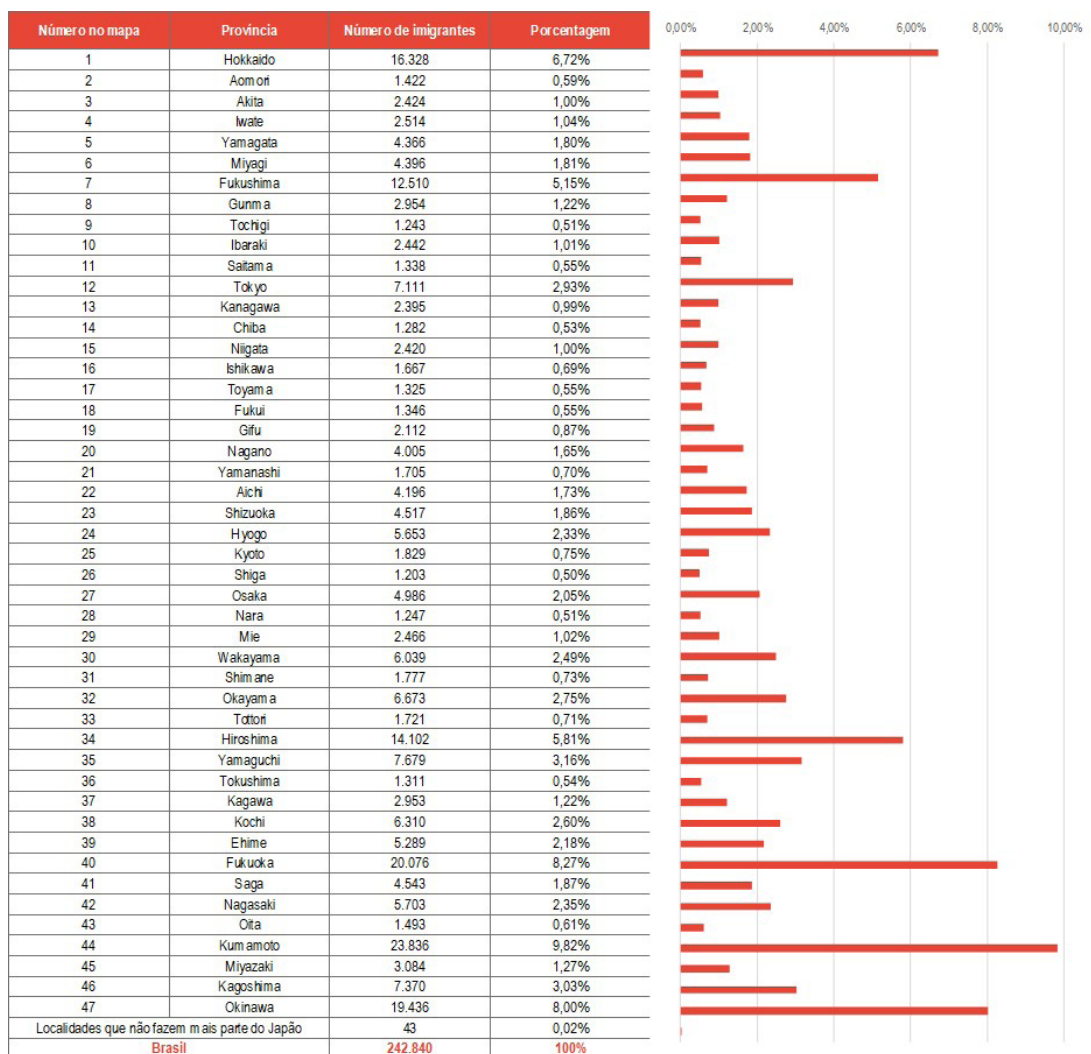


TABELA 2. Total de imigrantes japoneses no Brasil por províncias (1908 - 1984). FONTE: Elaboração da autora com base nos dados do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil - Livro de Registro de Passageiros dos Navios de Emigração.

É importante lembrar que a década de 1940 foi um período difícil para a comunidade japonesa, pois devido à Segunda Guerra Mundial os imigrantes estavam do lado oposto à comunidade brasileira e muitas restrições ocorreram, principalmente nos meios de comunicação que eram feitos

basicamente em japonês na época. Após esse período conturbado, no início da década de 1950, surgiram movimentos de criação de associações, entre elas as das províncias do Japão na cidade de São Paulo, com o objetivo de manter a união entre os imigrantes da mesma província e seus descendentes, bem como fornecer assistência aos novos imigrantes do período pós-guerra que chegavam ao Brasil. Esse fato foi fundamental para integrar os imigrantes que residiam em diversas localidades, inclusive fora do estado de São Paulo.

Segundo HAYASHI, 2013, com a retomada de emigração após a guerra, os familiares do Japão se organizaram em uma entidade “Chihouken Kaigai Ijukazoku Kai” (Associação Regional das Famílias de Emigrantes Ultramarinos), e mais tarde, em 1962 foi fundada no âmbito nacional a “Nihon Kaigai Ijukazokukai Rengokai - Kazokukai” (Federação Japonesa das Famílias de Emigrantes Ultramarinos). O objetivo da entidade era de incentivar e apoiar os emigrantes, e como não havia no Brasil entidade que pudesse coordenar essas atividades, a comunidade nipo-brasileira fundou a Kenren (Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil) em abril de 1966. A entidade surgiu com o objetivo inicial de coordenar as atividades da entidade no Japão e manter contato com a mesma pelo lado brasileiro.

Suas atividades iniciais consistiam em dar assistência aos imigrantes recém-chegados, resguardo dos direitos dos que imigraram para o Brasil, coletas de informações e paradeiros dos imigrantes, envio de descendentes que se dirigiam ao Japão na qualidade de estagiários, recepção e atendimentos das missões de solidariedade que visitavam os seus familiares no Brasil. Atualmente, de forma geral, congrega os kenjinkais com o intuito de proporcionar entre eles o intercâmbio de informações, coordenar as ações conjuntas e representar o conjunto das associações perante as autoridades governamentais japonesas. Além disso, administra e conserva, o Memorial do Imigrante Japonês, situado no Parque do Ibirapuera e coordena o Festival do Japão, evento voltado para a integração dos descendentes e simpatizantes da cultura japonesa.

Sobre a atuação das associações atualmente, estas contribuem com programas de intercâmbio cultural intermediados pelos kenjinkais com apoio dos governos do To-Dô-Fu-Ken. Anualmente

cerca de uma centena de estudantes e estagiários viajam para as províncias. Além disso, realizam a promoção de aproximação entre os descendentes, que pode ser representada pela existência de alojamentos para estudantes nos espaços das associações proporcionando que estes, provenientes de regiões longe dos grandes centros, tenham uma estrutura de apoio.

Algumas questões também são características do período atual. Com a finalização dos fluxos imigratórios, verifica-se certo distanciamento cultural entre os descendentes e as suas raízes estrangeiras diretas. Tal questão levanta a possibilidade de escopo de atuação mais amplo para as associações de província, não mais restrito aos emigrados de uma localidade específica e seus descendentes, mas, sim, aberto, com amplas possibilidades de conexão como uma comunidade nikkei (HAYASHI, 2013, p. 233 a 240; SAKURAI, 2010, p. 109 a 116).

3.8. Cenário atual da comunidade nipo-brasileira

Pode-se afirmar que a comunidade nipo-brasileira encontra-se inserida na sociedade em geral e representa um número significativo da população brasileira, exemplificado pela tabela do Censo Demográfico. Além disso, como levantado nos tópicos anteriores, grande parte da comunidade encontra-se no estado de São Paulo (quase 50% do total no Brasil).

Unidades da Federação	População			
	1960		2000	
	Brasileira	Nikkei	Brasileira	Nikkei
Acre	158.084	-	557.882	4.633
Alagoas	1.256.338	-	2.827.866	9.713
Amapá	67.560	-	477.032	3.403
Amazonas	706.124	2.341	2.817.253	26.613
Bahia	5.910.429	582	13.085.769	78.449
Ceará	3.291.004	55	7.431.597	34.235
Distrito Federal	139.724	696	2.051.146	16.150
Espírito Santo	1.297.716	-	3.097.497	8.627
Goiás	1.562.098	1.755	5.004.198	28.946
Maranhão	2.466.148	-	5.657.553	26.998
Mato Grosso	319.296	1.132	2.505.245	21.023
Mato Grosso do Sul	568.983	8.896	2.078.069	29.805
Minas Gerais	9.899.959	3.612	18.020.341	75.449
Pará	1.526.325	2.592	6.195.965	39.353
Paraíba	1.998.449	57	3.444.793	9.046
Paraná	4.259.610	81.205	9.564.642	143.588
Pernambuco	4.088.773	441	7.929.154	30.537
Piauí	1.241.139	-	2.843.428	18.671
Rio de Janeiro	6.601.038	7.274	14.392.105	63.470
Rio Grande do Norte	1.144.065	72	2.777.509	8.408
Rio Grande do Sul	5.363.169	1.261	10.187.842	21.925
Rondônia	69.769	-	1.380.952	8.428
Roraima	28.297	-	324.398	1.815
Santa Catarina	2.116.737	-	5.357.863	13.937
São Paulo	12.775.121	336.338	37.035.456	693.495
Sergipe	751.652	4	1.784.829	9.504
Tocantins	350.257	-	1.157.690	9.269
Brasil	69.957.864	448.313	169.988.064	1.435.490

TABELA 3. População brasileira e nikkei segundo Unidades da Federação (1960 e 2000). FONTE: Elaboração da autora com base nos dados Censo Demográfico do IBGE.

Para entendimento do cenário atual da comunidade, além das visitas realizadas nas associações que serão apresentadas em item específico do trabalho, levou-se em conta algumas pesquisas realizadas por entidades atuantes na cultura nipo-brasileira. A primeira delas foi organizada pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo), na qual descendentes (de diferentes gerações) e não-descendentes (totalizando cerca de 200 pessoas) responderam algumas questões sobre a comunidade nipo-brasileira no geral.

A pergunta e percentual de respostas a seguir, corresponde às das pessoas que têm interação direta com eventos e entidades da comunidade nipo-brasileira e se relaciona diretamente com a questão da participação das pessoas em atividades culturais japonesas. Assim, observa-se que a maior demanda (em todas as gerações) é a de que eventos e entidades existentes sejam mais visíveis.

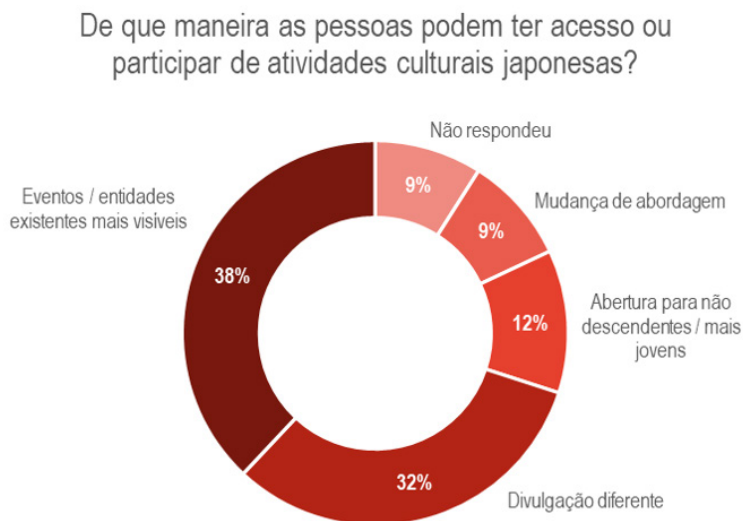
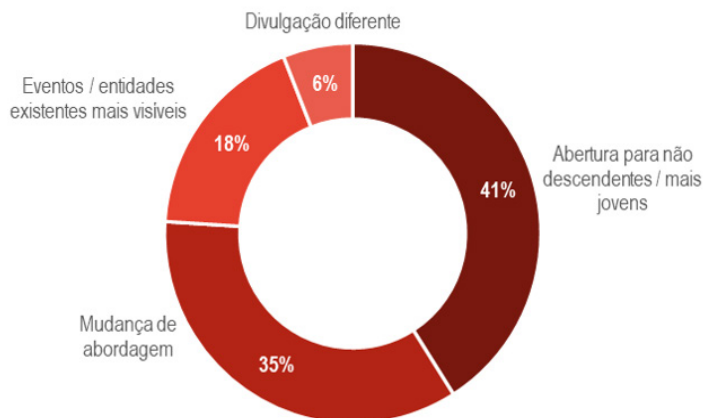


GRÁFICO 1. Questionário e respostas da pesquisa com a comunidade de descendentes e não-descendentes frequentadores de eventos. FONTE: Elaboração da autora com base na pesquisa 110 + 10: Presente e Futuro da Comunidade Nikkei, 2019.

A mesma pergunta foi direcionada às pessoas que não têm interação direta com eventos e entidades da comunidade nipo-brasileira em um evento na Japan House, localizada na Avenida Paulista, São Paulo, sendo um ponto importante de difusão da cultura japonesa. Assim, é possível comparar as respostas dos frequentadores (Gráfico 1) com as dos não frequentadores (Gráfico 2), observando-se uma divergência entre elas. No caso dos não frequentadores, as respostas são voltadas para a opinião de que se faz necessária uma mudança de abordagem e abertura para não nikkeis e mais jovens, levantando a questão do fechamento da comunidade nipo-brasileira sob certos aspectos.

De que maneira as pessoas podem ter acesso ou participar de atividades culturais japonesas?*

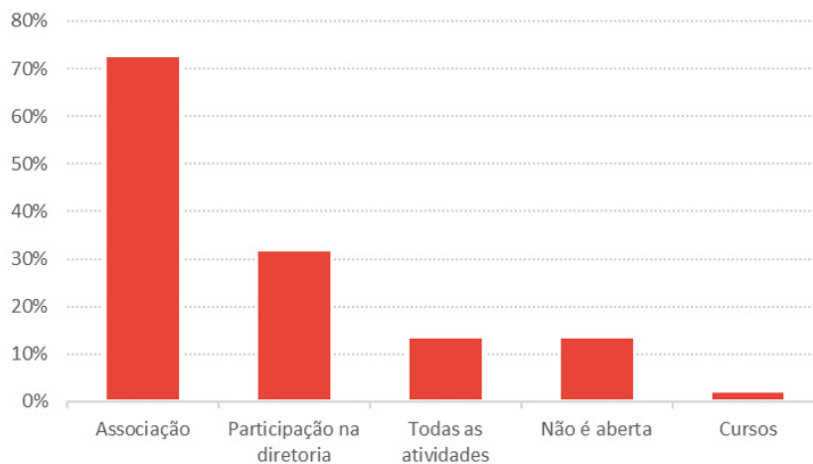


*Pergunta destinada à comunidade NÃO frequentadora de eventos

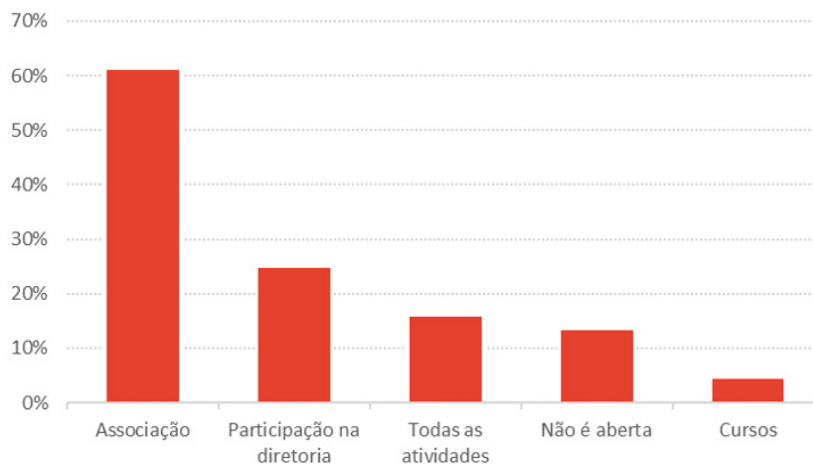
GRÁFICO 2. Questionário e respostas da pesquisa com a comunidade de descendentes e não-descendentes não frequentadores de eventos. FONTE: Elaboração da autora com base na Pesquisa 110 + 10: Presente e Futuro da Comunidade Nikkei, 2019.

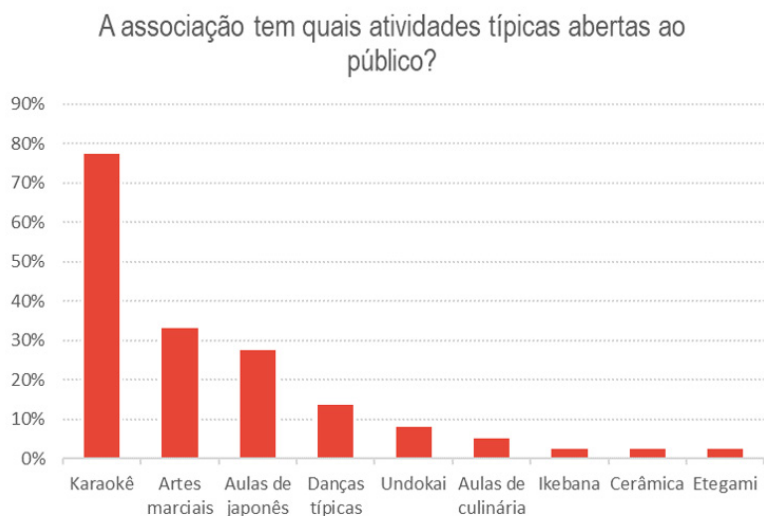
A segunda pesquisa trata mais especificamente das associações de província na cidade de São Paulo, foco do trabalho em questão, sendo aplicado um questionário pelo Kenren (Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil, que centraliza a informação sobre essas associações) para estas responderem a fim de entender a comunidade que frequenta esses espaços, bem como as atividades sediadas.

A associação é aberta a descendentes não diretos da
província original do Japão para quais atividades?



A associação é aberta a não descendentes para quais
atividades?





GRÁFICOS 3, 4 e 5. Questionário e respostas da pesquisa com as associações de província. FONTE: Elaboração da autora com base no questionário aplicado pela Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil, 2020.

De forma geral, é possível perceber que a maioria das associações é aberta para a comunidade nipo-brasileira e para não descendentes, reflexo da mudança de posicionamento que vem ocorrendo dentro delas. No entanto, entende-se que somado aos dados da pesquisa anterior, muito ainda deve ser feito do ponto de vista de mudança de pensamento e abertura para sociedade como um todo por parte das associações já que há a existência de um público interessado e estas oferecem uma gama variada de atividades típicas, os quais envolvem a aprendizagem de idiomas, esportes, gastronomia, arte, entre outras.

3.9. Reflexões sobre memória e identidade

Finalizando a síntese bibliográfica, é importante discutir a questão da memória e identidade no âmbito das associações nipo brasileiras. Para seus membros e frequentadores elas são vistas como locais adequados para o desenvolvimento de práticas e atividades culturais, seja no âmbito do esporte, música, culinária, dança, língua ou artes. “Encaradas como espaços de ‘preservação’ e ‘divulgação’ da cultura japonesa, ali essa tradição é reinventada: aspectos do passado são mantidos, outros são (re)elaborados. A presença de elementos de outras culturas é sentida no resultado final, o arranjo criativo que mistura tendências, sabores, sons, pessoas” (ISCHIDA, 2010, p.190).

Diante do que foi exposto na pesquisa até aqui entende-se que o cenário atual abrange a permanência dos espaços das associações como um espaço de memória, no qual há a expressão da identidade da comunidade nipo-brasileira ainda que esta tenha se modificado ao longo do tempo. Pierre Nora, historiador que se dedicou em refletir sobre a memória, a história e os lugares, afirma:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. [...] A memória emerge de um grupo que ela une; [...] que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. (NORA, 1993, p. 9)

Nesse sentido, pensa-se aqui em uma memória que é uma memória coletiva, acompanhando-se as reflexões do historiador Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses: “A memória coletiva [...] é um sistema

organizado de lembranças cujo suporte são grupos sociais espacial e temporalmente situados. Melhor que grupos, é preferível falar de redes de inter relações estruturadas, imbricadas em circuitos de comunicação. Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância em momentos de crise e pressão. Não é espontânea: para manter-se, precisa permanentemente ser reavivada. É, por isso, que é da ordem da vivência, do mito e não busca coerência, unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas” (MENESES, 1992, p.14 e 15).

De forma sintética, é possível perceber que há uma mudança nos motivos de utilização, objetivo comum e caráter de centralização/descentralização dos espaços das associações quando se compara o passado e o presente. Além disso, pelas visitas e pesquisas atuais é possível perceber que há uma modificação também na quantidade de associados visto que esse número tem diminuído com o passar do tempo apesar de ainda ser expressivo. A seguir, foi esquematizado em quadro a questão base da pesquisa, relativa às causas de utilização dos espaços da associação no passado em comparação com as causas atuais e reflexões levantadas para o futuro:

	UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NO PASSADO (bibliografia)	UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NO PRESENTE E REFLEXÕES PARA O FUTURO (pesquisas e entrevistas com a comunidade)
MOTIVOS DE UTILIZAÇÃO	Integração dos imigrantes e seus descendentes pela afinidade com a língua e costumes	Integração dos descendentes pelas mesmas experiências vividas, interesses em atividades e eventos e questionamentos
OBJETIVO COMUM	Centralização das atividades e lideranças, bem como educação e ascensão social dos descendentes	Com a inserção na sociedade brasileira, o objetivo muda para uma renovação de lideranças, manutenção do espaço e das atividades e fortalecimento da comunidade
CENTRALIZAÇÃO / FRAGMENTAÇÃO	Existência de diversos núcleos com os mesmos objetivos e grande quantidade de associados	Núcleos ainda existem com uma quantidade considerável de associados, mas com início de centralização no que se refere à identidade nipo-brasileira

TABELA 4. Quadro comparativo da utilização dos espaços das associações no passado e utilização no presente e reflexões para o futuro. **FONTE:** Quadro elaborado pela autora.

4. LUGARES RELACIONADOS COM A COMUNIDADE NIPO-BRASILEIRA EM SÃO PAULO

Objetivando entender a distribuição dos lugares relacionados com a comunidade nipo-brasileira na cidade de São Paulo, foi realizado o mapeamento das entidades, associações e instituições com base em consultas da localização em páginas virtuais, bibliografia e a pesquisa realizada pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

Primeiramente, foi realizado um mapeamento na plataforma Google Maps dos locais relacionados com a comunidade nipo-brasileira (o link do mapeamento na plataforma está inserido na bibliografia do presente trabalho), sendo que neste constam informações tais quais os nomes das instituições, endereço e forma de contato. Em uma segunda etapa, tais localizações foram adicionadas em um programa de georreferenciamento, utilizando como base os arquivos do GeoSampa. Dessa forma, foi possível vincular a localização dessas associações com outros dados. Como síntese da etapa foi elaborado um mapa reunindo todas essas informações, bem como gráficos com os dados associados.

Ressalta-se que o trabalho reflete a importância da cartografia para o mapeamento desses espaços, bem como do entorno em que estão inseridos. A seguir, listam-se as categorias dos lugares mapeados.

4.1. Instituições culturais de grande porte

Bunkyo: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social

Como uma entidade de centralização administrativa, atua na organização dos eventos anuais e especiais, recepção a autoridades e administração das instalações culturais. Em relação à edificação, a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa é proprietária de cerca de 96% da área construída do Edifício Bunkyo. O Edifício Bunkyo possui dois auditórios: o Grande Auditório com capacidade para 1.300 pessoas e o Pequeno Auditório para 180 pessoas, um salão para cerimônias (Salão Nobre),

duas salas de exposições (uma no hall de entrada do Grande Auditório e outra no prédio anexo), duas salas de reuniões (no 1º andar) e um ginásio esportivo. Essas instalações são usadas pelas Comissões do Bunkyo para suas realizações e também são alugadas para terceiros. No Edifício também estão instaladas: a secretaria (térreo), o Museu de Arte Nipo-Brasileiro (1º andar), o escritório e biblioteca do Museu da Imigração Japonesa (3º andar) e, do 7º ao 9º andar, a exposição permanente do Museu de Imigração Japonesa. No prédio anexo está instalada a Biblioteca Circulante, com 60.000 volumes. Além da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, no Edifício Bunkyo estão sediadas diversas outras entidades relacionadas com a comunidade nipo-brasileira, como o Kenren (Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil), que centraliza administrativamente as associações de províncias em São Paulo.



FIGURAS 10 e 11. Edifício da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (à esquerda) e Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (à direita). FONTE: Acervo da autora e <<https://www.bunkyo.org.br/br/museu-historico/>>.

Casa de Cultura Japonesa da USP

Situada dentro do campus da Universidade de São Paulo, a edificação foi construída pela Aliança Cultural Brasil Japão e inaugurada em 1976. Em 2004 a Aliança transferiu a administração para a USP por meio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. No prédio estão instalados o Centro de Estudos Japoneses e sua biblioteca, sala de Cerimônia do Chá, auditório no térreo, sala multimídia e outros espaços utilizados por centros e laboratórios.



FIGURA 12. Casa de Cultura Japonesa da USP. FONTE: <<http://clinguas.fflch.usp.br/ccj>>.

Japan House

Localizada na Avenida Paulista a Japan House atua como ponto de difusão da cultura japonesa, bem como na expansão das atividades de intercâmbio nas áreas de negócios, educação, arte, entre outras. Projetada pelo arquiteto japonês Kengo Kuma, utiliza materiais e técnicas tradicionais japonesas na sua construção. O espaço conta com biblioteca, lojas, sala multiuso, sala para seminário, espaço para exposição e restaurante. Apesar de ser um espaço mais comercial no que se refere à cultura, ocorrem importantes discussões e divulgação da comunidade nipo-brasileira em seu espaço.



FIGURA 13. Japan House. FONTE: <<https://www.archdaily.com.br/br/872655/japan-house-sao-paulo-de-kengo-kuma-e-fgmf-pelas-lentes-de-flagrante>>.

Pavilhão Japonês no Parque do Ibirapuera

A construção foi doada à cidade de São Paulo em 1954 como um símbolo da comemoração do IV Centenário de sua fundação pelo governo japonês e pela comunidade nipo-brasileira. Tem como principal característica o uso de materiais e técnicas tradicionais japonesas, tendo sido transportado desmontado do Japão até o Brasil. É composto por um edifício principal suspenso, com salão, salas anexas e salão de exposição, com um jardim e lago no ambiente externo.



FIGURA 14. Pavilhão Japonês no Parque do Ibirapuera. FONTE: <<https://www.bunkyo.org.br/br/pavilhao-japones/>>.

4.2. 47 associações de província (Kenjinkais)

A seguir, são apresentadas as associações por separadas por localização nos distritos e bairros de São Paulo:

Distrito: Bela Vista

- » Bela Vista: Tokyo

Distrito: Liberdade

- » Aclimação: Ibaraki, Fukuoka, Shiga e Wakayama
- » Liberdade: Ehime, Fukui, Fukushima, Gifu, Gunma, Hiroshima, Hyogo, Iwate, Miyagi, Miyasaki, Nagano, Nagasaki, Niigata, Oita, Okayama, Okinawa, Saga, Shizuoka, Toyama, Yamagata e Yamaguchi
- » Sé: Aichi

Distrito: Jabaquara

- » Jabaquara: Chiba e Kagoshima

Distrito: Pinheiros

- » Pinheiros: Kochi

Distrito: Saúde

- » Mirandópolis: Kagawa e Shimane
- » Saúde: Yamanashi e Tottori

Distrito: Tucuruvi

- » Parada Inglesa: Tokushima

Distrito: Vila Mariana

- » Paraíso: Ishikawa
- » Vila Mariana: Akita, Aomori, Hokkaido, Kanagawa, Kumamoto, Kyoto, Mie, Nara, Osaka e Tochigi

Associações sem sede: Saitama

4.3. Outras associações (Kaikans)

Essas associações de menor porte foram mapeadas pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, explicitando-se a localização, atividades e eventos que sediam e número de associados e podem ser visualizadas em uma plataforma digital criada pelo grupo de pesquisa (o acesso para a plataforma está contido na bibliografia deste trabalho).

4.4. Outros locais relacionados com a comunidade nipo-brasileira

É necessário salientar a existência de outros locais que também estão relacionados com a cultura nipo-brasileira e que foram mapeados nesta pesquisa:

Instituições

- » Consulado Geral do Japão em São Paulo
- » Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo
- » Fundação Japão

Gastronomia

- » Associação Brasileira de Culinária Japonesa

Museu

- » Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Templos

- » Associação Religiosa Nambei Honganji Brasil Betsuin
- » Comunidade Budista Soto Zenshu da América do Sul (Templo Busshinji)
- » Jodoshu Betsuin Nippakuji de São Paulo
- » Templo Honpa Hongwanji do Brasil

4.5. Mapa síntese

Por fim, foi gerado um mapa síntese com a localização dos lugares mencionados anteriormente. É possível notar que há uma concentração de instituições e associações de província na região mais central do município, principalmente no bairro da Liberdade devido às questões históricas de instalação da comunidade pela região como foi mencionado anteriormente. Além disso, é possível observar um eixo de expansão para a região sul, no sentido dos distritos Vila Mariana e Jabaquara, refletindo também a mudanças nos locais de moradia da comunidade nipo-brasileira e aumento do padrão de vida dos descendentes dos imigrantes. Em relação às associações de menor porte, mapeadas pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, estas se localizam na região periférica do município, reflexo de seu surgimento como núcleos de vizinhança à semelhança das primeiras associações que foram fundadas nas cidades do interior.

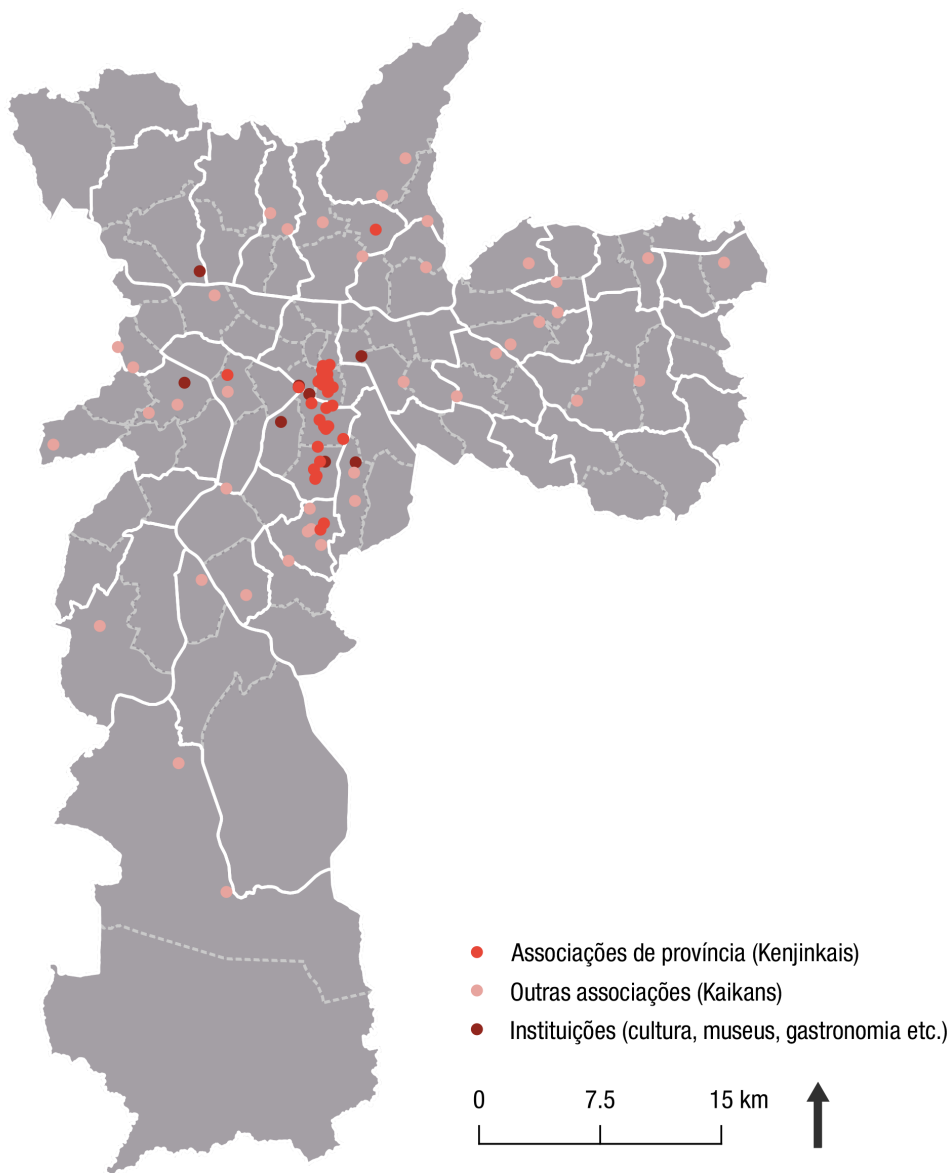


FIGURA 15. Mapa dos locais associados à cultura nipo-brasileira na cidade de São Paulo. FONTE: Mapa elaborado pela autora.

Como foi levantado anteriormente, ressalta-se que o trabalho reflete a importância da cartografia para o mapeamento desses espaços, bem como do entorno em que estão inseridos. Dessa forma, é possível realizar o cruzamento dessas informações obtidas com outros estatísticos, como a base de dados do Censo de 2010 do IBGE. O Pata Data bem como o Jornal Nexô, com base nesses dados do Censo, formularam uma Mapa Racial do Brasil que permite a visualização da distribuição das raças pelo país (brancos, pardos, pretos, amarelos e indígenas), bem como realizar essa aproximação para a cidade de São Paulo. Segundo ROLNIK, 2016:

Os dados indicam que 47,7% dos brasileiros se declararam brancos, 7,6%, pretos, 43,1%, pardos, 1,1%, amarelos e 0,4%, indígenas. Se olharmos os dados só para a região metropolitana de São Paulo, os brancos sobem para 63,91% e os amarelos para 1,35%, enquanto que o número de pretos (5,52%), pardos (29,11%) e indígenas (0,1%) cai em comparação com o restante do país. Se sozinhos os números dizem pouco sobre segregação, os mapas permitem ler claramente que a cor é bastante relevante para pensar essa questão. [...] Também é possível visualizar uma espécie de “corredor amarelo”, ou seja, uma concentração da população de origem asiática – não só de japoneses, mas também chineses e coreanos que imigraram em períodos mais recentes – num eixo norte-sul que vai do Bom Retiro ao Jabaquara, passando por bairros já tradicionalmente asiáticos como a Liberdade. Mas, além dela, há concentrações de grupos sociais que se autodeclararam amarelos na Vila Carrão e em Cotia. (ROLNIK, 2016)

É possível perceber essa mesma distribuição da população comparando-se com a distribuição da localização das associações de província.

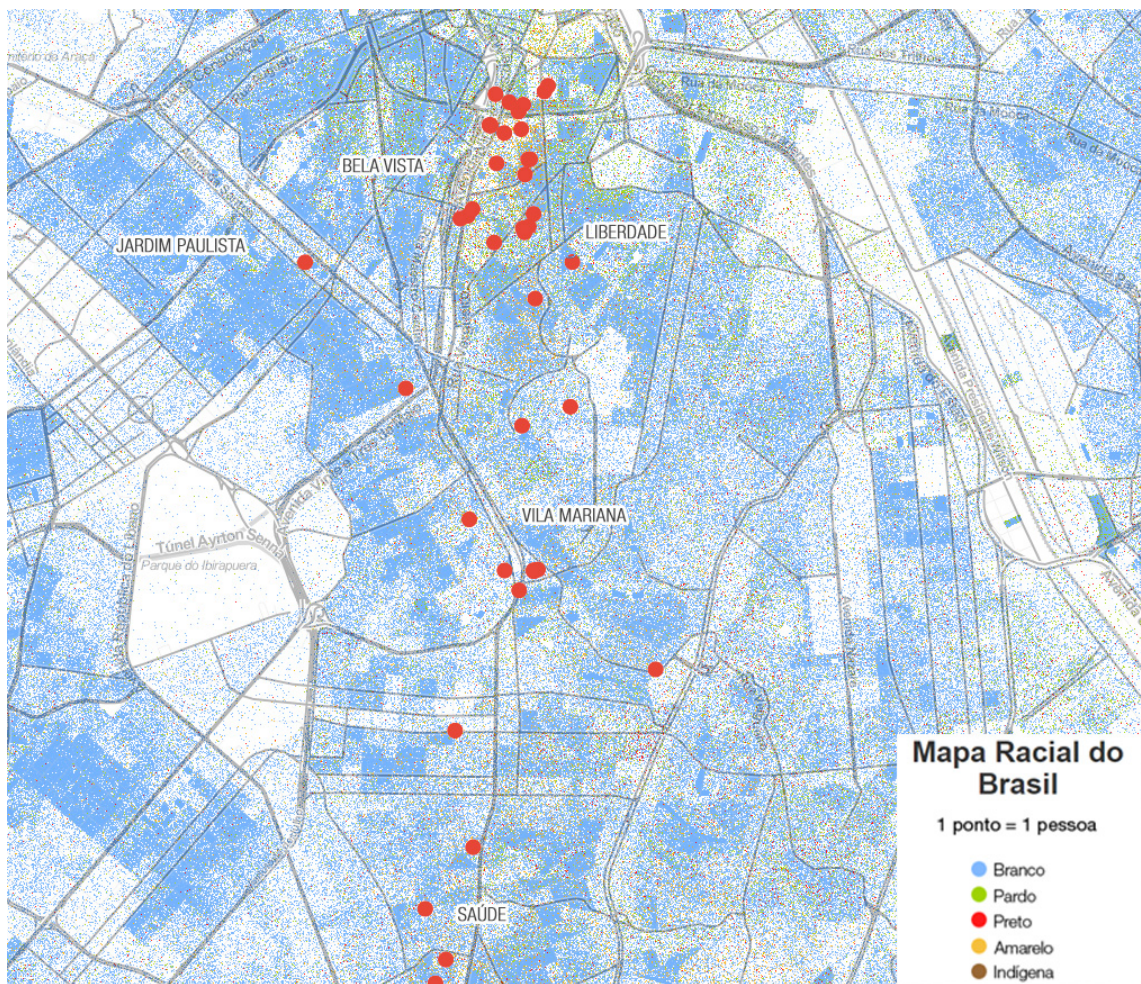


FIGURA 16. Mapa das associações de província sobreposto ao Mapa Racial do Brasil com foco na cidade de São Paulo.
FONTE: Mapa elaborado pela autora com base no Mapa Racial do Brasil disponível em <<http://patadata.org/maparacial/>>.

Além disso, o cruzamento de outros dados também soma ao mapeamento realizado, apresentado a seguir na forma de gráficos.

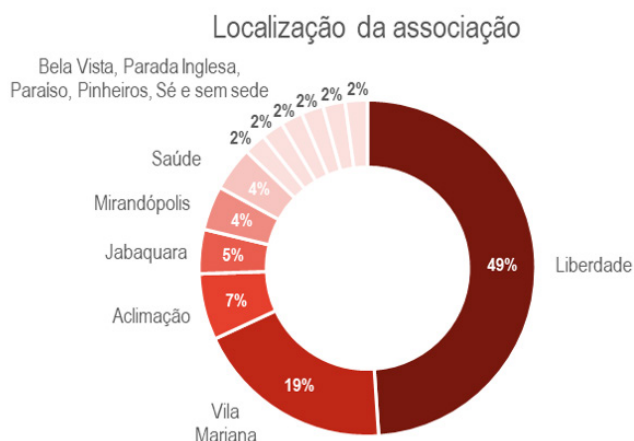


GRÁFICO 6. Associações de província distribuídas por localização. FONTE: Gráfico elaborado pela autora.

O gráfico anterior reflete a cartografia, mostrando que o bairro que sedia a maioria das associações se trata do bairro da Liberdade, seguido do bairro Vila Mariana e com dispersão das outras associações pela cidade de São Paulo. Isso reflete os locais de moradia da comunidade nipo-brasileira, bem como ligação com o entorno (locais de cultura, gastronomia, museus, entre outros) altamente atrelado à comunidade nipônica.



GRÁFICO 7. Associações de província distribuídas por tipologia. FONTE: Gráfico elaborado pela autora.

Em relação às tipologias das associações foi observada a distinção entre três: **sala, casa e edifício**. No caso da tipologia de sala, pela análise e visitas foi possível entender que se trata de associações com menor número de associados, bem como uma capacidade financeira mais reduzida. Já o caso de tipologia de casa, são associações com um poder aquisitivo maior, bem como seu número de associados. Por fim, a tipologia de edifício foi projetada especificamente para a associação, tendo seus espaços compatíveis com os usos que acontecem no local. Nesse caso, tratam-se de associações com maior capacidade financeira, bem como aporte financeiro da província original. A seguir, foi elaborado um mapa que realiza o cruzamento dessas tipologias com sua inserção na cidade.

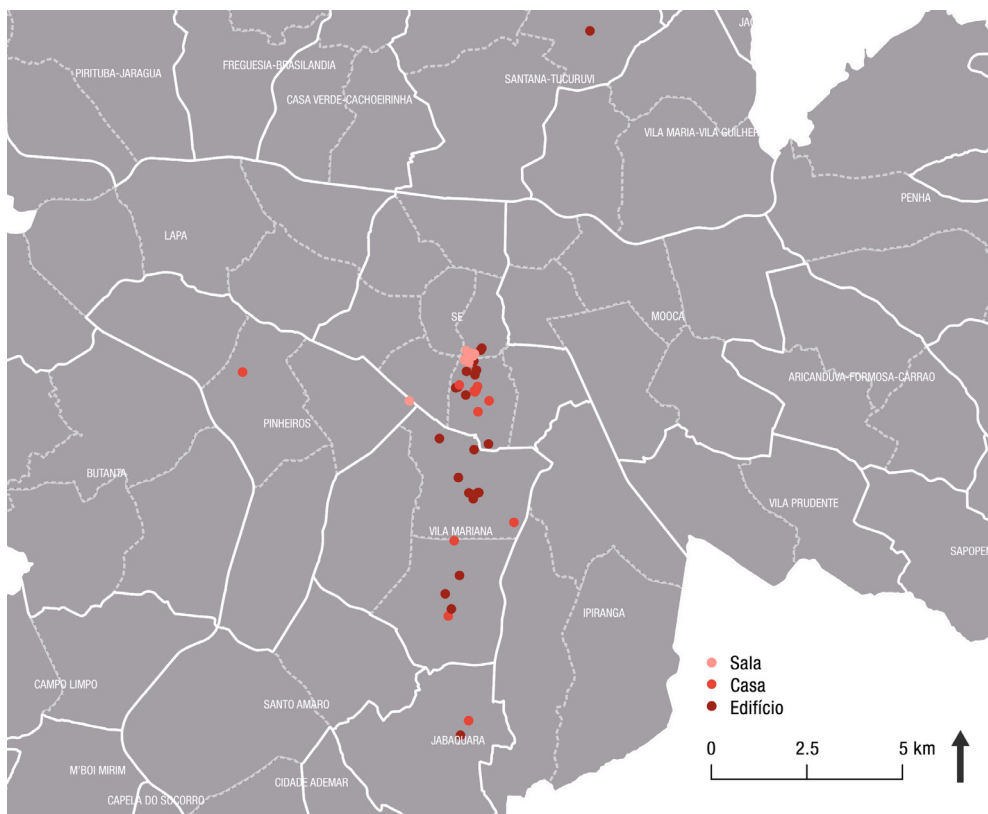


FIGURA 17. Mapa das associações de província distribuídas por localização e tipologia.
FONTE: Mapa elaborado pela autora.

É possível notar que a tipologia de sala ocorre nas áreas mais adensadas da cidade de São Paulo, sendo mais abrangente no bairro da Liberdade, refletindo a importância de manutenção da sede no bairro. As tipologias de casa e edifício encontram-se mais dispersas, mas com uma concentração maior nos bairros de uso predominantemente residencial. Além disso, todas as associações possuem proximidade com meios de transporte públicos, de forma a facilitar o acesso dos frequentadores pelo que foi relatado nas visitas às associações.

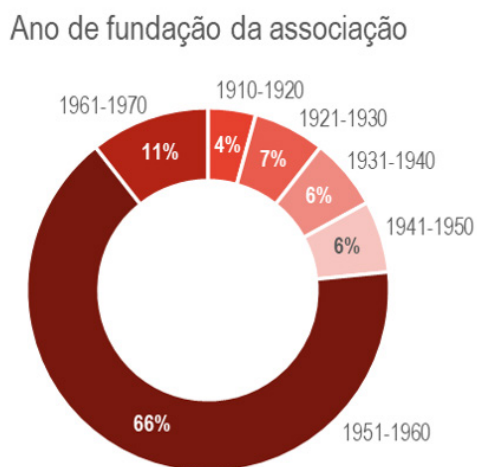


GRÁFICO 8. Associações de província distribuídas por ano de fundação. FONTE: Gráfico elaborado pela autora.

Analisando esse aspecto, o ano de fundação da associação não reflete a inauguração de sua sede física. Dessa forma, esse ano de fundação está muito mais ligado com a necessidade de união do grupo que pela construção da sede física, a qual é fruto de uma melhoria na qualidade de vida dos associados e aumento de seu número, demandando um espaço para a realização de atividades. Além disso, a maior porcentagem retrata a fundação entre os anos de 1951-1960, período em que há a retomada da imigração, bem como o início do crescimento econômico do Japão.

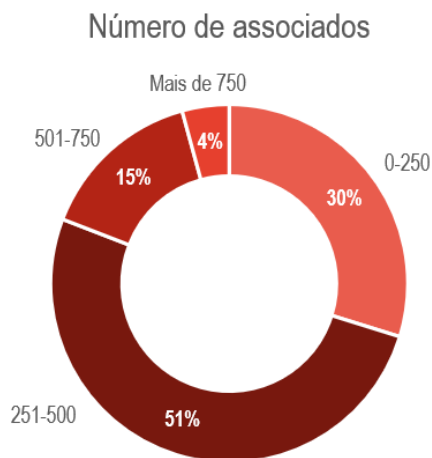


GRÁFICO 9. Associações de província distribuídas por número de associados. FONTE: Gráfico elaborado pela autora.

Por fim, o número de associados não é tão expressivo, visto que existem outros tipos de associação, tais como as de bairro, bem como uma comunidade que reside em outras cidades que não São Paulo. Em todo caso, entende-se que é um número a se considerar, já que cada associação possui suas especificidades, não fazendo sentido no momento atual o movimento para a criação de uma sede única.

5. AS ASSOCIAÇÕES VISITADAS

Nessa etapa inicial também foram realizadas visitas às associações nipo-brasileiras e levantamento da opinião da comunidade que os frequenta. Devido ao número elevado de associações de província existentes (47 no total), percebeu-se a necessidade de realizar um refinamento no objeto de trabalho. Dessa forma, foi delimitada uma amostragem, escolhendo-se 7 locais. Essa amostragem resultou de uma escolha por tipologia (sala, casa ou edifício), localização na cidade de São Paulo e disponibilidade para visita.

Primeiramente houve o contato por e-mail e telefone para verificação da disponibilidade. Os aspectos que foram abordados nas entrevistas com membros, voluntários, trabalhadores e simpatizantes das associações foram as razões de instalação nos locais, como se ligam com o bairro, motivos de reunião, quais eventos e atividades são realizados, entre outros aspectos. Do ponto de vista prático, foram gravados os relatos obtidos nas visitas às associações para a transcrição de trechos mais relevantes a serem registrados no guia. Além disso, foi feito um registro por meio de fotos nos locais e correspondência dos espaços existentes nas associações por meio de uma planta simplificada presentes também no guia. Um aspecto comum a todas as associações é que estas são mantidas por meio de mensalidades cobradas dos associados (anuidade possui um valor simbólico, em torno de R\$ 100,00) e de eventos culturais promovidos com o objetivo de arrecadar fundos. Esse dinheiro arrecadado é utilizado na própria manutenção do espaço físico e para organização de atividades para os associados.

A fim de entender o cenário dos espaços das associações e da comunidade frente à pandemia, foram feitas conversas por meios virtuais de forma a “revisitar” tais espaços. Assim, foi possível registrar desde quando as atividades estavam interrompidas, como foi a adaptação para o meio virtual, bem como se há alguma previsão de retorno para as atividades. Além disso, houve o entendimento da situação dos espaços físicos e como a comunidade se manteve ligada nesse cenário de pandemia por meio de eventos/atividades online. A seguir são apresentadas as particularidades de cada espaço, em ordem cronológica das visitas.

5.1. Associação Toyama Kenjin do Brasil

- » Fundação: 1960
- » Data da visita: 28/09/2019
- » Endereço: Rua Pandiá Calógeras, 97 - Aclimação, São Paulo - SP
- » Número estimado de associados: 460 pessoas
- » Entrevistados: Toshio Ichikawa (presidente da associação), Tomoko Sakano (secretária da associação) e membros da associação

De forma geral, sua história inicia-se com os imigrantes da província, espalhados pelos estados de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Bahia, Pará, Amazonas e Distrito Federal aprovarem a criação da associação em 1960 para tratar assuntos de seus interesses e ser um meio de comunicação com o governo da província original. A falta de um endereço próprio e espaço físico para promover as reuniões dos associados dificultavam a organização de uma associação representativa da comunidade. Assim, o primeiro endereço foi a Rua Sinimbu, no bairro da Liberdade. Posteriormente, a sede tornou-se o imóvel atual, adquirido em 1981. Esse endereço foi escolhido em virtude da proximidade com outras associações (Niigata e Saga). Em 1982, foi realizada a construção do salão da Associação e do segundo andar na qual está instalada a biblioteca. A sede foi reformada no ano de 2019 visando a ampliação do salão. A associação possui bastante relação com a província original, exemplificada pela existência de um tabloide feito pelos familiares no Japão dos descendentes no Brasil.

O espaço da associação

- » Tipologia: imóvel próprio (casa)
- » Inauguração da sede atual: 29/10/1981
- » Espaços:
 - Térreo
 - Salão

- Cozinha
- Sala de reunião
- Administração
- 1º pavimento
 - Alojamentos para o público feminino (5 quartos)
 - Pequena biblioteca
- » Período mais utilizado: domingos
- » Manutenção dos espaços: doações, anuidade dos associados e ajuda financeira da província

Os eventos e atividades da associação

Eventos para os associados:

- » Fevereiro: Shinnenkai (confraternização para comemoração de ano novo)
- » Setembro: Keirokai (confraternização de homenagem aos idosos)
- » Novembro/dezembro: Bonenkai (confraternização de comemoração de fim de ano) e Mochitsuki (evento para se fazer mochi, um tipo tradicional de bolinho de arroz)
- » Reuniões periódicas da diretoria nos finais de semana
- » Sem data fixa: passeios e piqueniques dos associados

Demais eventos para o público no geral:

- » Julho: Festival do Japão

Atividades e cursos para o público no geral:

- » Aulas de japonês
- » Curso de culinária (exemplo: como fazer udon, tipo de macarrão grosso)

A associação durante a pandemia

- » Data da entrevista: 28/09/2020
- » Entrevistados: Tomoko Sakano (secretária da associação) e Renata Ueda (membra da associação)

Como mencionado anteriormente, pelo contexto trazido pela pandemia no ano de 2020, tornou-se importante entender o cenário das associações durante esse período. No caso da associação de Toyama as atividades presenciais foram interrompidas desde março, seguindo o protocolo estabelecido pela Prefeitura de São Paulo e priorizando a saúde dos associados e frequentadores. Na conversa sobre esse cenário foi passado pela secretária da associação que não há previsão definitiva de volta, mas os cursos que acontecem lá estão acontecendo de forma virtual, bem como o alinhamento de formas seguras de realização de reuniões. Além disso, em conversa com a membra da associação foi trazida a discussão do ponto de vista do grupo de jovens existente em cada uma das associações, os quais se reúnem presencialmente de forma rotativa em cada uma delas antes da pandemia. Nesse cenário, ela trouxe a percepção de que com a pandemia a união desse grupo tornou-se maior pela facilidade de reunião de forma virtual, fortalecendo a ligação entre a comunidade em um período de retomada das atividades presenciais. Desta forma, um exemplo de produto dessa ligação durante a pandemia será o Festival do Japão no formato online, apresentado no formato de transmissão online.

5.2. Gifu Kenjinkai do Brasil

- » Fundação: 1938
- » Data da visita: 02/10/2019
- » Endereço: Rua da Glória, 279 - Liberdade, São Paulo - SP
- » Número estimado de associados: 400 pessoas
- » Entrevistada: Yoshiko Sasaki (secretária da associação)

Em relação à história, a entrevistada não trabalhava há muito tempo na associação e, desse modo, a informação relatada foi de que a associação possuía uma sede na Rua Bueno de Andrade antes de realizar a mudança em 2019 para a sala atual. Em conversa complementar com o presidente da associação, foi relatado que a 1ª imigração de descendentes originários dessa província ocorreu em 1913, com a vinda de 11 famílias ao Brasil. Já a fundação da associação ocorreu em 1938, não como uma sede, mas sim como um núcleo de imigrantes dessa província a fim de realizar um resgate

cultural, visto que as primeiras barreiras de mudança de país haviam sido em parte superadas. Dessa forma, em julho foi fundada a Associação de Confraternização dos Provincianos de Gifu no Brasil, resultante de alguns anos de pesquisa para localizar os imigrantes provenientes dessa província. Esse resgate cultural consistia no compartilhamento dos mesmo costumes, dialetos e valores, a fim de manter um elo com o país de origem. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a proibição de qualquer tipo de evento ou reunião praticados pelos imigrantes japoneses, a retomada da associação aconteceu somente em 1949, bem como o reinício da imigração dos provincianos de Gifu em 1952. Atualmente, o cenário da associação ainda relaciona-se com o âmbito cultural, tanto na divulgação para a sociedade brasileira como para a colaboração nas relações entre o Brasil e Japão.

O espaço da associação

- » Tipologia: imóvel próprio (sala)
- » Inauguração da sede atual: mudança em 2019
- » Espaços:
 - Sala
 - Banheiros
- » Período mais utilizado: sábados
- » Manutenção dos espaços: anuidade dos associados e ajuda financeira da província original

Os eventos e atividades da associação

De modo geral, para eventos de grande porte a associação aluga espaços de outros kenjinkais para a realização destes.

Eventos para os associados:

- » Dezembro: Bonenkai (confraternização de comemoração de fim de ano)
- » Sem data fixa: piquenique dos associados
- » Reuniões periódicas mensais da diretoria nos finais de semana

- » Reuniões periódicas de artistas
- » Reuniões periódicas do fujinkai (associação feminina)

Demais eventos para o público no geral:

- » Julho: Festival do Japão
- » Novembro: exposição de pintura

Atividades e cursos para o público no geral:

- » Gujo Odori (dança típica)

A associação durante a pandemia

- » Data da entrevista: 30/09/2020
- » Entrevistados: Yoshiko Sasaki (secretária da associação), Mitsuyoshi Nagaya (presidente da associação) e Beth Nagaya (membra da associação)

No caso da associação de Gifu, as atividades presenciais também foram interrompidas desde março, seguindo o protocolo estabelecido pela Prefeitura de São Paulo e priorizando a saúde dos associados e frequentadores. Na conversa sobre esse cenário foi passado pela secretária, presidente e membra da associação que não há previsão definitiva de volta, sendo provável a retomada só no ano de 2021, mas que as reuniões estão acontecendo no formato virtual. Além disso, será realizada a 16ª Exposição de Pintura, evento que acontece anualmente, sendo pública e a ser realizada por transmissão online no dia 03/11/2020. Dessa forma, foi relatado que não houve dificuldade na adaptação tanto das reuniões como dos preparativos para a exposição. Por fim, em conjunto com dois kenjinkais (Mie e Gunma) será realizado um evento gastronômico com comidas típicas na forma de retirada para arrecadação de fundos para a manutenção dos espaços.

5.3. Associação dos Shizuoka Kenjin do Brasil

- » Fundação: 1957
- » Data da visita: 02/10/2019

- » Endereço: Rua Vergueiro, 193 - Liberdade, São Paulo - SP
- » Número estimado de associados: 530 pessoas
- » Entrevistado: Nagato Hara (presidente da associação)

A associação em si foi fundada em 1952 com o objetivo de reunir imigrantes da mesma província. A construção do espaço no ano de 1987 foi motivada para ser um local de integração e de apoio para residência para pessoas (principalmente estudantes) que se mudavam do interior para a capital, além de ser uma sede comum que tratasse de assuntos dos descendentes e fazer a ligação com o governo da província original o Japão. A edificação foi construída com ajuda financeira da província original e a escolha do local foi baseada na proximidade com a Liberdade e facilidade de acesso aos meios de transporte. Atualmente a relação com a província é política e cultural, já que a associação é independente financeiramente.

O espaço da associação

- » Tipologia: imóvel próprio (edifício)
- » Inauguração da sede atual: 1987
- » Espaços:
 - Subsolo: vagas de garagem
 - Térreo
 - Salão
 - Cozinha
 - Banheiros
 - Espaços de apoio
 - 1º pavimento
 - Salão
 - Banheiros
 - Espaços de apoio
 - 2º pavimento

Alojamentos

- » Período mais utilizado: dias da semana para aulas e finais de semana para alocação de salão
- » Manutenção dos espaços: anuidade dos associados, locação dos espaços e aluguel dos alojamentos

Os eventos e atividades da associação

Eventos para os associados:

- » Janeiro: Shinnenkai (confraternização para comemoração de ano novo)
- » Dezembro: Bonenkai (confraternização de comemoração de fim de ano)
- » Excursão dos associados

Demais eventos para o público no geral:

- » Julho: Festival do Japão
- » Outubro: concurso de karaokê

Atividades e cursos para o público no geral:

- » Aulas de dança
- » Aulas de karatê (arte marcial japonesa)
- » Aulas de taissô (exercícios de ginástica acompanhados de música e instruções)
- » Karaokê (prática em que cantores amadores performam músicas instrumentais)
- » Tênis de mesa

A associação durante a pandemia

- » Data da entrevista: 09/10/2020
- » Entrevistado: Nagato Hara (presidente da associação)

No caso da associação de Shizuoka, as atividades presenciais e eventos foram interrompidos desde abril, seguindo o protocolo estabelecido pela Prefeitura de São Paulo e priorizando a saúde dos associados e frequentadores. Na conversa sobre esse cenário foi passado pelo presidente da associação que não há previsão definitiva de volta, dependendo muito do cenário da evolução da

pandemia na cidade de São Paulo. Um ponto importante citado foi o de que a adaptação ao formato virtual para a realização de reuniões foi fácil e até mesmo positiva do ponto de vista de número de participantes e objetividade. Outro ponto de aproximação da comunidade foi o contato com as pessoas ocorrendo não apenas em reuniões formais, mas também de forma esporádica apenas para troca de vivências. Atualmente o espaço físico da associação está fechado e a manutenção financeira está acontecendo devido à reserva feita durante a época de operação. Além disso, da mesma forma que na associação de Gifu, será feito um evento gastronômico para arrecadação de fundos.

5.4. Associação Cultural Fukui Ken do Brasil

- » Fundação: 1954
- » Data da visita: 12/10/2019
- » Endereço: Rua dos Estudantes, 15 - Liberdade, São Paulo - SP
- » Número estimado de associados: 300 pessoas
- » Entrevistada: Reiko Ishizu (voluntária da associação)

Fundada em 1954, quando a província japonesa passava por dificuldades devido à catástrofes, guerra e terremotos, objetivava realizar a colaboração para a reconstrução da província original, iniciando também contatos regulares entre os próprios imigrantes. A associação sempre possuiu sede em uma tipologia de sala e localização no bairro da Liberdade. Por ser uma sala, o espaço é utilizado como ambiente social no qual são realizadas reuniões e palestras, mas para eventos de grande porte são alugados salões de outras associações. De modo geral, possui forte ligação com a província no Japão, por meio de apoio financeiro, bem como intercâmbio social e cultural. Na entrevista foi relatada que a sede anterior era uma sala em uma edificação na Rua da Glória e de que não há um motivo específico de instalação no local, nem relação com demais associações.

O espaço da associação

- » Tipologia: imóvel próprio (sala - união de 2 conjuntos)

- » Inauguração da sede atual: 15/07/1994
- » Espaços:
 - Sala
 - Escritório
 - Cozinha
 - Banheiros
- » Período mais utilizado: domingos
- » Manutenção dos espaços: anuidade dos associados e ajuda financeira da província original

Os eventos e atividades da associação

De modo geral, para eventos de grande porte a associação aluga espaços de outros kenjinkais para a realização destes.

Eventos para os associados:

- » Janeiro: Shinnenkai (confraternização para comemoração de ano novo) e assembleia geral
- » Maio: comemoração de dia das mães
- » Setembro: Keirokai (confraternização de homenagem aos idosos)
- » Dezembro: Bonenkai (confraternização de comemoração de fim de ano)
- » Reuniões mensais

Demais eventos para o público no geral:

- » Julho: Festival do Japão

Atividades e cursos para o público no geral:

- » Palestras sobre tecnologia no período noturno

A associação durante a pandemia

- » Data da entrevista: 13/10/2020
- » Entrevistada: Reiko Ishizu (voluntária da associação)

No caso da associação de Fukui, as atividades presenciais foram interrompidas desde março, seguindo o protocolo estabelecido pela Prefeitura de São Paulo e priorizando a saúde dos associados e frequentadores. Na conversa sobre esse cenário foi passado pela voluntária da associação que não há previsão definitiva de volta, dependendo muito do cenário da evolução da pandemia na cidade de São Paulo.

5.5. Associação Cultural e Assistencial Kanagawa

- » Fundação: 1965
- » Data da visita: 13/10/2019
- » Endereço: Rua Major Newton de Feliciano, 75 - Vila Mariana, São Paulo - SP
- » Número estimado de associados: 200 pessoas
- » Entrevistados: Milton Toshiaki Guiotoko (tesoureiro da associação) e outros membros da associação

Pelo fato da província original do Japão ter característica industrial, poucos imigrantes eram provenientes desta província e, deste modo, o número de associados é menor. A assembleia de fundação da associação ocorreu em abril de 1965. Foi relatado que a sede original antes da compra da casa atual ficava localizada na Vila Madalena, possuindo um espaço de galpão e estacionamento.

O espaço da associação

- » Tipologia: imóvel próprio (casa)
- » Inauguração da sede atual: -
- » Espaços:
 - Térreo
 - Garagem (salão)
 - Sala de reunião
 - Cozinha

- Banheiro
- 1º pavimento
- Alojamentos
- Edificação anexa para caseiros
- Jardim
- » Período mais utilizado: domingos
- » Manutenção dos espaços: anuidade dos associados e ajuda financeira da província original

Os eventos e atividades da associação

Eventos para os associados:

- » Janeiro: assembleia e Shinnenkai (confraternização para comemoração de ano novo)
- » Dezembro: Mochitsuki (evento para se fazer mochi, um tipo tradicional de bolinho de arroz) e Bonenkai (confraternização de comemoração de fim de ano em conjunto com província de Saitama e Tóquio)
- » Viagens no dia dos pais e das mães
- » Reuniões mensais

Demais eventos para o público no geral:

- » Julho: Festival do Japão

Atividades e cursos para o público no geral:

- » Maio: curso de culinária

A associação durante a pandemia

- » Data da entrevista: 28/09/2020
- » Entrevistado: Milton Toshiaki Guiotoko (tesoureiro da associação)

No caso da associação de Kanagawa, as atividades presenciais e eventos foram interrompidos desde março, seguindo o protocolo estabelecido pela Prefeitura de São Paulo e priorizando a saúde dos associados e frequentadores. Na conversa sobre esse cenário foi passado pelo tesoureiro da

associação que não há previsão definitiva de volta, dependendo muito do cenário da evolução da pandemia na cidade de São Paulo, bem como pela negociação da venda da sede por iniciativa do proprietário majoritário. As reuniões no formato online iniciaram-se em julho, bem como envio de atas para conhecimento de todos. Financeiramente, a associação participa apenas de 20% dos custos, sendo que o restante é arcado pelo proprietário majoritário, que lida com o pagamento das taxas e manutenção do espaço físico, não prejudicando a verba da associação.

5.6. Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil

- » Fundação: 1952
- » Data da visita: 14/10/2019
- » Endereço: Rua Dona Cesária Fagundes, 323 - Saúde, São Paulo - SP
- » Número estimado de associados: 460 pessoas
- » Entrevistada: Dina Yabuta (secretária da associação)

A associação foi fundada em 1952 motivada pelo sentimento de união e assistência a um incêndio ocorrido na província de origem. De forma geral, como a construção da sede foi mais tardia que as demais associações, buscou-se um lote com dimensões maiores. O edifício foi construído em 1995 no lote que pertencia à uma casa, aproveitando-se o jardim já existente. Atualmente, a vizinhança participa de cursos e de eventos que acontecem no local. No período da realização da visita, a sede passava por uma reforma visando a construção de banheiros acessíveis.

O espaço da associação

- » Tipologia: imóvel próprio (edifício)
- » Inauguração da sede atual: 1995
- » Espaços:
 - Subsolo: vagas de garagem

Térreo

Salão

Cozinha

Banheiros

Jardim

1º pavimento: salas

2º pavimento

Salas de aula

Salão

Jardim

- » Período mais utilizado: 12 às 22hs nos dias da semana e finais de semana para reuniões e aluguel de salão
- » Manutenção dos espaços: locação de salão, cursos, anuidade dos associados e ajuda financeira da província original (1 vez por ano)

Os eventos e atividades da associação

Eventos para os associados:

- » Fevereiro: Shinnenkai (confraternização para comemoração de ano novo)
- » Setembro: Keirokai (confraternização de homenagem aos idosos)
- » Novembro: Bonenkai (confraternização de comemoração de fim de ano)
- » No geral os eventos são feitos com as associações (Hiroshima, Okayama, Shimane e Yamaguchi) da região do bloco Chugoku (no Japão)
- » Reuniões mensais

Demais eventos para o público no geral:

- » Abril: Undokai (gincana poliesportiva)
- » Julho: Festival do Japão
- » Outubro: venda de comidas típicas

Atividades e cursos para o público no geral:

- » Escola de idiomas: japonês e inglês
- » Esportivas: Kenko Taissô (ginástica) e outras modalidades (Tai Chi Chuan, Yoga, Pilates e Shakti Naam)
- » Dança: Kassa Odori (dança típica) e outras modalidades (dança de salão)
- » Culturais: Haiku-kai (poema curto de origem japonesa), Soroban (instrumento de cálculo japonês), Shodô (arte japonesa da escrita), Mangá (história em quadrinhos no estilo japonês) e outras modalidades (Sumi-ê e pintura em tela)
- » Musicais: Karaokê (prática em que cantores amadores performam músicas instrumentais), Zenidaiko (performance em que são usados bastões de bambu com moedas no interior) e outras modalidades (coral)
- » Artesanato: Boutis e Patchwork
- » Saúde: Fisioterapia

A associação durante a pandemia

- » Data da entrevista: 28/09/2020
- » Entrevistados: Dina Yabuta (secretária da associação) e Tadashi Suenaga (presidente da associação)

No caso da associação de Tottori, as atividades presenciais e eventos foram interrompidos desde março, seguindo o protocolo estabelecido pela Prefeitura de São Paulo e priorizando a saúde dos associados e frequentadores. Na conversa sobre esse cenário foi passado pela secretária e presidente da associação que não há previsão definitiva de volta, dependendo muito do cenário da evolução da pandemia na cidade de São Paulo, bem como da vontade dos alunos participantes de cursos permitidos mediante regras de distanciamento adequado. As reuniões, bem como alguns cursos continuaram no formato online com uma alta adesão, sendo a adaptação ao meio digital fácil de ser realizada com a ajuda da família dos associados e alunos. No entanto, grandes eventos relacionados à cultura e gastronomia não foram realizados. Em relação à manutenção do local físico pela existência de jardim e lago foi necessária a manutenção por parte do zelador; do ponto de vista

financeiro foi possível manter os custos devido ao pagamentos dos professores que ministram cursos na associação, bem como pelo valor pago pelos associados.

5.7. Associação Ishikawa Ken do Brasil

- » Fundação: 1937
- » Data da visita: 18/10/2019
- » Endereço: Rua Tomás Carvalhal, 184 - Paraíso, São Paulo - SP
- » Número estimado de associados: 428 pessoas (comparecimento de 180 pessoas por evento da associação)
- » Entrevistados: Geraldo Massayuki Morinaga (presidente da associação) e membros da associação

Em 1917 as três primeiras famílias de imigrantes da província chegaram no Brasil no navio Seattle Maru. Aos poucos, mais imigrantes provenientes dessa província foram chegando e instalando-se em fazendas de café, algodão e outras lavouras no interior dos estados de São Paulo e Paraná. Aqueles que permaneceram na cidade de São Paulo ou mudaram-se para a zona urbana em busca de melhores condições educacionais para os filhos fundaram em 1937 a associação, como um ponto de encontro para socialização e divulgação de notícias. Ao longo do tempo, as reuniões ocorriam nas residências dos diretores, restaurantes ou outros locais. Somente em 1995 a sede principal foi construída, com auxílio financeiro da província original.

O espaço da associação

- » Tipologia: imóvel próprio (edifício)
- » Inauguração da sede atual: 1995
- » Espaços:
 - Térreo
 - Salão (com ocupação de 100 pessoas)

Cozinha
Espaço para cerâmica
1º pavimento
Biblioteca
Salas
Administração
Sala para cerimônia do chá

- » Período mais utilizado: terça a sexta das 09 às 18hs e finais de semana para locação e aulas de cerâmica
- » Manutenção dos espaços: locação de salão, eventos, cursos, anuidade dos associados e ajuda financeira da província original

Os eventos e atividades da associação

Eventos para os associados:

- » Janeiro: Shinnenkai (confraternização para comemoração de ano novo)
- » Maio: dia das mães
- » Agosto: almoço dos associados
- » Outubro: Seinen-bu (evento organizado pela associação de jovens)
- » Novembro: Keirokai (confraternização de homenagem dos idosos)
- » Dezembro: Bonenkai (confraternização de comemoração de fim de ano)
- » Reuniões mensais

Demais eventos para o público no geral:

- » Abril: venda de comidas típicas
- » Junho: Bunka-sai (festival da cultura japonesa)
- » Julho: Festival do Japão

Atividades e cursos para o público no geral:

- » Etegami (pintura com mensagem)
- » Aquarela

- » Ikebana (arranjos florais)
- » Aulas de cerâmica
- » Haiku-kai (poema curto de origem japonesa)

A associação durante a pandemia

- » Data da entrevista: 25/09/2020
- » Entrevistados: Marcia Shinotsuka (secretária da associação)

No caso da associação de Ishikawa, as atividades presenciais e eventos foram interrompidos desde março, seguindo o protocolo estabelecido pela Prefeitura de São Paulo e priorizando a saúde dos associados e frequentadores. Na conversa sobre esse cenário foi passado pela secretária da associação que não há previsão definitiva de volta, mas com possibilidade de volta de alguns cursos em novembro dependendo do que for combinado entre alunos e professores, além do planejamento sobre outras atividades online para os associados. Apenas o curso de aquarela continuou no formato online, bem como as reuniões de diretoria e conversa com os associados. Em relação à manutenção física do espaço, por conta do zelador residir na associação houve a manutenção periódica. Já do ponto de vista financeiro, houve ajuda monetária da província original situada no Japão e doações dos associados.

6. PROPOSTA DE MATERIAL GRÁFICO

No início da pesquisa, objetivava-se realizar um projeto de espaço físico propriamente dito, seja ele como um união dos espaços de memória ou até mesmo de revitalização de alguma das associações. No entanto, com o aprofundamento da pesquisa ficou explícito que tal proposta não se mostrava coerente, visto que os espaços possuem sua própria identidade e comunidade que os frequenta. Assim, houve o entendimento de que uma proposta mais adequada para a etapa final poderia envolver a compilação das informações, consolidação dos estudos e criação de material gráfico para divulgação estruturado na forma de guia. Dessa forma, foram coletadas referências de materiais gráficos e propostas de divulgação semelhantes, objetivando um projeto adequado para o incremento das atividades realizadas nos espaços das associações.

6.1. Referências

Japão 47 artesãos

A exposição em questão ocorreu na Japan House no período de abril até julho de 2019. O segundo andar do centro cultural é o cenário para descobertas resultantes de um Japão contemporâneo que ainda se encontra ligado com a tradição. Dessa forma, a exposição buscava representar o design, artesanato, contemporaneidade e tradição por meio dos materiais e técnicas herdadas de cada província do Japão aplicadas em um objeto.



FIGURAS 18 e 19. Fotos da exposição “Japão 47 artesãos”.
 FONTE: <<https://www.japanhouse.jp/saopaulo/event/artesaos.html>>.



FIGURAS 20 e 21. Fotos dos objetos representativos de cada província na exposição “Japão 47 artesãos”.
 FONTE: <<https://www.japanhouse.jp/saopaulo/event/artesaos.html>>.

Jornada do Patrimônio

Em uma data específica do ano, a Jornada do Patrimônio organiza roteiros históricos, visitas a imóveis tombados, oficinas e sessões de cinema em pontos históricos e de memória e identidade do estado de São Paulo. Trata-se de uma forma de aproximação do público com o patrimônio histórico e cultural paulista. A seguir, é apresentada a formatação do caderno utilizado para divulgação de tais eventos na Jornada do Patrimônio da cidade de São Paulo, em 2019.

14ª semana de valorização do patrimônio

agentes e práticas institucionais da memória paulistana

A Semana de Valorização do Patrimônio 2019 tem como tema "Agentes e Práticas Institucionais da Memória Paulistana". São três dias destinados a ampliar a reflexão das ações ligadas à preservação do patrimônio cultural e da memória na cidade de São Paulo, com debates sobre sua história com seus atores institucionais. Também serão abordados os desafios e possibilidades dessa prática no contexto contemporâneo, pensando a necessidade de atuação em conjunto com a sociedade e estimulando a troca de experiências entre pesquisadores, estudantes, profissionais do patrimônio, intelectuais e demais atuantes na área.

ORGANIZAÇÃO: Raquel Schenkman
Diretora do Departamento do Patrimônio Histórico - DPH



programação

14.8

14h00 - 14h30 ABERTURA DO EVENTO

14h30 - 16h30 MESA 1

O DPH na SMC: origem e balanço

Terá como tema a criação do DPH junto com a Secretaria Municipal de Cultura e mais tarde do Conpresp.

16h45 - 18h00 PRÊMIO MURILO MARX

3ª edição do Prêmio que relembra a trajetória do primeiro diretor do DPH, arquiteto e docente da FAUUSP, e homenageia destaques contemporâneos em 3 categorias: Memória, Valores e Práticas.

15.8

09h00-10h30 MESA 2

Gestão compartilhada: conexões com outros órgãos de Patrimônio

Tratará das questões da salvaguarda do patrimônio cultural na cidade de São Paulo e suas interseções com os outros órgãos de preservação existente.

11h00 - 12h30 MESA 3

Patrimônio Cultural e participação social

Será debatida a inserção de novas experiências e olhares dentro do processo de salvaguarda, apresentando casos paradigmáticos de preservação em São Paulo em conjunto com demandas de movimentos sociais e grupos de bairro, bem como questões acerca da arqueologia urbana.

14h00-18h00 MESA 4

O tombamento na dinâmica municipal

Discutiremos tombamentos recentes realizados pelo DPH, apresentando em profundidade os temas estudados durante os últimos anos, expondo o trabalho técnico de pesquisa efetuado pelo Departamento que embasou o encaminhamento para decisão do CONPRES.

16.8

09h00-10h30 MESA 5

Patrimônio Cultural e desenvolvimento urbano na área central

Será debatida a relação e os limites entre patrimônio cultural, planejamento e desenvolvimento urbano, com luz às questões recentes sobre o PIU Centro e o instrumento da TDC.

11h00 - 12h30 MESA 6

Paisagem, projeto e arte urbana

Reflexão sobre o paisagem da cidade como patrimônio cultural e trazer questões acerca de projetos urbanos e intervenções artísticas que impactam o ambiente e chamam a atenção para outras formas de olhar a cidade.

14h00-16h30 MESA 7

Perspectivas contemporâneas do Patrimônio Cultural

Proporá um balanço do evento e provocações necessárias para a continuidade do trabalho desenvolvido pelo Departamento em torno da salvaguarda do patrimônio cultural de São Paulo.

17h00-18h30 ROTEIRO

Memória Paulistana

Inauguração do projeto Memória Paulistana, com um roteiro para a ativação das placas de lugares de memória, partindo da Biblioteca Mário de Andrade pelo Triângulo Histórico até o Beco do Pinto, para a festa de abertura da Jornada do Patrimônio.



FIGURAS 22 e 23. Páginas do caderno da Jornada do Patrimônio de 2019.
FONTE: <<http://www.jornadadopatrimonio.prefeitura.sp.gov.br/2019/l/>>.

Memórias Resistentes, Memórias Residentes

Trata-se do mapeamento de lugares de memória da ditadura civil-militar no município de São Paulo. De forma geral, a publicação objetiva mostrar e convidar o leitor para um percurso pelos locais que representaram a repressão praticada pela ditadura civil-militar, bem como para os que representaram a luta de resistência contra o regime autoritário. A linguagem utilizada é acessível, do ponto de vista da diagramação, uso de cores, gráficos e esquemas. Outro aspecto importante trata-se de uma seção intitulada “Como navegar nesta e por esta publicação”, corroborando a facilidade de leitura levantada anteriormente.

COMO NAVEGAR NESTA E POR ESTA PUBLICAÇÃO

Cada lugar de memória nesta publicação terá um página dedicada a sua apresentação, contendo **nome e ícone** **A** correspondente a sua categoria (vide **ÍNDICE ICONOGRÁFICO** p.35). Cada página de apresentação contém também uma **folha de informações** **B** localizada na beirada do livro indicando sua categoria, seguida da menção dos principais acontecimentos **ÍNDICE E FUNÇÕES** p.38 ocorridos em cada lugar, que serão melhor explicitados ao longo do **texto corrido** **C**. Em complemento à ampla disponibilidade e utilização de aplicativos digitais de mapa e localização georreferenciada, esta publicação traz uma rede de interação entre cada um dos diferentes lugares de memória nela apresentados. Ao longo da leitura serão frequentemente encontradas **referências cruzadas** **D** contendo o nome e o número da página de outros lugares de memória encontrados neste livro.

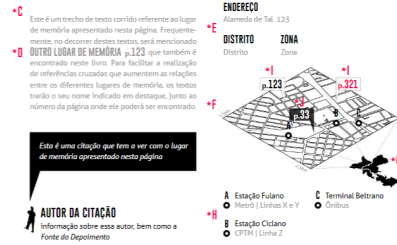
De modo a auxiliar a visitação dos lugares de memória apresentados no livro, cada lugar de memória é acompanhado da indicação de seu **entorno, distrito e zona** **E** na cidade de São Paulo. Junto a ele, cada lugar contém ainda um **mapa ampliado do entorno** **F** contendo sua **localização no município** **G** e os **pontos de transporte público notáveis** **H** mais próximos, além de **outras fontes de memória e situações nos arredores** **I**, sempre referenciadas com o **alinhamento da página** **J** correspondente a sua localização nesta publicação e marcado com a cor correspondente ao capítulo.

Visando estender o contato do leitor a outras fontes de informação referentes a lugares de memória específicos e a todo o período histórico abordado, no final de publicação são encontradas **REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES** p.270. Junto à relação de **FILMES SOBRE A DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL** p.273. Acompanhando alguns lugares de memória também será encontrada a sessão **SAIBA MAIS!** dedicada a apontar livros, artigos, produções audiovisuais e programas de televisão, junto a eventuais links de acesso na internet.

32



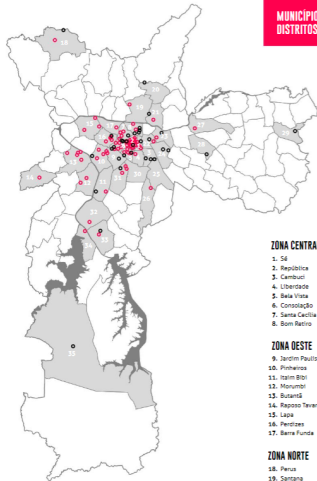
Título da Foto Conforme Atribuído Pelo Autor da Foto | Base Nome do Autor da Foto | Fonte Procedência da Foto



B

CADERNO DE LUGAR DE MEMÓRIA - ACONTECIMENTOS ENTRE 1964 E 1965

33

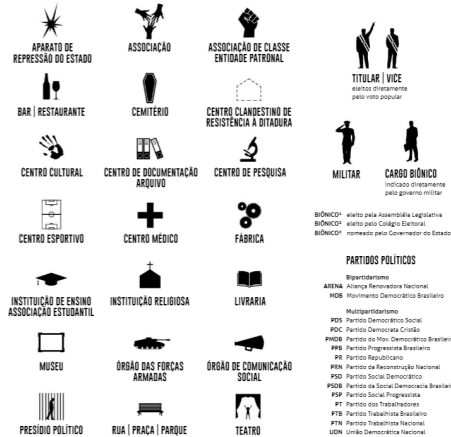


MUNICÍPIO DE SÃO PAULO DISTRITOS E ZONAS

ZONA CENTRAL	ZONA LESTE
1. Sé	12. Brás
2. República	13. Belém
3. Cambui	14. Mooca
4. Liberdade	15. Ipiranga
5. Bela Vista	16. Centro
6. Consolação	17. Pinheiros
7. Santa Cecilia	18. Cerqueira
8. Bom Retiro	19. Lapa
ZONA OESTE	ZONA CENTRO-SUL
9. Jardim Paulista	20. Vila Mariana
10. Pinheiros	21. Moema
11. Itaim Bibi	22. Santo Amaro
12. Morumbi	23. Campo Grande
13. Butantã	
14. Raposo Tavares	ZONA SUL
15. Lapa	24. Socorro
16. Parelheiros	25. Pinheiros
17. Barra Funda	
ZONA NORTE	ENDEREÇOS DA REpressão
18. Parelheiros	26. Santana
19. Santana	27. Tucuruvi
20. Tucuruvi	28. Vila Guiné
21. Vila Guiné	

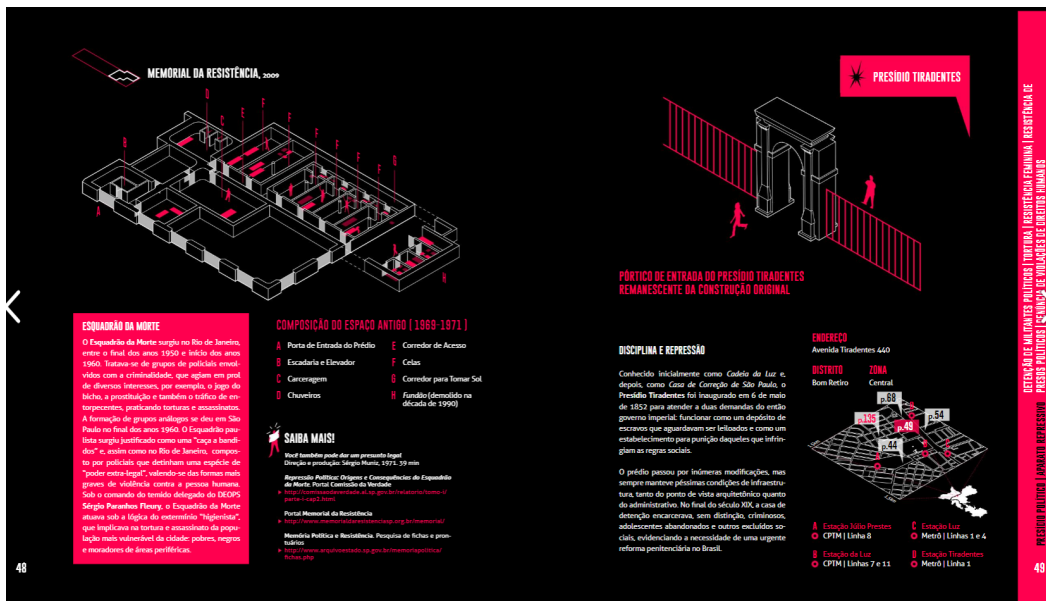
34

ÍNDICE ICONOGRÁFICO



35

FIGURAS 24 e 25. Páginas introdutórias de “Memórias Resistentes, Memórias Residentes”.
FONTE: <https://issuu.com/smdhc/docs/161223c2_mem__rias_resistentes_-_i_>.



FIGURAS 26 e 27. Páginas dos locais de “Memórias Resistentes, Memórias Residentes”.
FONTE: <https://issuu.com/smdhc/docs/161223c2_mem_rias_resistentes_-_j>.

6.2. Eventos típicos

De modo geral, é possível dividir os eventos que ocorrem nas associações em três categorias: os eventos específicos para associados e os eventos para o público no geral. A descrição desses eventos constará no guia, na forma de pequenos “verbetes” a fim de explicar o conceito geral desses eventos.

Os primeiros englobam os eventos que acontecem em períodos específicos do ano e são voltados para associados. No entanto, em algumas associações esses eventos são abertos para os frequentadores dos locais também. Alguns exemplos são:

- » Shinnenkai (confraternização para comemoração de ano novo - em janeiro ou fevereiro)
- » Keirokai (confraternização de homenagem dos idosos - em setembro)
- » Bonenkai (confraternização de comemoração de fim de ano - em novembro ou dezembro)
- » Mochitsuki (evento para se fazer mochi, um tipo tradicional de bolinho de arroz - em novembro ou dezembro)

Já o segundo caso é aberto para o público em geral e consiste em uma forma de conhecer as associações e a comunidade. Alguns exemplos são:

- » Concurso de karaokê
- » Curso de culinária
- » Eventos gastronômicos: esporadicamente são realizados eventos pelas associações para venda de comidas típicas da culinária japonesa com a finalidade de arrecadação de fundos
- » Exposições: pintura
- » Festival do Japão: evento organizado pelas associações de província e entidades culturais que acontece na cidade de São Paulo em um final de semana de julho, contando com atrações típicas envolvendo música, dança, esportes, entre outras, bem como venda de comidas tradicionais de cada uma das províncias
- » Undokai: gincana poliesportiva

6.3. Atividades e cursos

As atividades e cursos são específicos de cada associação e as inscrições são abertas para qualquer pessoa interessada, possuindo raízes diretas com a cultura japonesa. Para sua realização são pagas taxas diferenciadas para cada uma das atividades ou cursos. A seguir apresentam-se alguns exemplos de atividades:

- » Aulas de japonês
- » Cerâmica
- » Culinária
- » Danças típicas (exemplo: Gujo Odori e Kassa Odori)
- » Esportes: karatê (arte marcial) e taissô (ginástica)
- » Etegami: pintura com mensagem
- » Haiku-kai: poema curto de origem japonesa
- » Ikebana: arranjos florais
- » Karaokê: prática em que cantores amadores performam músicas instrumentais
- » Mangá: história em quadrinhos no estilo japonês
- » Shodô: arte japonesa da escrita
- » Soroban: instrumento de cálculo japonês
- » Zenidaiko: performance em que são usados bastões de bambu com moedas no interior

6.4. Espaços e elementos representativos

Como já foi mencionado, as associações primárias consistiam em uma escola associada a um espaço para prática de esportes e eventos, visando educação e confraternização da comunidade. Dessa forma, uma estrutura que reflete esse ideal é a presença do palco nas associações, presente em todas as que possuem tipologia de edifício e possuindo adaptações naquelas com a tipologia de casa. Além disso, esse espaço demonstra a influência da educação integrada japonesa, visando a

formação em arte, música, dança, cultura etc. Assim, as apresentações ou discursos formais em eventos e atividades das associações ocorrem nesse espaço. Outro espaço relacionado à educação são os alojamentos, espaços destinados para acolhimento de estudantes da comunidade que vinham e vem do interior estudar na capital. Um elemento comum nas associações é a simbologia por meio de artefatos. Em muitas sedes, haviam prateleiras com artefatos típicos das províncias originais do Japão, tais como bonecos, esculturas ou objetos cotidianos. Além disso, as placas com as bandeiras das províncias originais é um artefato presente na maioria das associações.



FIGURAS 28 e 29. Fotos do palco (à esquerda) e artefatos típicos das províncias originais (à direita).
FONTE: Acervo da autora.

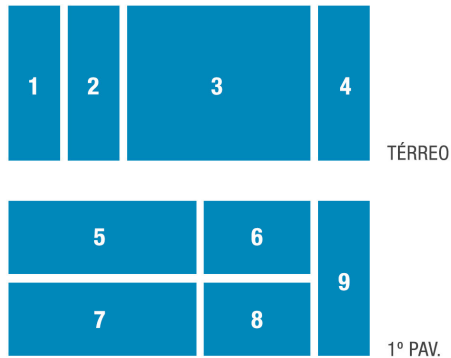
6.5. O guia

Decidiu-se que o guia possuiria a mesma linguagem do presente caderno, sendo este último um compilado dos processos e referências que levaram ao primeiro. Esse guia dispõe de índice, propósito, história, mapeamento geral, detalhamento das associações visitadas (história, detalhe da edificação e seus usos, entrevistas e inserção na cidade) e por fim uma proposição de roteiro/calendário anual.

A seguir apresenta-se um esboço de páginas do guia, sendo um primeiro estudo do que se esperava passar no começo da estruturação do material gráfico. Nessa análise da Associação Ishikawa Ken do Brasil e sua inserção na cidade foram aplicadas as cores originais da bandeira da província original.

ASSOCIAÇÃO ISHIKAWA KEN DO BRASIL

Rua Tomás Carvalhal, 184 - Paraíso - São Paulo



1. Oficina de cerâmica
2. Cozinha e banheiros
3. Salão
4. Entrada e circulação vertical
5. Administração
6. Banheiros
7. Biblioteca e sala de aula
8. Sala cerimônia do chá
9. Circulação vertical

Em 1917 as quatro primeiras famílias de imigrantes da província chegaram no Brasil. Aos poucos, foram se espraiando para o interior dos estados de São Paulo e Paraná. Aqueles que permaneceram na cidade de São Paulo fundaram em 1937 a associação, como um ponto de encontro para socialização e divulgação de notícias, mas somente em 1995 a sede principal foi construída.

ASSOCIADOS

180 pessoas

EVENTOS

Shinnenkai, Yakisoba, Bunka-sai, Festival do Japão, Keirokai e Bonenkai

ATIVIDADES

Etegami, aquarela, ikebana e cerâmica



FIGURA 30. Material gráfico preliminar do guia elaborado pela autora (informações sobre a associação).

FONTE: Material elaborado pela autora.

INSERÇÃO NA CIDADE

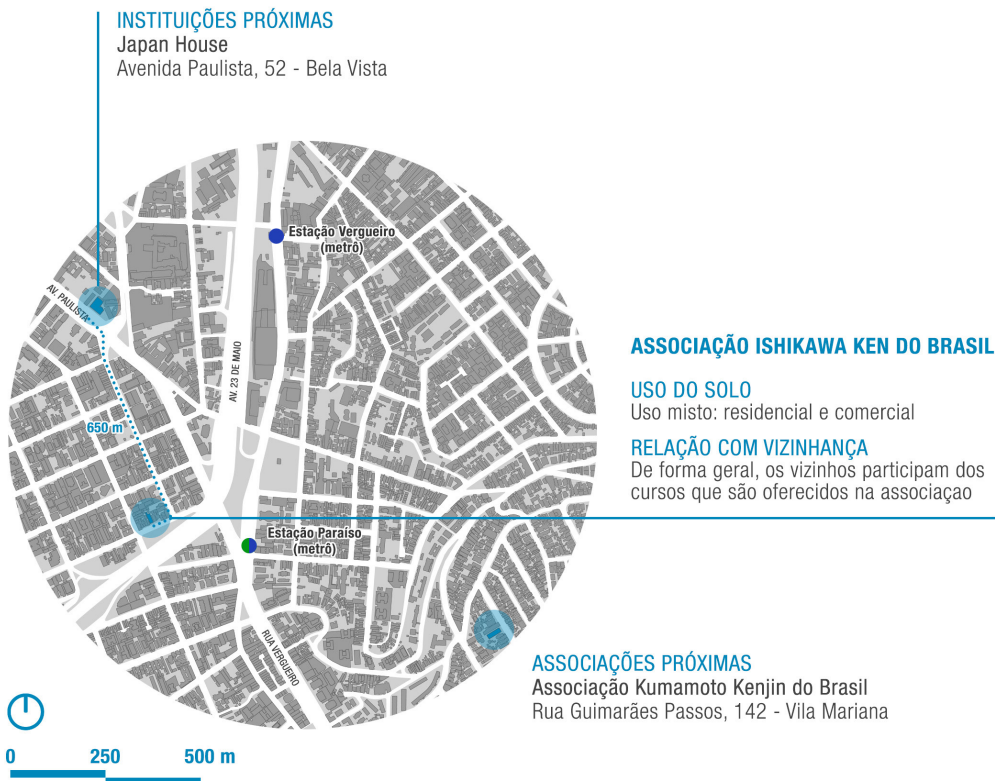


FIGURA 31. Material gráfico preliminar do guia elaborado pela autora (inserção da associação na cidade).
FONTE: Material elaborado pela autora.

Posteriormente, avançando na estruturação do guia e desse próprio caderno, houve o entendimento de que faria mais sentido adotar uma linguagem única, tanto para mapas, plantas, tipografia e demais elementos gráficos. Para isso, foi utilizado como elemento estruturador a cor coral, fazendo uma alusão indireta à bandeira original do Japão, de forma a demonstrar essa mistura à semelhança do que aconteceu com a cultura.

Salienta-se que esse caderno faz sentido quando associado ao guia. No entanto, o guia é um “produto” independente, que deve ser utilizado autonomamente, já que objetiva alcançar pessoas além da comunidade acadêmica. Para isso, caso o caderno e o guia fossem impressos e lidos em conjunto, pensou-se em uma espécie de faixa para a união de ambos. Além disso, a capa e o verso fazem um jogo de positivo e negativo por meio do uso de cores inversas no caderno e no guia. Para o guia, também foi pensado em utilizar orelhas (dobras na capa e no verso) de modo a facilitar a marcação da página. Por fim, pensou-se na cor mais escura pra o guia, visto que a cor branca poderia acarretar em muitas sujeiras decorrentes do manuseio.



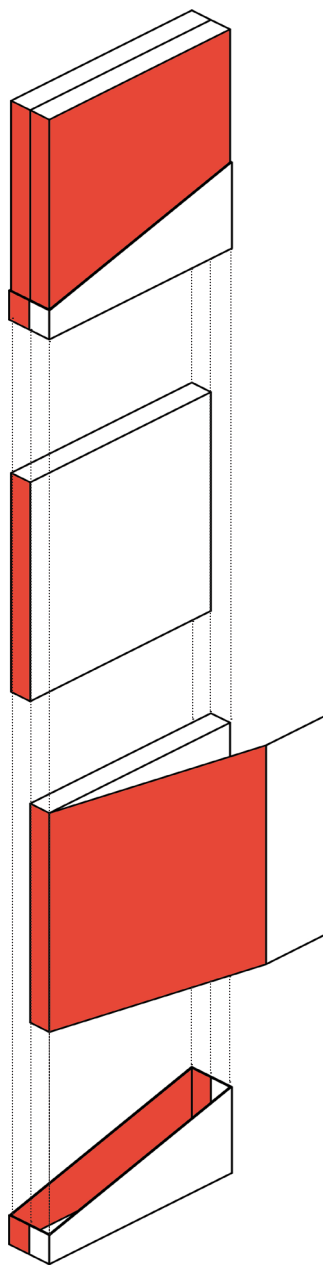


FIGURA 32. Elementos gráficos do guia. FONTE: Material elaborado pela autora.

6.6. Possibilidades além do guia

Entende-se que o guia visa ser um material que seja base para outras formas de divulgação. Dessa forma, toda a documentação compilada na forma de guia virtual pode ser utilizada pelas próprias associações ou demais entidades culturais para estruturação de resultados físicos tais como um livro ou exposição, até mesmo virtuais, tais como um site, blog, redes sociais, podcasts, entre outros. Uma primeira experimentação feita trata-se do mapeamento colaborativo, feito por meio da plataforma Google My Maps.

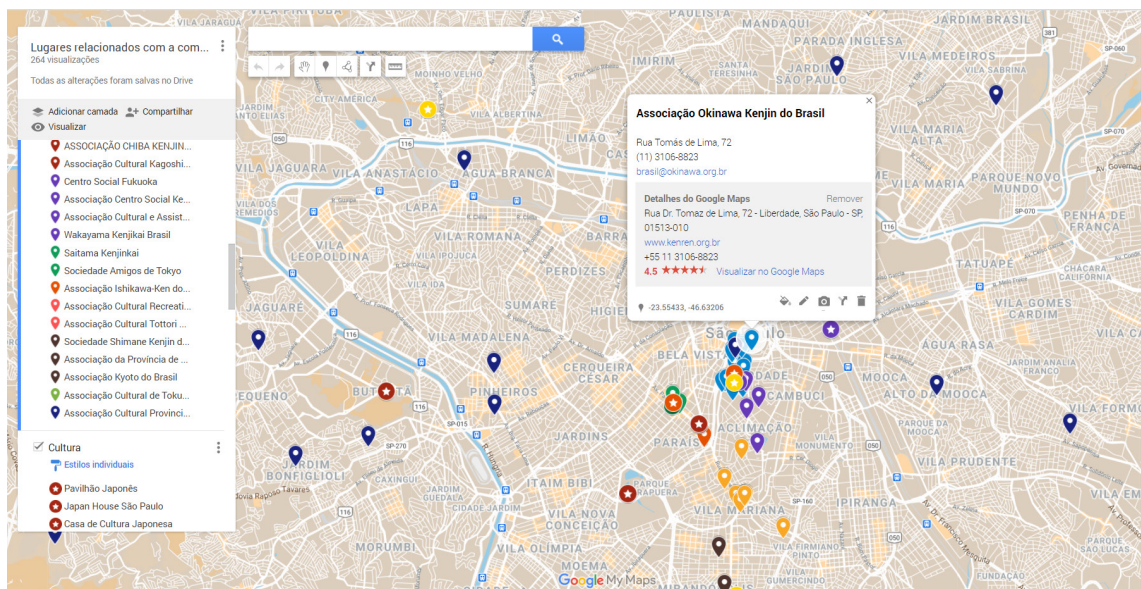


FIGURA 33. Mapeamento coletivo dos lugares de memória nipo-brasileiros. FONTE: Google My Maps.

7. Considerações finais

À partir de toda a pesquisa elaborada, participação nos eventos sobre a identidade nikkei e vivência nas associações foi possível ter um entendimento dos problemas básicos da comunidade nipo-brasileira, bem como o aprofundamento de outros. Um deles refere-se ao conflito existente entre as gerações, problemática de sucessão e a própria falta de interesse na continuidade de algumas práticas. Tal ponto relaciona-se diretamente com a questão da inserção dos descendentes na sociedade brasileira ao longo dos anos que sucederam o início da imigração para o Brasil. Dessa forma, entende-se que daqui a algumas gerações a conceituação de província de descendência pode se tornar menos difundida, levantando-se a discussão sobre o futuro da comunidade e manutenção das tradições. É dessa forma que a abordagem sobre a identidade nikkei traz um cenário otimista para a memória coletiva dos nipo-brasileiros, já que aborda exatamente a intersecção entre identidade brasileira e japonesa, qual o objetivo dessa comunidade hoje e o que de fato se pretende preservar.

A partir da pesquisa, foi possível identificar as motivações da comunidade de se reunir e utilizar os espaços no passado, englobando questões mais imediatas, como a dificuldade com o novo idioma, escolas para colônias, criação de cooperativas e eventos e atividades de lazer. Já o cenário atual é o de uma reformulação identitária, já que muitos dos descendentes atuais não possuem conhecimento do idioma japonês, os nikkeis estão inseridos no mercado brasileiro e os eventos começam a se abrir para toda a sociedade, levando outras pessoas que não possuem descendência direta a se identificarem com a cultura nipo-brasileira.

A partir da discussão levantada anteriormente, entende-se que é possível adotar algumas soluções para os problemas levantados. A primeira seria a consideração do coletivo sem perda da identidade de cada espaço, já que cada associação tem atividades próprias e um número considerável de associados. Outro aspecto seria a valorização cultural considerando uma identidade diferente da do passado ao mesmo tempo em que se preserva a memória da comunidade. Por fim, a maior abertura e maior divulgação de eventos e atividades poderia auxiliar na manutenção dessa memória coletiva bem como ser um convite à quem possui afinidade com a cultura.

Desse modo, entendo que esse Trabalho Final de Graduação consolidou não apenas a busca pela minha identidade como nipo-brasileira, mas também para a documentação desses espaços no que se refere à cartografia, bem como a criação propriamente dita de material gráfico estruturado em forma de guia para divulgação, tentando contribuir de alguma forma para as questões e reflexões atuais e futuras da comunidade nipo-brasileira.

8. Referências bibliográficas

Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.

Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

110 + 10: Presente e Futuro da Comunidade Nikkei. Organização: Patrícia Murakami. Jundiaí: Telecazu Edições, 2019.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Estrutura familiar e mobilidade social: estudos sobre os japoneses no estado de São Paulo. Organização Masato Ninomiya. São Paulo: Kaleidos-Primus Consultoria e Comunicação Integrada, 1998.

_____. O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. Revista de Antropologia vol. VII nº 1 e 2, 1959.

HANDA, Tomoo. O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HARADA, Kiyoshi. O nikkei no Brasil. São Paulo: Cadaris Comunicação: Associação para comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, 2013.

HAYASHI, André Ryo. O papel desempenhado pelas associações de províncias japonesas. in: HARADA, Kiyoshi. O nikkei no Brasil. São Paulo: Cadaris Comunicação: Associação para comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, 2013.

HOBSBAWN, Eric. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ISCHIDA, Camila Aya. A experiência nikkei no Brasil: uma etnografia sobre imaginários e identidades. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

LEME, Maria Cristina da Silva. A presença estrangeira em São Paulo: o bairro da Liberdade e os campos rurais de Itaquera. In: ABI-S MARA, Raquel. COSTA, Murilo Jardelino. URUSHIMA, Andrea Yuri Flores. Modernização urbana e cultura contemporânea: diálogos Brasil-Japão. São Paulo: Terracota Editora, 2015.

LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Rev. Inst. Est. Bras., SP, 34:9-24, 1992.

MORAIS, Fernando. Corações sujos: a história da Shindo Renmei. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOTOYAMA, Shozo. Do conflito à integração: uma história da imigração japonesa no Brasil. São Paulo, 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

SAITO, Hiroshi. A presença japonesa no Brasil. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

SAKURAI, Célia. O Espírito Comunitário Japonês (Re)Interpretado no Brasil. In: Centenário: contribuição da imigração japonesa para o Brasil moderno e multicultural. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2010.

Páginas virtuais

Casa de Cultura Japonesa
<http://clinguas.fflch.usp.br/ccj>
Acesso em 10/2020.

Consulado Geral do Japão em São Paulo

<https://www.sp.br.emb-japan.go.jp/itprtop_pt/index.html>

Acesso em 09/2019.

Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil

<<http://www.kenren.org.br/>>

Acesso em 09/2019.

GeoSampa

<http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#>

Acesso em 09/2019.

IBGE

<<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/japoneses.html>> Acesso em 09/2019.

Levantamento dos “kaikans” pelo Centro de Estudo Nipo Brasileiros

<http://nw.org.br/sistema/showMap_cj/>

Acesso em 10/2019.

Mapa racial

<<http://patadata.org/maparacial/>>

Acesso em 10/2020

Museu da Imigração

<<http://www.museudaimigracao.org.br/sobre-o-mi/historia>>

Acesso em 10/2020

Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

<<http://www.museubunkyo.org.br/>>

Acesso em 10/2020

Pavilhão Japonês

<<https://www.bunkyo.org.br/br/pavilhao-japones/>>

Acesso em 10/2020.

Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social

<<http://www.bunkyo.org.br>>

Acesso em 09/2019.

ROLNIK, Raquel. A cor de São Paulo. 2016.

Disponível em:

<<https://raquelrolnik.wordpress.com/2016/01/21/a-cor-de-sao-paulo/>>

Acesso em 10/2020.

Referências gráficas

Memórias Resistentes, Memórias Residentes: lugares de memória da ditadura civil-militar no município de São Paulo. São Paulo: Memorial da Resistência de São Paulo e Associação Pinacoteca Arte e Cultura, 2017.

Disponível em: <https://issuu.com/smdhc/docs/161223c2_mem__rias_resistentes_-_is>

Acesso em 10/2020.

Japan House

<<https://www.japanhouse.jp/saopaulo/event/artesaos.html>>

Acesso em 10/2019.

Jornada do Patrimônio 2019

<<http://www.jornadadopatrimonio.prefeitura.sp.gov.br/2019/>>

Acesso em 10/2019.

Possibilidades além do guia

Mapeamento dos lugares relacionados com a comunidade nipo-brasileira

<<https://www.google.com/maps/d/u/1/edit?mid=1z2kM8x1s3Dw27b4u8kCI5Fa1fLOnDH8o&ll=-23.559026525291117%2C-46.635504299999998&z=16>>

ANEXO

GUIA DE CULTURA E EXPERIÊNCIAS NIPO-BRASILEIRAS NA CIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo
2020

PROPÓSITO

O presente guia pretende compartilhar um pouco da cultura nipo-brasileira na cidade de São Paulo, fornecendo um breve resumo histórico dos primórdios da imigração até o cenário atual da comunidade.

Por meio de elementos gráficos, objetiva-se mostrar as histórias de algumas associações nipo-brasileiras, bem como atividades e eventos característicos.

Por fim, é proposto um roteiro de percurso na cidade associado a um calendário de eventos.

Boa leitura!

ÍNDICE

O HISTÓRICO	101
Imigração japonesa no Brasil.....	101
As associações nipo-brasileiras.....	107
As associações de província.....	108
 O MAPA	 110
Locais associados à cultura nipo-brasileira em São Paulo.....	111
As associações em números.....	112
Alguns lugares associados à comunidade nipo-brasileira.....	113
 AS ASSOCIAÇÕES	 114
Como ler o guia?.....	115
Associação Toyama Kenjin do Brasil.....	116
Gifu Kenjinkai do Brasil.....	120
Associação dos Shizuoka Kenjin do Brasil.....	124
Associação Cultural Fukui Ken do Brasil.....	128
Associação Cultural e Assistencial Kanagawa.....	132
Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil.....	136
Associação Ishikawa Ken do Brasil.....	140
 O ROTEIRO	 144
 AS POSSIBILIDADES	 146
 REFERÊNCIAS	 148

O HISTÓRICO

Imigração japonesa no Brasil



1889 Proclamação da República no Brasil

Antecedentes da imigração no Brasil

Na segunda metade do século XIX o cenário da economia do Brasil era o de substituição da cana-de-açúcar e mineração pelo café. Com a ausência do regime escravocrata, as tarefas nas fazendas de café passaram a ser realizadas por trabalhadores contratados, majoritariamente europeus. No entanto, na virada do século, por conta das más condições de trabalho nas fazendas, a emigração para o Brasil começou a ser dificultada. Dessa forma, houve a demanda por japoneses e chineses pela burguesia paulista, apesar de antes não serem considerados por não se enquadrarem no “branqueamento” pretendido por parte da elite brasileira.

Antecedentes da imigração no Japão

Depois da queda do xogunato o governo Meiji levava adiante seu propósito de modernização e transformação do Japão em uma potência mundial. Entretanto, o Japão enfrentava problemas principalmente no espaço rural, com o empobrecimento dos lavradores. Como grande parcela não conseguia pagar impostos, acabavam vendendo suas terras e mudando-se para as cidades. Contudo, estas não tinham capacidade de absorver todo o contingente e uma das saídas encontradas pelo governo nipônico consistia na emigração, sendo grande parte do contingente enviada para os Estados Unidos. Mas, à medida que o século XIX se aproximava do fim, obstáculos foram impostos aos nipônicos para emigrarem para o país norte-americano, buscando-se assim outros países de destino.

Assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão

1895

Primórdios da imigração no Brasil

Nessa conjuntura da dificuldade do Brasil em conseguir imigrantes europeus para mão de obra e o Japão enviar emigrantes para os Estados Unidos e outras regiões, os dois países iniciaram os primeiros passos de aproximação. Posteriormente, foi assinado pelos dois países o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, em 1895. A partir disso, algumas tentativas foram feitas por companhias de imigração, porém, não obtiveram sucesso. Uma das razões era a oposição feita à imigração por parte dos representantes diplomáticos do governo nipônico no Brasil. Assim, a imigração japonesa só veio a se concretizar em 1908, com Ryo Mizuno.



1908 Primeiros imigrantes no Brasil

O contrato de imigração entre os dois países foi firmado em 06 de novembro de 1907, em São Paulo. Em seguida, fundou-se a Companhia Imperial de Colonização, que enviou os primeiros 781 imigrantes ao Brasil, a bordo do Kasato Maru. Este primeiro navio chegou ao porto de Santos no dia 18 de junho de 1908, considerada hoje a data oficial da imigração japonesa para o Brasil.



Os imigrantes nas fazendas

A vinda dos trabalhadores japoneses nessa primeira etapa direcionou-se marcadamente para São Paulo. Para esses primeiros imigrantes era firmado o contrato entre as companhias de imigração japonesas e os cafeicultores paulistas, responsáveis pelo pagamento do custeio do estabelecimento das famílias nas fazendas.

Hospedaria dos Imigrantes

Antes de serem enviados para os locais de trabalho, em geral no interior do estado, os imigrantes eram acomodados na Hospedaria de Imigrantes, situada no bairro do Brás da capital paulista. Inaugurada em 1887, a Hospedaria dos Imigrantes foi a primeira morada dos imigrantes japoneses, assim como outros imigrantes e brasileiros que se mudavam para a cidade de São Paulo. Além do acolhimento dos imigrantes, tinha função também de encaminhamento destes para novos empregos.

Desenvolvimento da imigração no Brasil

Para os imigrantes japoneses a vinda para o Brasil representava a possibilidade de conseguir melhores condições de vida e, no futuro, retornar à terra natal. Esse projeto, entretanto, ia se mostrando de difícil realização ao longo do tempo. Entre os motivos estava o fato de as próprias companhias de imigração procurarem fixar os imigrantes na terra, além deles próprios começarem a perceber que o Estado japonês não tinha intenções de promover a sua volta ao mesmo tempo em que adaptavam seu estilo de vida ao Brasil. Desse modo, após um primeiro momento de fuga das fazendas e dispersão, esse cenário foi se modificando até encontrarem a necessidade de obter outros caminhos para uma ascensão econômica.

1911 - 1929

A formação de colônias

De modo geral, no estado de São Paulo é possível acompanhar a fixação dos imigrantes trazidos pelas companhias de imigração em núcleos criados ao longo dos trilhos ferroviários, os quais se direcionavam para terras pouco exploradas na forma de novas fronteiras agrícolas. Essa era uma maneira de tornar rentável o investimento das companhias estatais de imigração. Outros tipos de colônias, além daquelas organizadas pelas companhias, também surgiram. Esses núcleos nasciam da iniciativa dos imigrantes, que juntavam familiares e companheiros, organizando escolas e associações. Em busca de melhores condições, os imigrantes também seguiram em direção às regiões e cercanias do estado de São Paulo, Santa Catarina e Mato Grosso, bem como para as regiões Norte e Nordeste do país.



1929 Quebra da Bolsa de Nova York

Com a crise internacional, os japoneses diversificaram as suas atividades para contornar a queda do preço do café. Assim, dedicaram-se à uma produção que se diversificava entre produtos para o auto abastecimento e o abastecimento das regiões onde viviam, sendo eles a cultura do algodão, arroz, batata, tomate, hortaliças, ovos, bananas e outras, além do café. Ao mesmo tempo, transformam industrialmente os seus produtos para melhorar o preço. Nesse período a maioria dos imigrantes encontra-se na categoria de proprietário que se associava a uma cooperativa para vender seus produtos e se defender das intempéries.

1939 - 1945 Segunda Guerra Mundial

Imigrantes no contexto da guerra

Com o início da guerra a situação dos imigrantes piorou, já que o Japão tinha um partido oposto ao do Brasil. Foram proibidas as reuniões em grupos, falar japonês em público e a locomoção sem salvo-conduto. Assim como no período da inicial barreira à imigração, a visão dos trabalhadores japoneses como não-assimiláveis e que necessitavam de vigilância permanente estabeleceu-se no Estado Novo. Ao mesmo tempo, evidenciaram-se tensões no interior das próprias comunidades, aprofundadas pelo isolamento e discriminação, sendo base para a divisão entre os que acreditavam na vitória do Japão na guerra (kachigumi) e os que acreditavam na derrota (makegumi).

Retomada da imigração 1952

No início da década de 1960 o Japão entrava em uma fase de grande prosperidade e de rápido crescimento econômico, e, como a economia brasileira também estava em ascensão o Brasil não mais necessitava de trabalhadores agrícolas estrangeiros. Essa época marcou certa transformação nas relações nipo-brasileiras, pois de uma fase de predomínio da imigração, passou-se a uma outra, baseada no intercâmbio econômico. Assim, no decorrer dos anos, o comércio entre os dois países cresceu, aumentando o número de investimentos e intensificando-se as cooperações econômica e técnica entre os dois países.

1980 Migração reversa

O movimento migratório de nisseis e sanseis (intitulados de kasseis) para o Japão reflete a vivência cultural dos japoneses e seus descendentes no Brasil, assim como as contradições e questões identitárias dos nikkeis. Do lado do Japão, com seu crescimento econômico o governo passou a chamar trabalhadores do Brasil que tivessem ascendência japonesa para trabalhos pouco especializados, sendo a consanguinidade um argumento utilizado para dar caráter oficial para a seleção de trabalhadores. Já do lado do Brasil, havia a crise econômica e muitos setores da classe média viam na emigração para outros países uma forma de recuperação ou melhoria de seu padrão de vida.

Cenário atual

As associações nipo-brasileiras

Para os imigrantes japoneses, as associações foram importantes referências de atuação, já que estavam ligadas às atividades econômicas, educação, eventos sociais, campanhas preventivas de saúde, relacionamento com órgãos governamentais e com o Japão.

Suas histórias têm início com o fato de as famílias de imigrantes optarem pela instalação de suas moradias na forma de vizinhança pela possibilidade de viver perto de pessoas com as quais tinham afinidades como o idioma e costumes. Dessa forma, era possível realizarem reuniões aos finais de semana em alguma das casas da vizinhança para confraternizar, mas também para atividades relacionadas com construção e educação. A vida comunitária entre japoneses foi se estabelecendo e, das reuniões informais, passou-se para a prática de esportes e organização de festas. Assim, começavam a se organizar os nihonjinkais (associações japonesas) originados entre as colônias próximas e deixavam o caráter informal para se transformar em organizações com cargos e hierarquia.

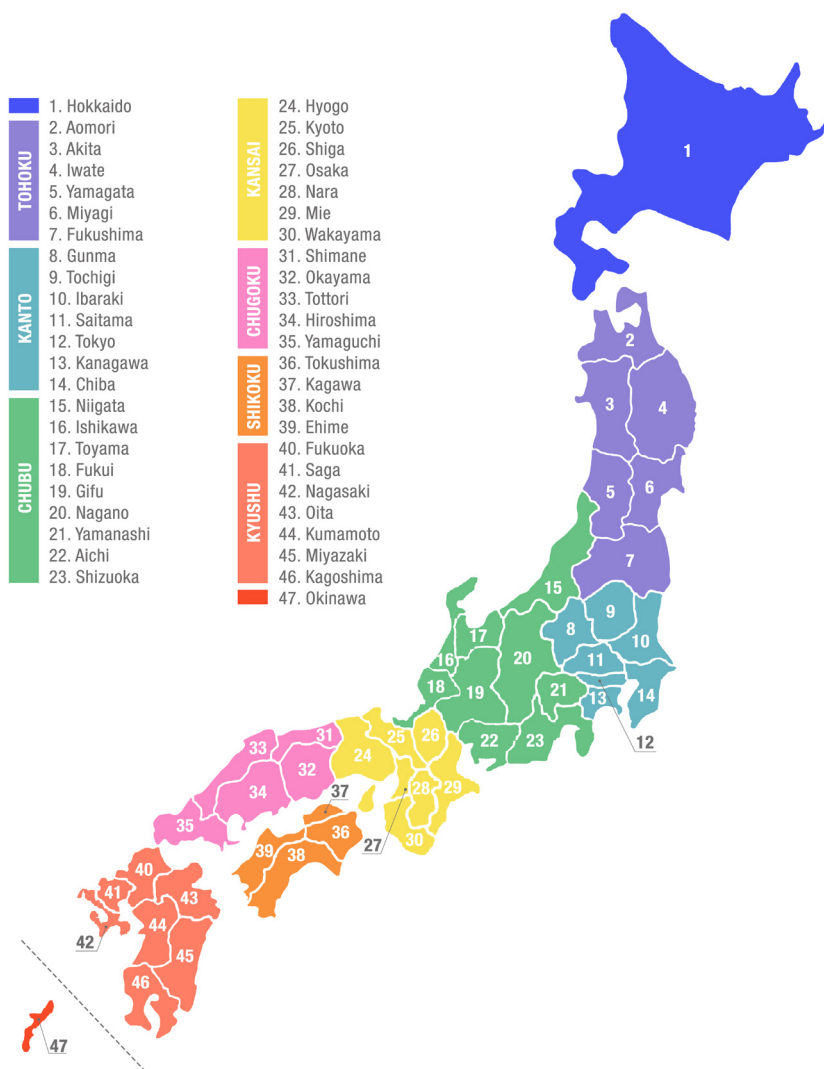
Foram então criadas redes locais e regionais que se expandiram rapidamente. Nos nihonjinkai os imigrantes tinham a possibilidade de ter notícias sobre o Japão por meio da circulação de jornais e revistas, mandar e receber recados de conhecidos distantes e, até arranjar casamentos fora da comunidade local. Pode-se afirmar que identidades locais reforçaram o fortalecimento da identidade geral dos nipo-brasileiros, ao mesmo tempo em que surgia uma nova linguagem cultural com raízes japonesas adaptada à realidade brasileira.

As associações de antes da guerra eram organizadas nos bairros rurais pelo acesso esporádico ao centro urbano. As associações do pós-guerra reuniram as associações locais e houve a centralização tanto das atividades como das lideranças. Ao mesmo tempo, seguem a tendência que ocorria na capital, dos japoneses buscarem visibilidade através de instituições de caráter indiscutivelmente étnico buscando um espaço marcando sua identidade.

Em suma, em torno de alguns órgãos centralizadores, atuam diferentes associações com finalidades específicas, tanto na área sociocultural quanto no setor assistencial no que se refere ao apoio aos japoneses e descendentes em seu processo de adaptação e integração na sociedade geral, assim como na preservação da tradição e memória coletiva.

As associações de província

Para o entendimento das associações de província (kenjinkais), faz-se necessário explicitar a configuração territorial do Japão. De forma geral, o Estado Japonês é formado pelos To-Dô-Fu-Ken, totalizando 47 unidades administrativas: 1 To (capital metropolitana); 1 Dô: território; 2 Fu: (prefeituras urbanas) e 43 Ken (prefeituras/províncias). Essa atual configuração do estado Japonês surgiu somente na era Meiji, já próximo do final do século XIX.



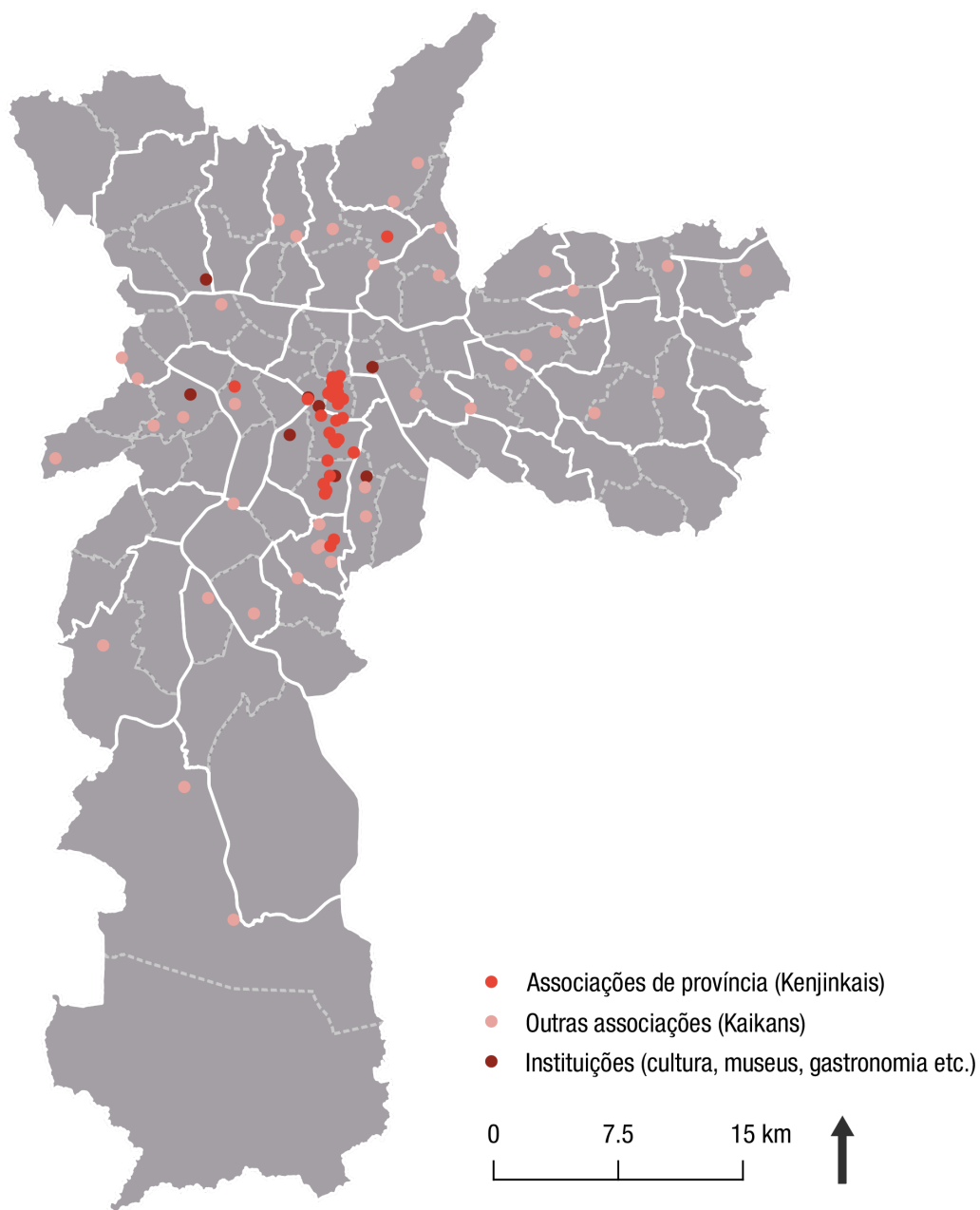
A conformação geográfica do Japão explica sua diversidade apesar de ser um país de dimensões reduzidas em comparação ao Brasil. Assim, entre as províncias existem diferenças acentuadas de clima e de calendário de eventos e, conseqüentemente, diferenças econômicas e climáticas que se refletem significativamente nos valores culturais, fator que explica a criação de associações das respectivas províncias tendo em vista o número significativo de imigrantes de cada uma delas.

Após um período conturbado no início da década de 1950, surgiram movimentos de criação de associações, entre elas as das províncias do Japão na cidade de São Paulo, com o objetivo de manter a união entre os imigrantes da mesma província e seus descendentes, bem como fornecer assistência aos novos imigrantes do período pós-guerra que chegavam ao Brasil. Esse fato foi fundamental para integrar os imigrantes que residiam em diversas localidades, inclusive fora do estado de São Paulo. Com a retomada de emigração após guerra, os familiares do Japão se organizaram em uma entidade com o objetivo de incentivar e apoiar os emigrantes, e como não havia no Brasil entidade que pudesse coordenar essas atividades, a comunidade nipo-brasileira fundou a Kenren (Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil) em abril de 1966. A entidade surgiu com o objetivo inicial de coordenar as atividades da entidade no Japão e manter contato com a mesma pelo lado brasileiro.

Sobre a atuação das associações atualmente, estas contribuem com programas de intercâmbio cultural intermediados pelos kenjinkais com apoio dos governos do To-Dô-Fu-Ken. Anualmente cerca de uma centena de estudantes e estagiários viajam para as províncias. Além disso, realizam a promoção de aproximação entre os descendentes, que pode ser representada pela existência de alojamentos para estudantes nos espaços das associações proporcionando que estes, provenientes de regiões longe dos grandes centros, tenham uma estrutura de apoio.

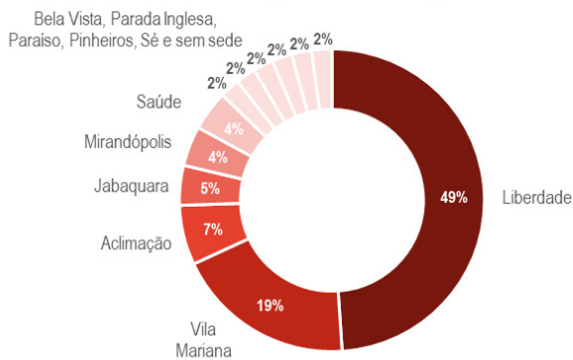
O MAPA

Locais associados à cultura nipo-brasileira em São Paulo



As associações em números

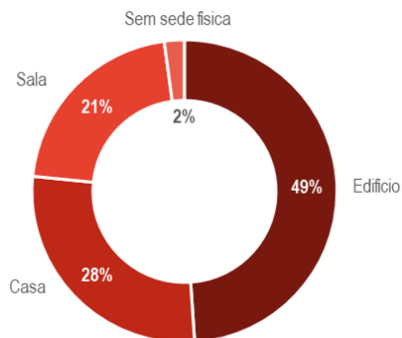
Localização da associação



O gráfico reflete a cartografia, mostrando que o bairro que sedia a maioria das associações se trata do bairro da Liberdade, seguido do bairro Vila Mariana e com dispersão das outras associações pela cidade de São Paulo. Isso reflete os locais de moradia da comunidade nipo-brasileira, bem como ligação com o entorno (locais de cultura, gastronomia, museus, templos, entre outros) altamente atrelado à comunidade nipônica.

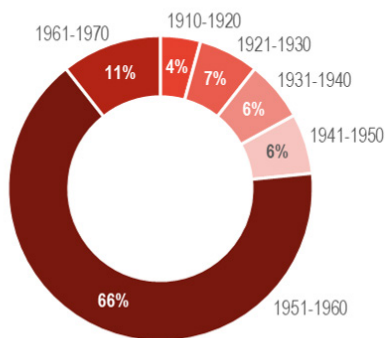
É possível observar a distinção entre três tipologias: sala, casa e edifício. No caso da tipologia de sala, se trata de associações com menor número de associados. Já o caso de tipologia de casa, são associações com um poder aquisitivo maior, bem como seu número de associados. Por fim, a tipologia de edifício foi projetada especificamente para a associação, tendo seus espaços compatíveis com os usos que acontecem no local.

Tipologia da associação



O ano de fundação da associação não reflete a inauguração de sua sede física. Esse ano está muito mais ligado com a necessidade de união do grupo que pela construção da sede física, a qual é fruto de uma melhoria na qualidade de vida dos associados e aumento de seu número, demandando um espaço para a realização de atividades.

Ano de fundação da associação



Alguns lugares associados à comunidade nipo-brasileira



Bunkyo: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social

Como uma entidade de centralização administrativa, atua na organização dos eventos anuais e especiais, recepção a autoridades e administração das instalações culturais. No Edifício também estão instalados o Museu de Arte Nipo-Brasileiro, Museu de Imigração Japonesa e o Kenren (Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil), que centraliza administrativamente as associações de províncias em São Paulo.

Japan House

Localizada na Avenida Paulista a Japan House atua como ponto de difusão da cultura japonesa, bem como na expansão das atividades de intercâmbio nas áreas de negócios, educação, arte, entre outras. Projetada pelo arquiteto japonês Kengo Kuma, utiliza materiais e técnicas tradicionais japonesas na sua construção. O espaço conta com biblioteca, lojas, sala multiuso, sala para seminário, espaço para exposição e restaurante.



Pavilhão Japonês no Parque do Ibirapuera

A construção foi doada à cidade de São Paulo em 1954 como um símbolo da comemoração do IV Centenário de sua fundação pelo governo japonês e pela comunidade nipo-brasileira. Tem como principal característica o uso de materiais e técnicas tradicionais japonesas, tendo sido transportado desmontado do Japão até o Brasil. É composto por um edifício principal suspenso, com salão, salas anexas e salão de exposição, com um jardim e lago no ambiente externo.

AS ASSOCIAÇÕES

COMO LER O GUIA?

A seguinte leitura é proposta para a visualização das páginas específicas de cada uma das associações. De modo geral, são dispostas quatro páginas com os seguintes assuntos:

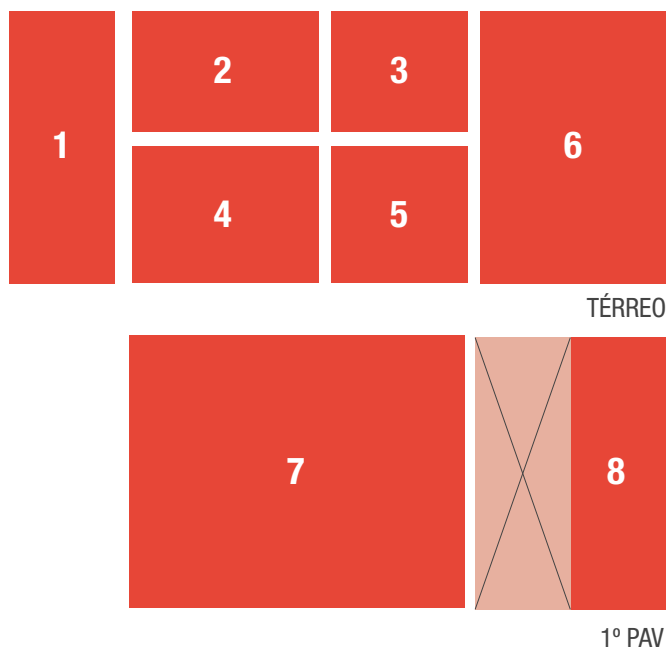
- 1. A associação
- 2. O espaço e seu uso
- 3. A comunidade
- 4. A inserção na cidade



ASSOCIAÇÃO TOYAMA KENJIN DO BRASIL

Rua Pandiá Calógeras, 97 - Aclimação - São Paulo

De forma geral, sua história inicia-se com os imigrantes da província, espalhados pelos estados de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Bahia, Pará, Amazonas e Distrito Federal aprovarem a criação da associação em 1960 para tratar assuntos de seus interesses e ser um meio de comunicação com o governo da província original. A falta de um endereço próprio e espaço físico para promover as reuniões dos associados dificultavam a organização de uma associação representativa da comunidade. Assim, o primeiro endereço foi a Rua Sinimbu, no bairro da Liberdade. Posteriormente, a sede tornou-se o imóvel atual, adquirido em 1981. Em 1982, foi realizada a construção do salão da Associação e do segundo andar na qual está instalada a biblioteca. A sede foi reformada no ano de 2019 visando a ampliação do salão.



1. Estacionamento
2. Entrada
3. Administração/secretaria
4. Sala de reunião
5. Cozinha
6. Salão
7. Alojamentos
8. Biblioteca



O ESPAÇO E SEU USO

EVENTOS PARA OS ASSOCIADOS

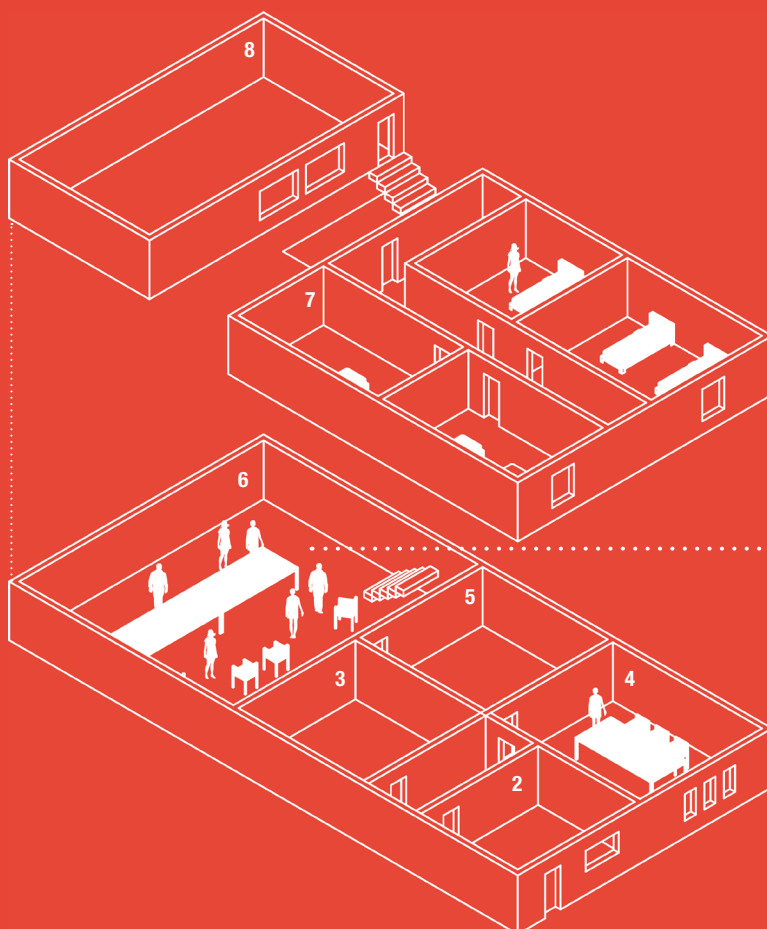
Shinnenkai (confraternização de ano novo), Keirokai (confraternização em homenagem aos idosos) Bonenkai (confraternização de fim de ano), Mochitsuki (evento para fazer alimento a base de arroz), reuniões e passeios

DEMAIS EVENTOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Festival do Japão

ATIVIDADES E CURSOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Aulas de japonês e curso de culinária



SALÃO DE
CONFRATERNIZAÇÃO E
REALIZAÇÃO DE CURSOS

A COMUNIDADE

NÚMERO DE ASSOCIADOS

460 pessoas

“Comecei a participar da associação no ano de 2015. Sou da terceira geração de descendentes de imigrantes japoneses e acabei me aproximando das associações por conta de membros da minha família que já participavam de atividades. Apesar de não ser descendente direta da província de Toyama, escolhi me integrar a ela por achar que ela era mais aberta para novos membros. Com o passar do tempo acabei entrando também para o Grupo de Jovens que integra todas as associações. Antes da pandemia, havia reuniões presenciais em associações diferentes, sendo uma forma de conhecer outros espaços. Nesse momento as reuniões estão sendo feitas de forma online, mas tive a percepção de isso acabar reunindo mais o grupo pela facilidade de fazer essas reuniões. Uma das coisas que será feita é o Festival do Japão no formato online, além de mini lives com temas da cultura nipo-brasileira.”

RENATA UEDA (MEMBRA DA ASSOCIAÇÃO)

“A associação funciona como lugar de confraternização e a sede está na Liberdade pela proximidade com a comunidade mesmo e facilidade de acesso. Também tem espaço de alojamento feminino, para que estudantes do interior possam ter onde morar em São Paulo. As atividades são abertas para pessoas voluntárias, associados e não associados, tanto descendentes quanto não descendentes.”

TOMOKO SAKANO (SECRETÁRIA DA ASSOCIAÇÃO)

“Fazendo uma retrospectiva, os imigrantes sempre se reuniram em torno de kaikans (associações) para fazer essa integração onde um ajudava o outro, com locais de apoio para o esporte, educação e eventos, sendo normal até a década de 40/50. Com o passar do tempo os descendentes foram se fixando e indo do interior para capitais, como São Paulo, e o espírito de união foi se enfraquecendo. Mas, começou a ser estimulada a criação de associações centrais e sedes de província. No caso dos kenjinkais o tamanho da comunidade dependeu da quantidade de imigrantes da província, no caso de Toyama esse número não era muito grande, mas ainda existe uma ligação bem grande com a província original. Hoje nós vemos pouca participação da comunidade e nós trabalhamos para ter a participação de mais pessoas, independente da geração ou descendência, mas que queira conhecer a cultura japonesa. Sou voluntário, então ver os momentos de encontro entre as pessoas já me faz ver que vale a pena.”

TOSHIO ICHIKAWA (PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO)

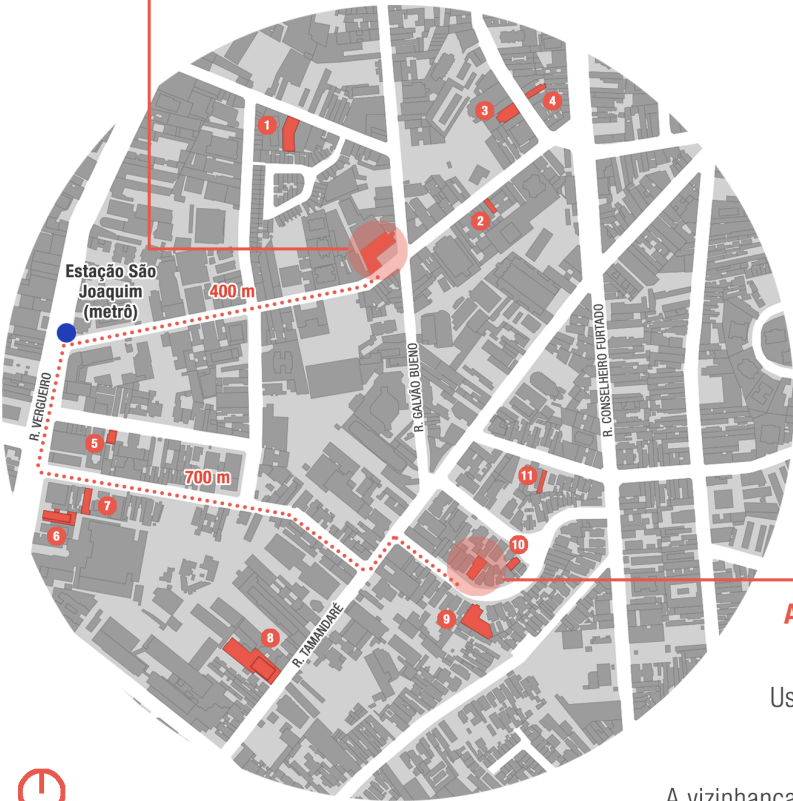
A INSERÇÃO NA CIDADE

INSTITUIÇÕES PRÓXIMAS

Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social
Rua São Joaquim, 381 - Liberdade

ASSOCIAÇÕES PRÓXIMAS

1. Associação Miyagui Kenjinkai do Brasil
Rua Fagundes, 152
2. Associação Cultural Gunma Kenjin do Brasil
Rua São Joaquim, 526
3. Associação Cultural Recreativa Okayama Kenjin do Brasil
Rua da Glória, 734
4. Fukushima Kenjinkai
Rua da Glória, 721
5. Associação Assistencial e Cultural Yamaguchi Ken do Brasil
Rua Pirapitingui, 72
6. Associação dos Shizuoka Kenjin do Brasil
Rua Vergueiro, 193
7. Associação Aomori Kenjin do Brasil
Rua Doutor Siqueira Campos, 62
8. Centro Cultural Hiroshima do Brasil
Rua Tamandaré, 800
9. Associação Cultural e Beneficente Sagaken do Brasil
Rua Pandiá Calógeras, 108
10. Associação Cultural Niigata do Brasil
Rua Pandiá Calógeras, 153
11. Wakayama Kenjinkai Brasil
Rua Tenente Otávio Gomes, 88



ASSOCIAÇÃO TOYAMA KENJIN DO BRASIL

USO DO SOLO

Uso misto: residencial, comercial e de serviços

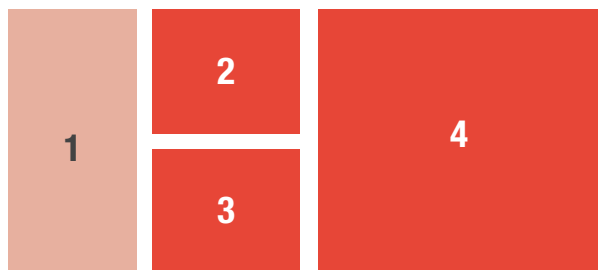
RELAÇÃO COM VIZINHANÇA

A vizinhança participa dos cursos que são oferecidos e a associação encontra-se no bairro da Liberdade, com proximidade com muitas outras associações

GIFU KENJINKAI DO BRASIL

Rua da Glória, 279 - Liberdade - São Paulo

A 1ª imigração de descendentes originários dessa província ocorreu em 1913, com a vinda de 11 famílias ao Brasil. Já a fundação da associação ocorreu em 1938, não como uma sede, mas sim como um núcleo de imigrantes dessa província a fim de realizar um resgate cultural. Esse resgate cultural consistia no compartilhamento dos mesmos costumes, dialetos e valores, a fim de manter um elo com o país de origem. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a proibição de qualquer tipo de evento ou reunião praticados pelos imigrantes japoneses, a retomada da associação aconteceu somente em 1949, bem como o reinício da imigração dos provincianos de Gifu em 1952. A associação possuía uma sede na Rua Bueno de Andrade antes de realizar a mudança em 2019 para a sala atual.



SALA

1. Hall
2. Banheiros
3. Circulação/entrada
4. Sala e administração



O ESPAÇO E SEU USO

EVENTOS PARA OS ASSOCIADOS

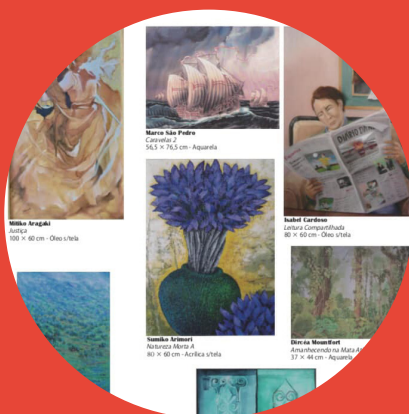
Bonenkai (confraternização de fim de ano), reuniões e passeios

DEMAIS EVENTOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Festival do Japão e exposição de pintura

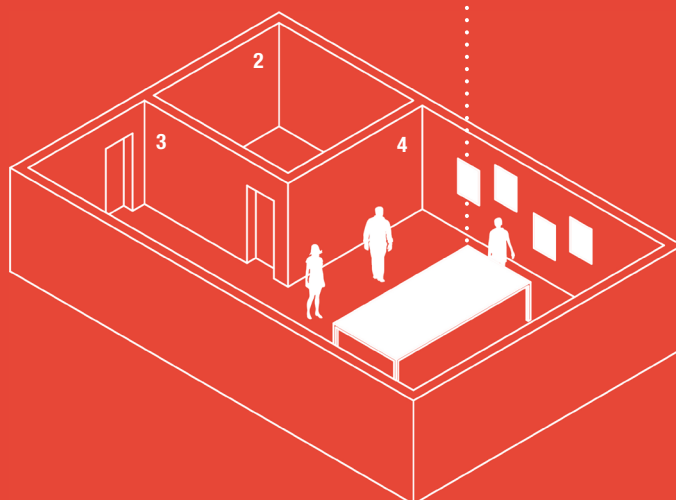
ATIVIDADES E CURSOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Gujo Odori (grupo de dança típica)



REUNIÕES PARA EXPOSIÇÃO DE PINTURA

TREINOS DE GUJO ODORI



A COMUNIDADE

ASSOCIADOS

400 pessoas

“Trabalho na associação fazendo serviços de escritório desde abril de 2019, por isso algumas histórias não tenho tanto conhecimento. Sou descendente nascida aqui no Brasil, mas minha família não é da província de Gifu. Eu mesma já fiquei por um tempo em uma associação, a de Fukuoka, que tinha alojamento com alguns beliches e era bom para as pessoas que vinham do interior como eu, que vim de Suzano. Trabalhei também como voluntária na associação de Hiroshima, onde eu ia por ter uma amiga lá para ajudar nos finais de semana na preparação de comidas típicas. Sobre a associação de Gifu, pelo que eu sei, funcionava na Bueno de Andrade, mas pela casa estar muito deteriorada teve que ser transferida para essa sede atual. Apesar de ser um espaço pequeno, já tiveram ensaios de dança Gujo, dança típica da província e que é feita pelo grupo de senhoras. Para confraternizações maiores são alugados os espaços de outras associações, mas sempre tem gente frequentando a associação. Inclusive alguns artistas participam da associação, já que somos responsáveis por uma exposição tradicional de pintura em parceria com o Consulado. Tem muitas pessoas que são descendentes da província, inclusive de outros estados mais próximos como Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que às vezes vem presencialmente para ajudar como voluntários, mas muitos participantes são simpatizantes.”

YOSHIKO SASSAKI (SECRETÁRIA DA ASSOCIAÇÃO)

“Participo da associação de Gifu há 10 anos, sendo 3 como presidente. Hoje também sou vice-presidente do Kenren. Sobre a história do kenjinkai, a imigração de pessoas da província começou com a vinda de 11 famílias em 1913 e passados 25 anos dessa data, com a chegada de mais pessoas e pela vida estar mais tranquila, resolveram reunir os descendentes para ter momentos de encontro. Assim foi fundada a associação, com o objetivo de ser um nicho de imigrantes. Hoje vejo que não há grande participação dos jovens na associação. O que pode levar a uma maior participação e é mostrado por pesquisas é a questão da identidade, network com outros países e sentimento de ligação com o Japão.”

MITSUYOSHI NAGAYA (PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO)

A INSERÇÃO NA CIDADE

GIFU KENJINKAI DO BRASIL

USO DO SOLO

Uso misto: residencial, comercial e de serviços

RELAÇÃO COM VIZINHANÇA

A vizinhança participa dos cursos que são oferecidos e a associação encontra-se no bairro da Liberdade, com proximidade com muitas outras



ASSOCIAÇÕES PRÓXIMAS

1. Associação Cultural e Recreativa Nagano Kenjin do Brasil
Praça da Liberdade, 130 - Sala 910
2. Associação Cultural Fukui Ken do Brasil
Rua dos Estudantes, 15
3. Brasil Hyogo Kenjinkai | Associação Nagasaki Kenjin do Brasil
Rua da Glória, 332 - Sala 124 | Salas 61/62
4. Associação Aichi do Brasil
Rua Santa Luzia, 74
5. Associação Okinawa Kenjin do Brasil
Rua Tomás de Lima, 72
6. Associação Beneficente e Cultural Miyasaki | Yamagata Kenjinkai do Brasil
Avenida Liberdade, 486 - Salas 21/22 | Salas 24/25/26
7. Associação Cultural e Assistencial Iwate Kenjinkai do Brasil
Rua Tomás Gonzaga, 95 - 1º andar
8. Associação Cultural Ehime Kenjin Brasil
Rua da Glória, 470
9. Associação Miyagui Kenjinkai do Brasil
Rua Fagundes, 152
10. Associação Cultural Recreativa Okayama Kenjin do Brasil
Rua da Glória, 734
11. Fukushima Kenjinkai
Rua da Glória, 721
12. Associação Cultural Gunma Kenjin do Brasil
Rua São Joaquim, 526

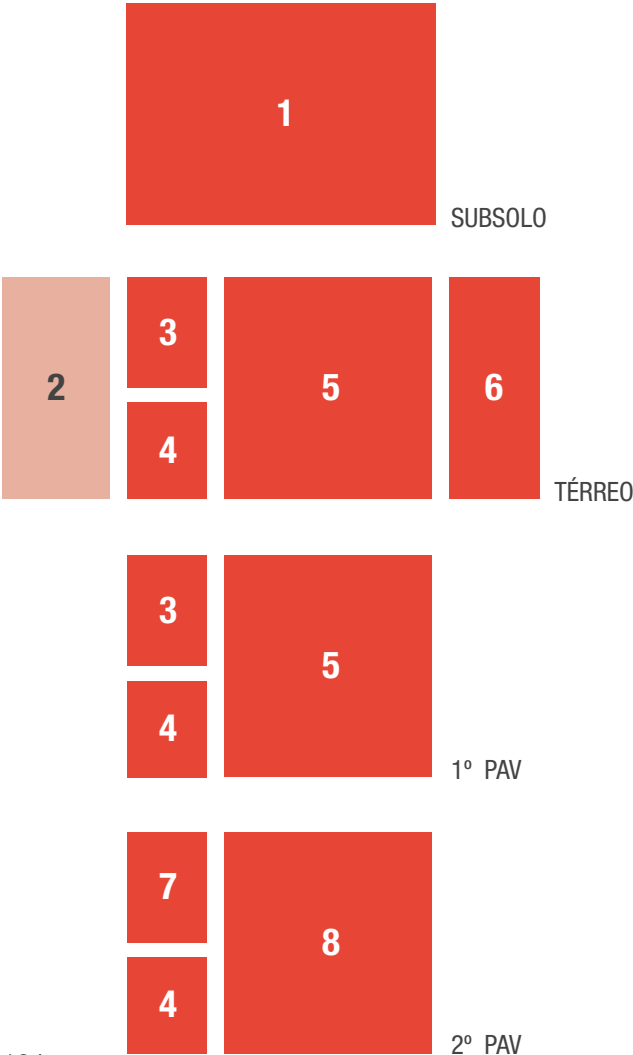
INSTITUIÇÕES PRÓXIMAS

Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social
Rua São Joaquim, 381 - Liberdade

ASSOCIAÇÃO DOS SHIZUOKA KENJIN DO BRASIL

Rua Vergueiro, 193 - Liberdade - São Paulo

A associação em si foi fundada em 1952 com o objetivo de reunir imigrantes da mesma província. A construção do espaço no ano de 1987 foi motivada para ser um local de integração e de apoio para residência para pessoas (principalmente estudantes) que se mudavam do interior para a capital, além de ser uma sede comum que tratasse de assuntos dos descendentes e fazer a ligação com o governo da província original o Japão. A edificação foi construída com ajuda financeira da província original e a escolha do local foi baseada na proximidade com a Liberdade e facilidade de acesso aos meios de transporte.



1. Estacionamento
2. Acesso externo
3. Banheiros
4. Circulação
5. Salão
6. Cozinha
7. Administração
8. Alojamentos

O ESPAÇO E SEU USO

EVENTOS PARA OS ASSOCIADOS

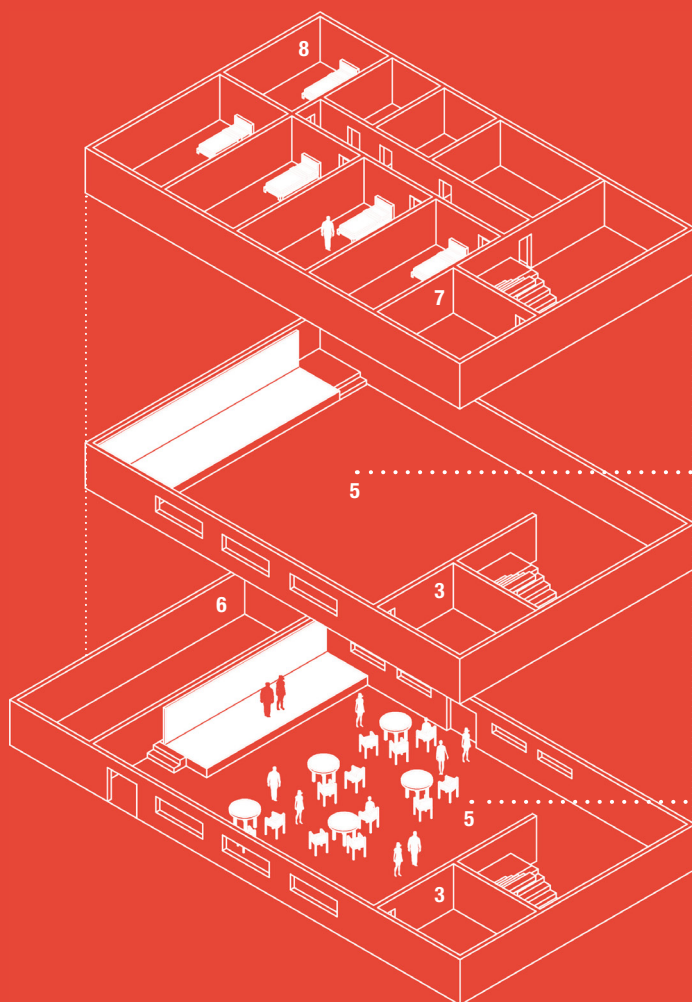
Shinnenkai (confraternização de ano novo), Bonenkai (confraternização de fim de ano) e excursão

DEMAIS EVENTOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Festival do Japão e concurso de karaokê

ATIVIDADES E CURSOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Karaokê (prática de canto), aulas de dança, aulas de karatê (arte marcial), aulas de taissô (ginástica) e tênis de mesa



SALÕES PARA EVENTOS, ATIVIDADES
E CURSOS



A COMUNIDADE

ASSOCIADOS

530 pessoas

“No meu caso específico, minha irmã mais velha acabou me trazendo para participar da associação, participo já há 10 anos. Na maioria das vezes a família é que acaba fazendo essa ligação. Depois que fiz 50 anos o que senti foi gratidão e queria retribuir a comunidade de alguma forma.”

“A fundação do kenjinkai não foge muito do que aconteceu com as outras associações, já que começou com a reunião de imigrantes da província de Shizuoka vindos do Japão devido às dificuldades econômicas de lá. Como os descendentes acabaram por ficar no Brasil, sempre valorizaram a cultura e educação e a construção da sede atual também foi motivada por isso, para ter alojamentos e dar apoio residencial aos estudantes que vinham do interior para a capital para continuar os estudos. Hoje, por exemplo, temos 7 estudantes morando aqui no alojamento. Por sorte a sede fica bem localizada em termos de proximidade com o metrô, além de ter sido pensada para estar perto do bairro da Liberdade. Houve uma época que havia um curso de inclusão digital para as pessoas da associação e do próprio bairro. Outro motivo era para a sede ser um espaço que representasse a província do Japão no Brasil.”

“Eu com 75 anos, sendo nissei e presidente da associação há 3 anos, entendo que o nosso objetivo é passar para os jovens a ligação com a cultura, valores e origens, bem como o direcionamento para conduzir a associação. O que vemos hoje é uma dificuldade na comunicação entre as gerações nessa passagem. Hoje as pessoas que frequentam as associações são contribuintes descendentes da província, ex-bolsistas que estudaram no Japão por um tempo e simpatizantes, sendo a maioria de São Paulo ou cidades próximas. Houve um certo esfriamento também no intercâmbio entre as associações, mas gostaria de retomar essa ligação com outras associações, fazendo eventos em conjunto. O que eu prevejo é que daqui uns 10 ou 15 anos esse modelo de associação não exista mais, mas sim alguma estrutura que seja mais centralizada para todas as entidades.”

NAGATO HARA (PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO)

A INSERÇÃO NA CIDADE

ASSOCIAÇÕES PRÓXIMAS

- 1. Associação Miyagui Kenjinkai do Brasil
Rua Fagundes, 152
- 2. Associação Cultural Gunma Kenjin do Brasil
Rua São Joaquim, 526
- 3. Associação Cultural Recreativa Okayama Kenjin do Brasil
Rua da Glória, 734
- 4. Fukushima Kenjinkai
Rua da Glória, 721
- 5. Associação Assistencial e Cultural Yamaguchi Ken do Brasil
Rua Pirapitingui, 72
- 6. Associação Aomori Kenjin do Brasil
Rua Doutor Siqueira Campos, 62
- 7. Centro Cultural Hiroshima do Brasil
Rua Tamararé, 800
- 8. Associação Cultural e Beneficente Sagaken do Brasil
Rua Pandiá Calógeras, 108
- 9. Associação Toyama Kenjin do Brasil
Rua Pandiá Calógeras, 97
- 10. Associação Cultural Niigata do Brasil
Rua Pandiá Calógeras, 153
- 11. Wakayama Kenjinkai Brasil
Rua Tenente Otávio Gomes, 88

INSTITUIÇÕES PRÓXIMAS

Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa
e de Assistência Social
Rua São Joaquim, 381 - Liberdade



ASSOCIAÇÃO DOS SHIZUOKA KENJIN DO BRASIL

USO DO SOLO

Uso misto: residencial, comercial e de serviços

RELAÇÃO COM VIZINHANÇA

A vizinhança participa dos cursos que são oferecidos e a associação encontra-se no bairro da Liberdade, com proximidade com muitas outras associações



0 100 200 m

ASSOCIAÇÃO CULTURAL **FUKUI** KEN DO BRASIL

Rua dos Estudantes, 15 - Liberdade - São Paulo

Fundada em 1954, quando a província japonesa passava por dificuldades devido à catástrofes, guerra e terremotos, objetivava realizar a colaboração para a reconstrução da província original, iniciando também contatos regulares entre os próprios imigrantes. A associação sempre possuiu sede em uma tipologia de sala e localização no bairro da Liberdade. Por ser uma sala, o espaço é utilizado como ambiente social no qual são realizadas reuniões e palestras, mas para eventos de grande porte são alugados salões de outras associações. Possui forte ligação com a província no Japão, por meio de apoio financeiro, bem como intercâmbio social e cultural.

1

2

3

4

5

SALA

1. Hall
2. Cozinha
3. Banheiros
4. Administração
5. Sala



O ESPAÇO E SEU USO

EVENTOS PARA OS ASSOCIADOS

Shinnenkai (confraternização de ano novo), Keirokai (confraternização em homenagem aos idosos), Bonenkai (confraternização de fim de ano) e reuniões

DEMAIS EVENTOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

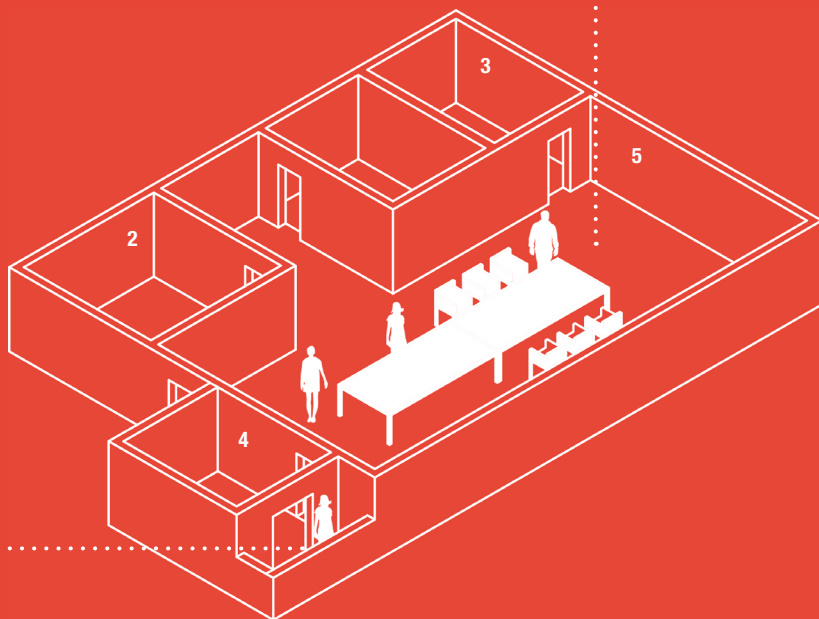
Festival do Japão

ATIVIDADES E CURSOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Palestras



SALA PARA REUNIÕES E
PALESTRAS



A COMUNIDADE

ASSOCIADOS

300 pessoas

“Não sou descendente da província de Fukui, mas fui bolsista estagiária em 1981 pela associação de Fukui. Como trabalhava com estética na época e surgiu essa oportunidade de bolsa resolvi tentar. Depois de uns 4 ou 5 anos comecei a participar dos eventos e ajudo como voluntária até hoje. Como trabalhava perto isso facilitava e agora que eu me aposentei acabo vindo sempre. Hoje existem alguns bolsistas da área de gastronomia que estudaram no Japão e hoje participam bastante, inclusive por trabalharem aqui na Liberdade.”

“A associação foi fundada em 1954 e no começo as reuniões eram feitas nas casas de um associado, depois de outro e assim por diante. Depois disso a associação sempre teve sede em sala, a mudança para a sala atual aconteceu em 1994. Os associados são na maioria descendentes da província, mas também são muitas pessoas que não tem essa ligação direta. A maior parte é da cidade de São Paulo mesmo, mas existe uma comunidade em São Miguel Arcanjo, já que os imigrantes foram mandados para essa região para o cultivo de frutas. Como não tem espaço na associação acabamos não fazendo tantas atividades, além de ter diminuído a quantidade de associados. Antigamente juntava 4 ou 5 kenjinkais e eram feitos torneios de esportes e festas em conjunto. Mas estamos tentando fazer mais atividades, como alguns matsuris em conjunto com outras associações.”

“Aqui na associação são dois conjuntos, com espaço para o escritório e uma sala onde acontecem os eventos durante o ano. O espaço é mais usado aos domingos para reuniões e durante a semana não é muito usado. Para celebrações maiores, usamos os espaços dos salões de outras associações.”

REIKO ISHIZU (VOLUNTÁRIA DA ASSOCIAÇÃO)

A INSERÇÃO NA CIDADE

ASSOCIAÇÃO CULTURAL FUKUI KEN DO BRASIL

USO DO SOLO

Uso misto: residencial, comercial e de serviços

RELAÇÃO COM VIZINHANÇA

A vizinhança participa dos cursos que são oferecidos e a associação encontra-se no bairro da Liberdade, com proximidade com muitas outras associações



ASSOCIAÇÕES PRÓXIMAS

1. Associação Cultural e Recreativa Nagano Kenjin do Brasil
Praça da Liberdade, 130 - Sala 910
2. Brasil Hyogo Kenjinkai | Associação Nagasaki Kenjin do Brasil
Rua da Glória, 332 - Sala 124 | Salas 61/62
3. Gifu Kenjinkai do Brasil
Rua da Glória, 279 - Sala 21
4. Associação Aichi do Brasil
Rua Santa Luzia, 74
5. Associação Okinawa Kenjin do Brasil
Rua Tomás de Lima, 72
6. Associação Beneficente e Cultural Miyasaki | Yamagata Kenjinkai do Brasil
Avenida Liberdade, 486 - Salas 21/22 | Salas 24/25/26
7. Associação Cultural e Assistencial Iwate Kenjinkai do Brasil
Rua Tomás Gonzaga, 95 - 1º andar
8. Associação Cultural Ehime Kenjin Brasil
Rua da Glória, 470
9. Associação Miyagui Kenjinkai do Brasil
Rua Fagundes, 152
10. Associação Cultural Recreativa Okayama Kenjin do Brasil
Rua da Glória, 734
11. Fukushima Kenjinkai
Rua da Glória, 721
12. Associação Cultural Gunma Kenjin do Brasil
Rua São Joaquim, 526

INSTITUIÇÕES PRÓXIMAS

Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social
Rua São Joaquim, 381 - Liberdade

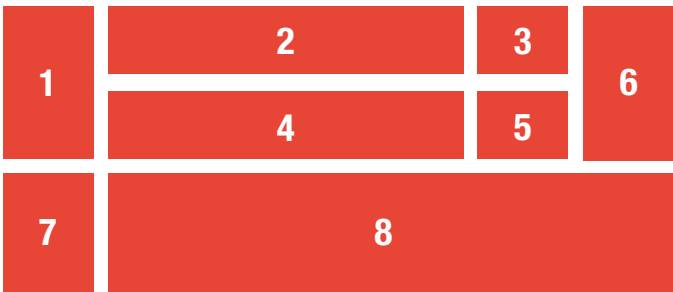


0 100 200 m

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ASSISTENCIAL KANAGAWA

Rua Major Newton de Feliciano, 75 - Vila Mariana - São Paulo

Pelo fato da província original do Japão ter característica industrial, poucos imigrantes eram provenientes desta província e, deste modo, o número de associados é menor. A assembleia de fundação da associação ocorreu em abril de 1965. Foi relatado que a sede original antes da compra da casa atual ficava localizada na Vila Madalena, possuindo um espaço de galpão e estacionamento.



TÉRREO

- 1. Garagem/salão
- 2. Circulação
- 3. Banheiros
- 4. Sala de reunião
- 5. Alojamentos
- 6. Cozinha
- 7. Casa do caseiro
- 8. Jardim
- 9. Cozinha dos alojamentos



1º PAV



O ESPAÇO E SEU USO

EVENTOS PARA OS ASSOCIADOS

Shinnenkai (confraternização de ano novo), Keirokai (confraternização em homenagem aos idosos), Bonenkai (confraternização de fim de ano), Mochitsuki (evento para fazer alimento a base de arroz), viagens e reuniões

DEMAIS EVENTOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

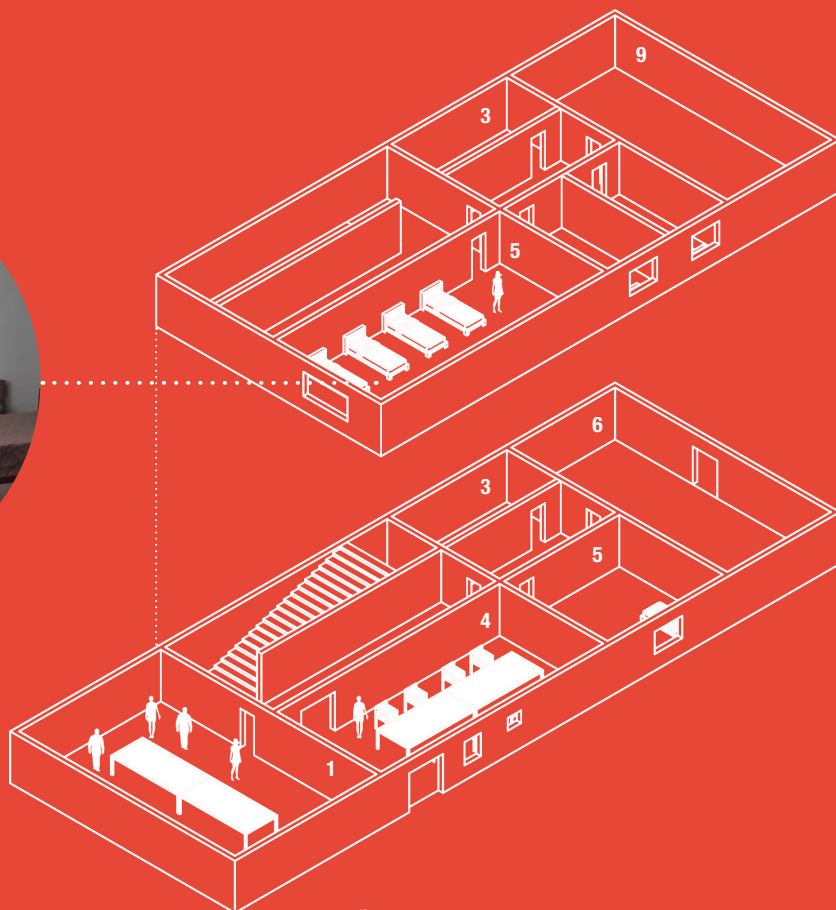
Festival do Japão

ATIVIDADES E CURSOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Curso de culinária



ALOJAMENTOS



A COMUNIDADE

ASSOCIADOS

200 pessoas

“Para associação de Kanagawa não existiu uma preferência de localização. Uma ou outra associação está mais longe por disponibilidade de imóvel ou estar perto da comunidade que mora no bairro. Nessas com tipologia de sobrado como é o caso de Kanagawa, normalmente são feitas reformas para que possam acontecer os eventos da associação. Mas hoje não estão sendo feitos pelas associações projetos de mudança de lugar da sede.”

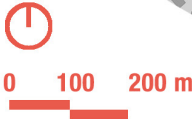
“A história da associação começou provavelmente em 1965. A que ouvimos é de que um grupo de pessoas que se conhecia, principalmente moradores do Brás e que trabalhavam pela região, se reuniram e começaram a discutir a fundação do kenjinkai. Inclusive muitos desses conhecidos não eram descendentes diretos da província, mas tinham alguma ligação com a região. Como essa província era mais industrial no Japão, poucas pessoas acabaram vindo para trabalhar no Brasil, por isso a quantidade de associados já é pequena desde o início. No início tinha uma sede na Vila Madalena e com a venda dessa sede acabaram por comprar a casa que hoje é a associação.”

CONVERSA COM MILTON TOSHIKI GUIOTOKO (TESOUREIRO DA ASSOCIAÇÃO) E OUTROS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO

A INSERÇÃO NA CIDADE

ASSOCIAÇÕES PRÓXIMAS

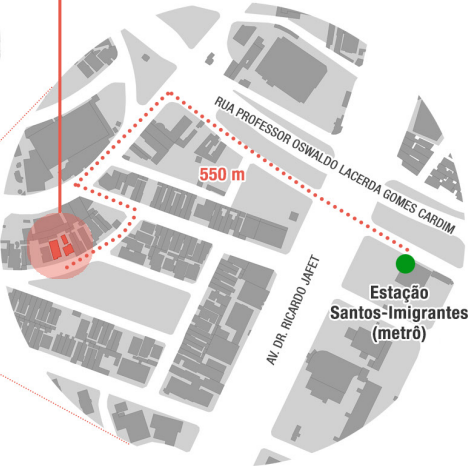
- 1. Associação Beneficente dos Provincianos de Osaka Naniwa-Kai
Rua Domingos de Moraes, 1581 - Vila Mariana
- 2. Associação Cultural e Recreativa Akita Kenjin Brasil Associação Cultural e Recreativa Nara Kenjinkai do Brasil
Avenida Lins de Vasconcelos, 3390
- 3. Associação Cultural e Assistencial Mie Kenjin do Brasil
Avenida Lins de Vasconcelos, 3352



ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ASSISTENCIAL KANAGAWA

USO DO SOLO
Uso misto: residencial

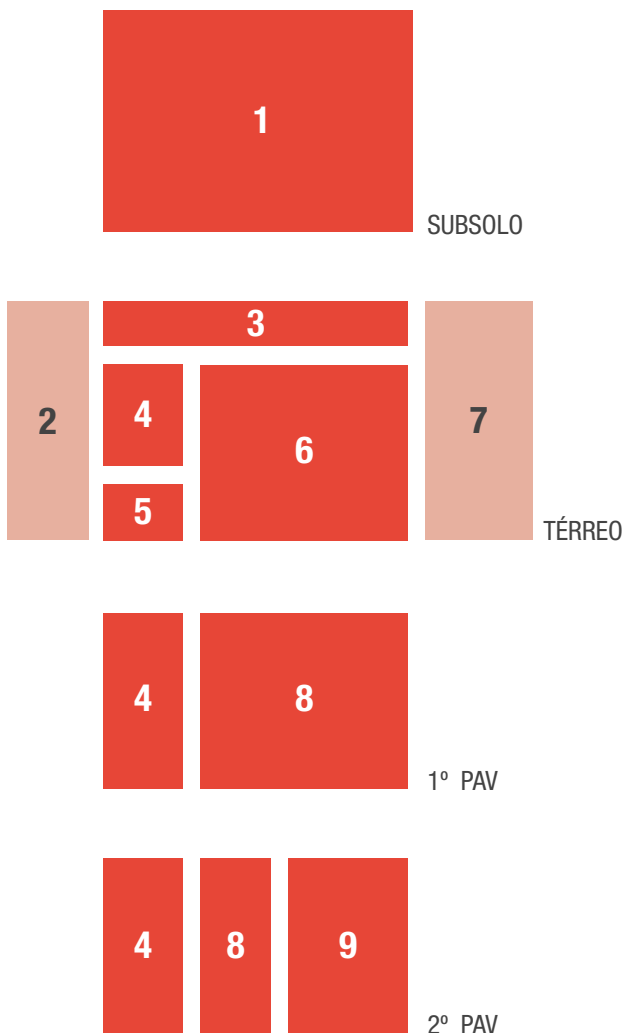
RELAÇÃO COM VIZINHANÇA
Participação nos cursos e eventos que são oferecidos



ASSOCIAÇÃO CULTURAL **TOTTORI** KENJIN DO BRASIL

Rua Dona Cesária Fagundes, 323 - Saúde - São Paulo

A associação foi fundada em 1952 motivada pelo sentimento de união e assistência a um incêndio ocorrido na província de origem. De forma geral, como a construção da sede foi mais tardia que as demais associações, buscou-se um lote com dimensões maiores. O edifício foi construído em 1995 no lote que pertencia à uma casa, aproveitando-se o jardim já existente. Atualmente, a vizinhança participa de cursos e de eventos que acontecem no local. No período da realização da visita, a sede passava por uma reforma visando a construção de banheiros acessíveis.



- 1. Estacionamento
- 2. Acesso externo
- 3. Circulação
- 4. Banheiros e circulação
- 5. Administração
- 6. Salão
- 7. Jardim
- 8. Salas de aula
- 9. Salão de dança



O ESPAÇO E SEU USO

EVENTOS PARA OS ASSOCIADOS

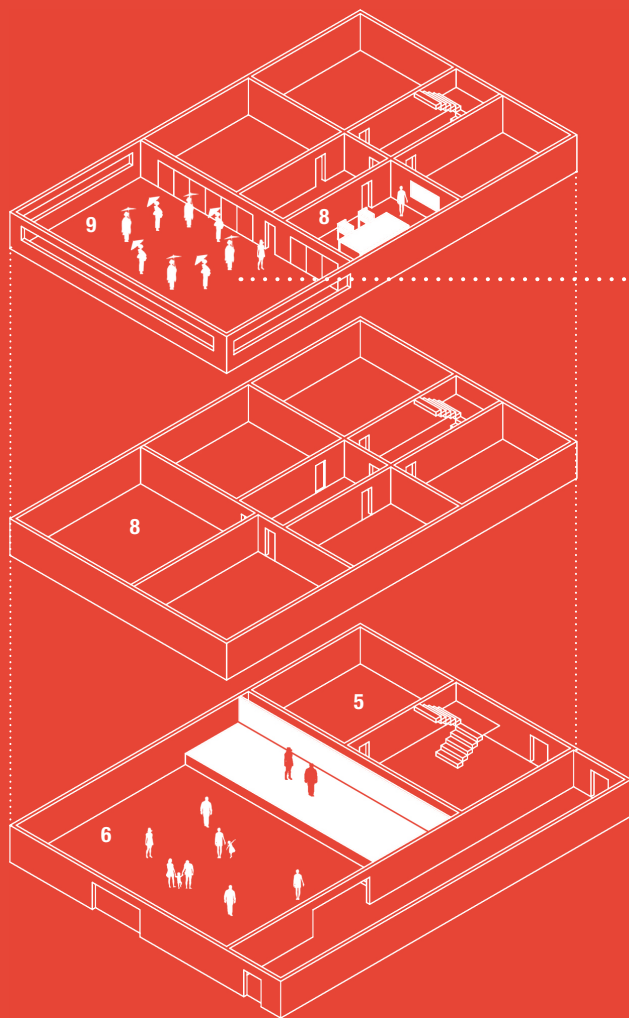
Shinnenkai (confraternização de ano novo), Keirokai (confraternização em homenagem aos idosos), Bonenkai (confraternização de fim de ano) e reuniões

DEMAIS EVENTOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Undokai (gincana poliesportiva), Festival do Japão e venda de comidas típicas

ATIVIDADES E CURSOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Escola de idiomas (japonês e inglês), Kenko Taissô (ginástica), Kassa Odori (dança típica), Haiku-kai (poema curto de origem japonesa), Soroban (instrumento de cálculo japonês), Shodô (arte japonesa da escrita), Mangá (história em quadrinhos no estilo japonês), Karaokê (prática de canto), entre outros



KASSA ODORI



AULAS DE JAPONÊS

A COMUNIDADE

ASSOCIADOS

460 pessoas

“Que eu me lembre o primeiro lugar de reunião dos descendentes da província foi na Liberdade e em 1995 foi construída a sede que estamos hoje. Antes tinha uma casa no terreno, mas não foi aproveitado quase nada da estrutura, só o jardim, que ainda existe. Como na Liberdade não havia muitos terrenos e eles eram muito caros, esse terreno foi escolhido. De manhã a associação quase não é usada, a maioria dos usos acontece à tarde e à noite. Nos finais de semana é mais usada por causa do aluguel dos salões. O que eu percebo frequentando o bairro é que tem muitas pessoas da comunidade que moram por perto. A vizinhança também conhece a associação e participa de cursos e eventos que acontecem. Há 10, 20 anos sei que aconteceram muitas reclamações por ser um bairro residencial e ter karaokê que fazia muito barulho, mas que hoje em dia não tem mais. Por Tottori ser parte do bloco Chugoku das províncias do Japão, tem relação com as outras províncias do bloco. Fazemos vários eventos juntos, como o keirokai e undokai. O undokai é feito em Diadema, um espaço grande do kenjinkai de Okinawa.”

“Quando eu comecei a trabalhar aqui em 1997 não tinham tantos cursos como existem hoje. Eu trabalhava como secretária em uma clínica de massagem e uma das pessoas de lá conhecia a associação e me indicou para trabalhar aqui. Quando cheguei aqui eu não sabia falar nem escrever japonês, mas não foi problema porque meu serviço aqui não precisava saber o idioma, mas era uma forma de me manter perto da cultura. Participo dos eventos que acontecem e gosto muito de trabalhar na associação e conhecer o pessoal que frequenta aqui.”

DINA YABUTA (SECRETÁRIA DA ASSOCIAÇÃO)

“A fundação da associação foi motivada pelo sentimento de união para ajudar a província de origem, que tinha sofrido um grande incêndio, destruindo muitos lugares. Depois desse primeiro momento, a união aconteceu mais pelo sentimento dos imigrantes se ajudarem no Brasil. O que vejo de importante hoje é a questão da renovação, dentro da própria diretoria da associação hoje temos 14 pessoas, sendo 8 mais jovens.”

TADASHI SUENAGA (PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO)

A INSERÇÃO NA CIDADE



ASSOCIAÇÕES PRÓXIMAS

1. Associação da Província de Kagawa no Brasil
Rua Itaipá, 422
2. Associação Cultural e Recreativa Yamanashi
Kenjin do Brasil
Rua Ituxá, 40

ASSOCIAÇÃO CULTURAL TOTTORI KENJIN DO BRASIL

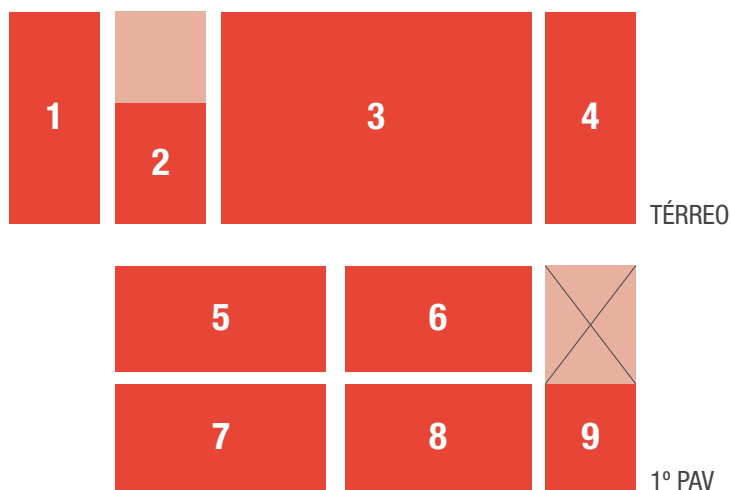
USO DO SOLO
Uso misto: residencial

RELAÇÃO COM VIZINHANÇA
Participação nos cursos e eventos
que são oferecidos

ASSOCIAÇÃO ISHIKAWA KEN DO BRASIL

Rua Tomás Carvalhal, 184 - Paraíso - São Paulo

Em 1917 as quatro primeiras famílias de imigrantes da província chegaram no Brasil. Aos poucos, foram se espalhando para o interior dos estados de São Paulo e Paraná. Aqueles que permaneceram na cidade de São Paulo fundaram em 1937 a associação, como um ponto de encontro para socialização e divulgação de notícias, mas somente em 1995 a sede principal foi construída.



1. Oficina de cerâmica
2. Cozinha
3. Salão
4. Entrada e circulação vertical
5. Administração
6. Banheiros
7. Biblioteca e sala de aula
8. Sala cerimônia do chá
9. Circulação vertical



O ESPAÇO E SEU USO

EVENTOS PARA OS ASSOCIADOS

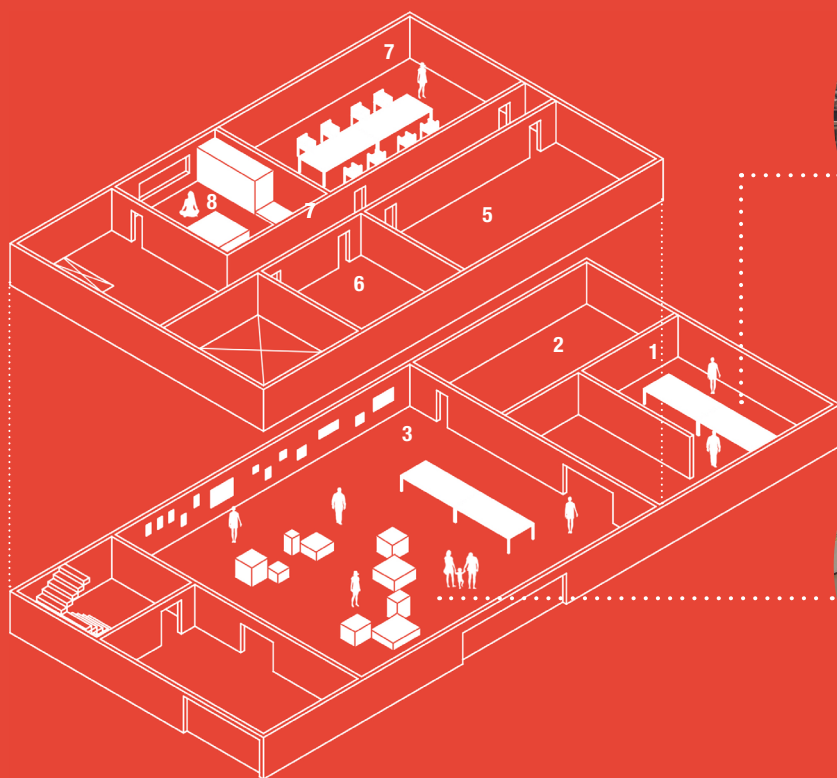
Shinnenkai (confraternização de ano novo), Keirokai (confraternização em homenagem aos idosos), Bonenkai (confraternização de fim de ano), evento organizado pelo Seinen-bu (associação de jovens) e reuniões

DEMAIS EVENTOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Venda de comidas típicas, Bunka-sai (festival de cultura japonesa) e Festival do Japão

ATIVIDADES E CURSOS PARA O PÚBLICO NO GERAL

Etegami (pintura com mensagem), aquarela, Ikebana (arranjos florais), aulas de cerâmica e Haiku-kai (poema curto de origem japonesa)



ATELIÊ DE CERÂMICA



BUNKA-SAI

A COMUNIDADE

ASSOCIADOS

428 pessoas

“A primeira imigração de pessoas de Ishikawa aconteceu em 1917, a primeira leva foi de 1737 famílias. Alguns imigrantes iam para o interior e outros ficavam ou se mudavam para São Paulo por questão de oportunidade mesmo. Como não tinham como se encontrar, se encontravam em restaurantes ou outros lugares e iam ajudando as pessoas que vinham da província. Em 1937 fundaram a associação, com o principal objetivo de ser um lugar de encontro para conversar sobre notícias do Japão. Em 1995 foi construída a sede, na época procuraram vários lugares, mas levaram em consideração a distância com o metrô e o centro da cidade.”

“Estamos trabalhando para trazer os nisseis e sanseis para a associação. Enquanto existirem os programas de bolsa eu acho que é um chamariz para os jovens participarem das atividades. Na associação de Ishikawa existe o Seinen-bu (departamento de jovens), que tem responsabilidade de alguns eventos e participam da diretoria. Aqui participam tanto descendentes como simpatizantes. O que eu vejo é que a cultura gastronômica é que se manteve mais, principalmente com o Festival do Japão.”

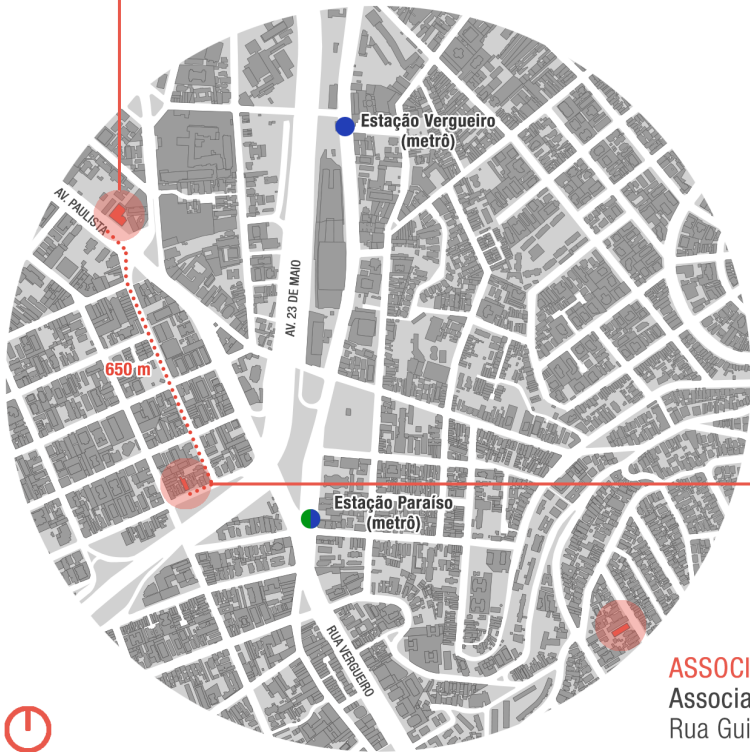
“Na verdade quem veio primeiro foi minha irmã, que foi bolsista e depois de voltar começou a trabalhar na associação. Depois disso o governo de Ishikawa começou a convidar pessoas para voltarem para conhecer o Japão, aí comecei a frequentar também e em 2002 participei desse programa. Depois que eu voltei comecei a me dedicar mais ao kenjinkai. Em 2005 virei vice-presidente e em 2013, fui eleito como presidente. Sou aposentado, mas pretendo ficar aqui por mais 1 ano. Quando entrei aqui nas reuniões só era falado em japonês.”

GERALDO MORINAGA (PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO) E **MARCIA SHINOTSUKA** (SECRETÁRIA DA ASSOCIAÇÃO)

A INSERÇÃO NA CIDADE

INSTITUIÇÕES PRÓXIMAS

Japan House
Avenida Paulista, 52 - Bela Vista



ASSOCIAÇÃO ISHIKAWA KEN DO BRASIL

USO DO SOLO
Uso misto: residencial e comercial

RELAÇÃO COM VIZINHANÇA
De forma geral, os vizinhos participam dos cursos que são oferecidos na associação

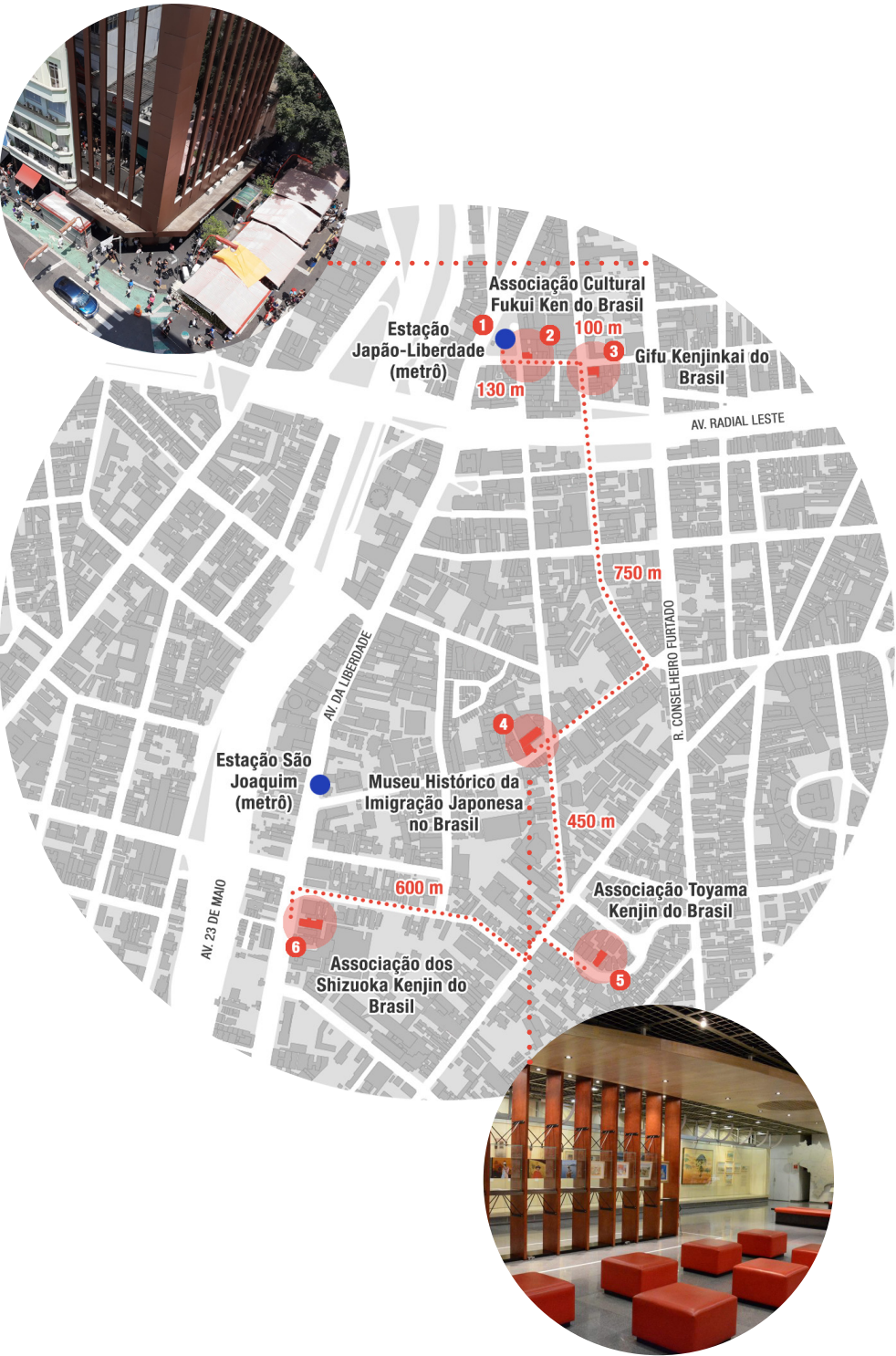
ASSOCIAÇÕES PRÓXIMAS
Associação Kumamoto Kenjin do Brasil
Rua Guimarães Passos, 142 - Vila Mariana



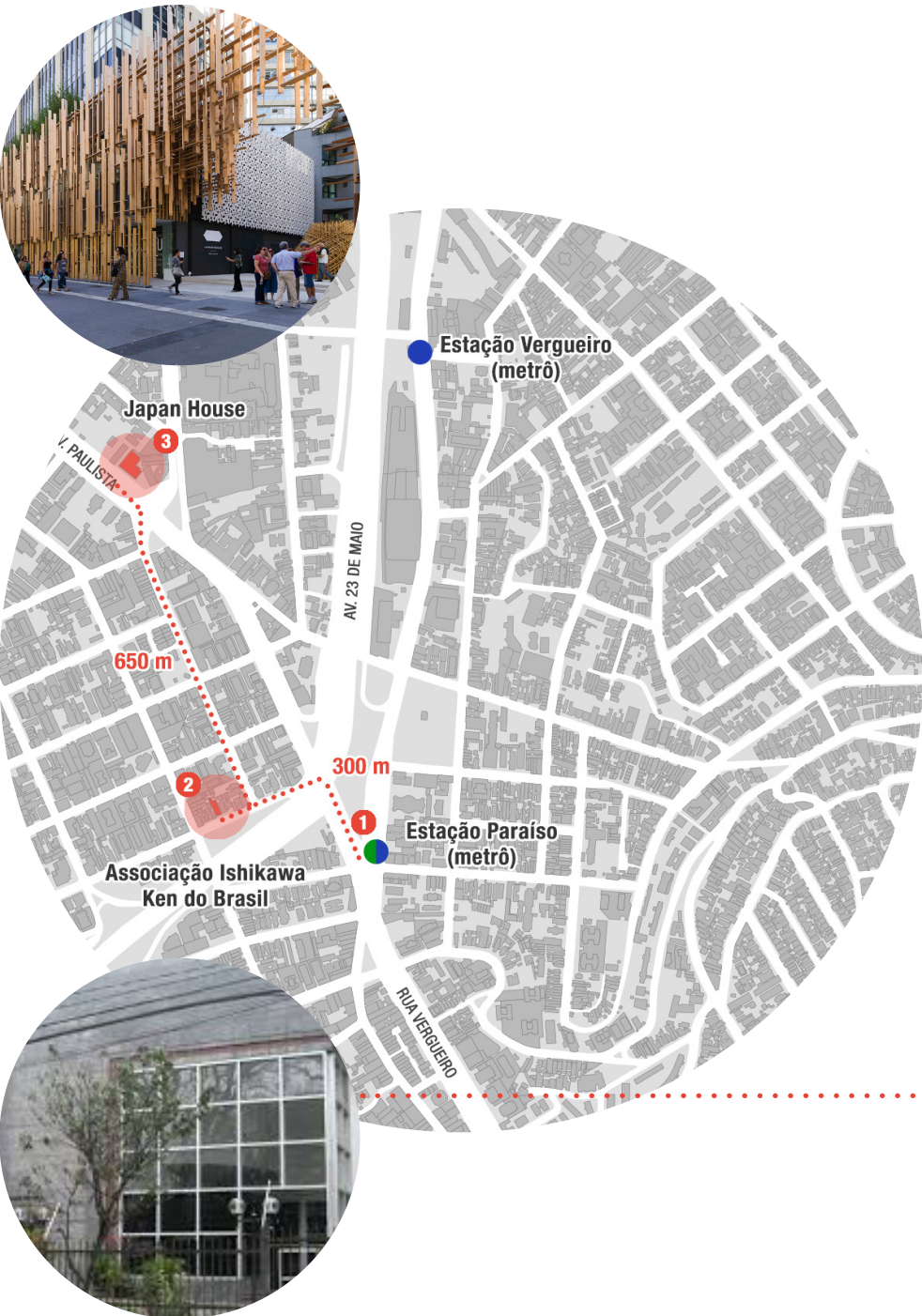
0 250 500 m

O ROTEIRO

ROTEIRO 1: LIBERDADE



ROTEIRO 2: PARAÍSO



EVENTOS PARA ASSOCIADOS

JANEIRO / FEVEREIRO

Shinnenkai: confraternização para comemoração de ano novo

SETEMBRO

Keirokai: confraternização de homenagem dos idosos

NOVEMBRO/DEZEMBRO

Bonenkai: confraternização de comemoração de fim de ano

Mochitsuki: evento para se fazer mochi, um tipo tradicional de bolinho de arroz

EVENTOS PÚBLICOS

ABRIL

Undokai: gincana poliesportiva (Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil)

Evento gastronômico: venda de comidas típicas (Associação Ishikawa Ken do Brasil)

JUNHO

Bunka-sai: festival de cultura japonesa (Associação Ishikawa Ken do Brasil)

JULHO

Festival do Japão: evento organizado pelas associações de província e entidades culturais que acontece na cidade de São Paulo, contando com atrações típicas

OUTUBRO

Concurso de karaokê (Associação dos Shizuoka Kenjin do Brasil)

Evento gastronômico: venda de comidas típicas (Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil)

Roteiros guiados (exemplos: 1 - Liberdade e 2 - Paraíso)

NOVEMBRO

Exposição de pintura (Gifu Kenjinkai do Brasil)

SEM DATA FIXA

Curso de culinária (Associação Toyama Kenjin do Brasil)

ATIVIDADES E CURSOS

AULAS DE JAPONÊS

Local: Associação Toyama Kenjin do Brasil e Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil

CERÂMICA

Local: Associação Ishikawa Ken do Brasil

CURSO DE CULINÁRIA

Local: Associação Toyama Kenjin do Brasil e Associação Cultural e Assistencial Kanagawa

DANÇAS TÍPICAS

Gujo Odori: dança típica da região de Gifu no Japão

Local: Gifu Kenjinkai do Brasil

Kassa Odori: dança típica com a utilização de sombrinhas coloridas

Local: Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil

ESPORTES

Karatê: arte marcial japonesa

Local: Associação dos Shizuoka Kenjin do Brasil

Taissô: exercícios de ginástica acompanhados de música e instruções

Local: Associação dos Shizuoka Kenjin do Brasil e Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil

ETEGAMI: pintura com mensagem

Local: Associação Ishikawa Ken do Brasil

HAIKU-KAI: poema curto de origem japonesa

Local: Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil e Associação Ishikawa Ken do Brasil

IKEBANA: arranjos florais

Local: Associação Ishikawa Ken do Brasil

KARAOKE: prática em que cantores amadores performam músicas instrumentais

Local: Associação dos Shizuoka Kenjin do Brasil e Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil

MANGÁ: história em quadrinhos no estilo japonês

Local: Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil

SHODÔ: arte japonesa da escrita

Local: Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil

SOROBAN: instrumento de cálculo japonês

Local: Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil

ZENIDAIKO: performance em que são usados bastões de bambu com moedas no interior

Local: Associação Cultural Tottori Kenjin do Brasil

AS POSSIBILIDADES

Possibilidades além do guia

Entendendo que o guia visa ser um material base para outras formas de divulgação, toda a documentação compilada na forma de guia virtual pode ser utilizada pelas próprias associações ou demais entidades culturais para estruturação de resultados físicos tais como um livro ou exposição, até mesmo virtuais, tais como um site, blog, redes sociais, podcasts, entre outros. Uma primeira experimentação feita trata-se do mapeamento colaborativo, vamos construir isso juntos?



Saiba mais:

Casa de Cultura Japonesa: <http://clinguas.fflch.usp.br/ccj>

Federação das Associações de Províncias do Japão no Brasil: <http://www.kenren.org.br/>

Levantamento dos “kaikans” pelo Centro de Estudo Nipo Brasileiros: http://nw.org.br/sistema/showMap_cj/

Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil: <http://www.museubunkyo.org.br/>

Pavilhão Japonês: <https://www.bunkyo.org.br/br/pavilhao-japones/>

Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social: <http://www.bunkyo.org.br>

REFERÊNCIAS

FIGURAS

P. 102

<https://www.museucasadeportinari.org.br/exposicao-estacao-brodowski/cafe_e_imigrantes.html>

P. 103

<<http://www.museubunkyo.org.br/fotos/index.html>>

P. 104

<<http://www.museudaimigracao.org.br/sobre-o-mi/historia>>

P. 105

Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

P. 113

<<https://www.bunkyo.org.br/br/pavilhao-japones/>>

<<https://www.japanhouse.jp/saopaulo/event/artesaos.html>>

P. 121

<<https://www.facebook.com/gifukenjinkaibr/>>

P. 125

<<http://upk.org.br/home/xxi-concurso-de-karaoke-da-associacao-shizuoka/>>

P. 137

<http://www.jwave.com.br/2011/07/14-festival-do-japao-festival/100_0301-2/>

P. 141

<<http://www.ishikawaken.com/>>

P. 145

<<http://www.ishikawaken.com/>>

<<http://www.museubunkyo.org.br/>>

<<https://kenren.org.br/antigaversao/2014/05/02/15o-undokai-do-bloco-chugoku-foi-no-centro-cultural-okinawa-do-brasil-em-diadema/>>

<<https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000763289/sao-paulo-recebe-ultimo-dia-de-festival-do-japao.html>>

Demais imagens não mencionadas anteriormente são de acervo pessoal ou elaboradas pela autora.



**Guia produzido no Trabalho Final
de Graduação:
CULTURA E EXPERIÊNCIAS
NIPO-BRASILEIRAS
NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Laís Miki Inoue Nagano

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Claudia
Veiga de Castro

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de São Paulo

São Paulo
2º semestre | 2020

**GUIA DE CULTURA E EXPERIÊNCIAS NIPO-BRASILEIRAS
NA CIDADE DE SÃO PAULO**

São Paulo
2020

**CULTURA E EXPERIÊNCIAS NIPO-BRASILEIRAS
NA CIDADE DE SÃO PAULO**

**São Paulo
2020**